



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

ANA PAULA DE ARAÚJO RIBEIRO

**São Vicente (RN) nos primeiros anos da TV:**

Memória, sociabilidade e cotidiano

NATAL, RN  
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

ANA PAULA DE ARAÚJO RIBEIRO

**São Vicente (RN) nos primeiros anos da TV:**

Memória, sociabilidade e cotidiano

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Kênia Beatriz Ferreira Maia.

NATAL/RN  
2012

ANA PAULA DE ARAÚJO RIBEIRO

**São Vicente (RN) nos primeiros anos da TV:**

Memória, sociabilidade e cotidiano

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Kênia Beatriz Ferreira Maia  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Orientadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Osvaldo Meira Trigueiro  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinador Externo

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Angela Pavan  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Examinador Interno

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Juciano de Sousa Lacerda  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Examinador Suplente

Aos pedaços mais preciosos de mim,  
minha família, especialmente meus pais,  
irmãos e meus amados sobrinhos (as),  
Laurentino, Lauan e Maria Eduarda.

## AGRADECIMENTOS

**E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas.**

**Caminhos do Coração. (Gonzaga Jr.)**

A Deus, por ser a grande luz a iluminar todos os dias da minha vida; Ao Mestre Jesus, a Nossa Senhora e a toda espiritualidade divina, que me concederam força e proteção para seguir neste caminho.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Kênia Beatriz Ferreira Maia, pela orientação, paciência e confiança nesse projeto.

Aos meus pais, alicerce da minha vida, em especial, meu pai Eduardo Ribeiro por todo apoio e ajuda financeira.

À Capes, pelo suporte financeiro através da bolsa de estudos de Demanda Social, e pela experiência proporcionada através do Curso de Formação a Docência.

Aos professores do PPgEM, pela troca de experiências e conhecimentos adquiridos que impulsionaram meu crescimento.

Aos colegas do Curso de Mestrado, turma 2010, pela convivência amigável e produtiva, e de modo especial a: Anna Karinna Dantas Bevilaqua, por sua amizade, apoio e ajuda; a Helton Rubiano de Macedo e Libny Silva Freire por suas valiosas contribuições durante o curso;

A todos os colegas que conheci durante as disciplinas cursadas, e que dividiram comigo os seus conhecimentos;

Ao professor Juciano de Sousa Lacerda pelo apoio na realização do Estágio de Docência e por suas relevantes contribuições;

A Secretaria do PPgEM, pela disponibilidade de ajuda com todas as burocracias necessárias durante o percurso do curso.

A minha irmã Patrícia Maria pelo apoio e por aquela solidariedade que só os laços de família são capazes;

Ao meu cunhado Erivan Freitas, por sua disponibilidade e ajuda nas idas e vindas a Natal (RN) e a outros lugares, sempre que necessário, viabilizando minha participação nas atividades de pesquisas, encontros, congressos e seminários;

Aos meus sobrinhos Laurentino Airton e Lauan Henrico, pelos momentos mais reais e ingênuos de felicidade.

Aos meus colegas que souberam entender minhas ausências e distâncias.

Aos amigos mais próximos e especiais, que torceram por mim, me apoiando com palavras de incentivo e motivação. Especialmente, a Emanuela Alves, pelo carinho, incentivo e sugestões amigas.

Aos entrevistados dessa pesquisa, pela troca de experiências, pela receptividade, gentileza e presteza que me receberam nas suas casas. Sem vocês, esse trabalho não teria vida.

Ao núcleo do Grupo de Oração Ieshuá por compreenderem as minhas ausências e rezarem por mim.

Institucionalmente, agradeço a Prefeitura Municipal de São Vicente (RN), pelo afastamento legal das atividades de trabalho durante parte do curso.

Por fim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta, na realização dessa pesquisa.

Aqueles que de alguma maneira acreditaram na minha vitória, minha sincera gratidão.

*Durante muito tempo, o mundo acadêmico não refletiu o suficiente sobre a televisão, como se ela não fosse um objeto de conhecimento “nobre”! Muitos consideravam que tudo era simples: não se havia nada a se esperar da televisão! Na realidade, a elite cultural e intelectual não se interessava muito pela televisão porque tinha outros instrumentos culturais à sua disposição! Esse, porém, não é o caso de milhões de pessoas para quem ela é, ao contrário, o principal instrumento de informação, de cultura e de distração.*

*Dominique Wolton*

## RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade refletir sobre o cotidiano vicentino e suas práticas de sociabilidade nos primeiros anos da presença da televisão na cidade de São Vicente (RN), a partir das memórias dos protagonistas que presenciaram a inserção dos primeiros aparelhos de TV nos inícios da década de 1970. Dessa maneira, a pesquisa foi norteadas por algumas indagações consideradas pertinentes ao estudo no sentido de compreender as mudanças mais significativas no cotidiano vicentino impulsionadas pela chegada da TV em algumas residências particulares, que logo se transformaram em local de encontro, lazer e sociabilidade. Nessa época, a TV exercia o papel de aglutinar e unir as pessoas. Essas casas, reinventadas em espaços de sociabilidade eram sancionadas pelos diversos atores que se reuniam diariamente para contemplar a programação televisiva. Essa popularidade da televisão era mensurada pelos mutirões de pessoas que se deslocavam de suas casas para os lares que tinham esse aparelho técnico. Cada lar, com sua singularidade e peculiaridade, atraía a população cuja frequência a esses espaços era constante. Claro que as pessoas continuavam a sentarem nas calçadas, a realizar os passeios noturnos nas ruas e na praça, mas logo que chegava o horário dos programas preferidos, entravam em seus lares ou saíam para as residências que possuíam TV, no desígnio de acompanhar esses programas audiovisuais. Usamos a memória oral como metodologia principal, no intuito de interpretar as memórias narradas pelas pessoas que vivenciaram esse momento no período pesquisado. Para tanto, foi construída uma narrativa que põe em relevo as categorias memória, mídia, práticas sociais, cotidiano e que, portanto, tem nos aportes teóricos e metodológicos de autores das Ciências Humanas e Sociais seu principal alicerce. Na pesquisa de campo, nos utilizamos das entrevistas em profundidade, visto que as narrativas dos entrevistados constituem nossa pesquisa. A importância de um estudo de tal ordem está não só na compreensão da TV como uma mediadora essencial para a interação dos sujeitos no campo social, no período de 1970 em São Vicente (RN), mas também para o desvendamento de sua relação com as rotinas diárias dos vicentinos, alicerçadas em conjunturas e simbologias que regularam a conduta e reordenaram as práticas sociais e de sociabilidades desses sujeitos. Nesse sentido, a feitura de um trabalho sobre a presença da TV na cidade de São Vicente (RN) é de suma relevância também à história dessa mídia no âmbito nacional, isso porque nada mais é que um conjunto de múltiplas histórias.

Palavras-chaves: Memória. Televisão. Sociabilidade. Cotidiano.

## ABSTRACT

The present work aims to reflect on the everyday and its Vincentian practices of sociability in the early years of the presence of television in the city of São Vicente (RN), from the memories of the protagonists who witnessed the first insertion of TV set in the beginning of 1970s. Thus, the research was guided by some questions deemed relevant to the study in order to understand the most significant changes in the daily Vincentian boosted by the arrival of television in some private houses, which soon became a meeting place, recreation and sociability. At that time, filled the role of TV unites and brings people together. These houses, reinvented in spaces of sociability, were sanctioned by the various actors who gathered daily to include television programming. This popularity of television was measured by the joint efforts of people who moved their homes to homes that had this technical device. Each home with their uniqueness and peculiarity, which attracted the population frequency of these spaces were frequent. Of course people still sit on the sidewalks, to be held the night rides in the streets and square, but soon came to the program schedule Preferred came into leaving their homes or to homes that had TV, watch them in the design of audiovisual programs. We use the oral memory as the principal methodology in order to interpret the memories recounted by people who lived in that time period studied. For this purpose we constructed a narrative that highlights the categories memory, media, social practices, everyday life and thus has the theoretical and methodological contributions of authors of humanities and social sciences its main foundation. In field research in the use of in-depth interviews, since the narratives of our research is interviewed. The importance of a study of such order, is not only in understanding the TV as an essential mediator for the interaction of individuals in society, from 1970 in São Vicente (RN), but also for the unveiling of his relationship with the daily routines of the Vincentians, founded in environments and symbols that regulated the conduct and reordered the social practices and sociability of these subjects. In this sense, the making of a work on the presence of TV in the city of São Vicente (RN) is also of paramount importance for the history of this media at the national level, since this is nothing more than a set of multiple stories.

**Keywords:** Memory. Television. Sociability. Everyday.

## Lista de Figuras e Tabelas

Figura 01	Anúncio Televisão RCA (O Cruzeiro)	37
Figura 02	Anúncio “Breve Televisão” (O Cruzeiro)	39
Figura 03	Mapa do RN	50
Figura 04	Vista aérea de São Vicente (RN)	63
Figura 05	Benção do Motor de energia a óleo	68
Figura 06	Praça Getulio Vargas (Jornal Diário de Natal)	115
Tabela 01	Quadro Estatístico	51

## Lista de Siglas e Abreviaturas

TV	Televisão	08
RN	Rio Grande do Norte	08
TRU	Teenage Research Unlimited	14
RCA	Radio Corporation of America	36
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	40
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A.	44
TVU	Televisão Universitária	49
KW	Quilowatt	49
EXERN	Experimento Educacional do Rio Grande do Norte	49
CNAE	Comissão Nacional de Pesquisas Espaciais	49
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	49
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	49
KM	Quilômetro	60
HP	Horse-power mecânico (Cavalos de potência)	69
BA	Bahia	69

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A SUA MAJESTADE: A TELEVISÃO.....</b>	<b>30</b>
2.1	GLOBALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO: BREVES CONCEPÇÕES.....	30
2.2	A TELEVISÃO EM DESTAQUE .....	36
2.2.1	CONCEPÇÕES TEÓRICAS: TELEVISÃO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	44
2.3	A PRESENÇA DA TELEVISÃO NO RN: TV UNIVERSITÁRIA .....	47
2.4	SÃO VICENTE E A CAIXA DE SOM E IMAGENS .....	50
<b>3</b>	<b>MEMÓRIAS DE UMA CIDADE RURBANA.....</b>	<b>58</b>
3.1	CENARIOS URBANOS DAS CIDADES INTERIORANAS MUDIATIZADAS.....	58
3.2	TRAJETÓRIA DA CIDADE E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS .....	62
3.3	DISCIPLINANDO O CIDADÃO.....	65
3.4	A URBE ILUMINADA, LAZER E SOCIABILIDADE ANTES DA TV .....	67
3.5	A COMUNICAÇÃO E A CIDADE .....	75
3.5.1	A CIDADE PELAS ONDAS DO RÁDIO .....	77
3.6	AO REDOR DA TV .....	79
<b>4</b>	<b>PRÁTICAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS: O RELACIONAMENTO COM A TV .....</b>	<b>84</b>
4.1	MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TV.....	84
4.2	IMAGENS EM CASA.....	86
4.2.1	PRÁTICAS ESPORTIVAS E A TV.....	89
4.2.2	OUTROS APARELHOS EM SÃO VICENTE (RN).....	98
4.3	O USO E O CONSUMO DA TELENÓVELA NA CIDADE.....	107
4.4	DA PRAÇA PÚBLICA AO MUNDO TELEVISIONAL .....	114
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>
	<b>FONTES ORAIS .....</b>	<b>137</b>

## I. Introdução

O interesse pela pesquisa surgiu na Graduação do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História a partir da leitura do texto “Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano” da autora Esther Hamburger, presente na coleção História da Vida Privada do Brasil volume 04. O conhecimento desse texto rememorou as diversas vezes que meus pais falavam da chegada do primeiro aparelho televisivo na cidade de São Vicente (RN) e das reuniões diárias de muitos vicentinos que se deslocavam para a casa do dono da TV no intuito de assistir aos programas.

A partir disso, comecei a abordar algumas pessoas e perguntá-las sobre esse acontecimento. Os relatos ouvidos aguçaram ainda mais a curiosidade de compreender como a chegada da primeira televisão reordenou as práticas sociais de boa parte da população. No ano de 2006, realizei a leitura do trabalho de conclusão de curso do historiador vicentino Adelfton Dantas de Macedo, titulado de: “Mapeando a *urbe*: a cidade de São Vicente entre as décadas de 1950 e 1980”, que produziu reflexões sobre a dinâmica da modernização espacial da cidade, citando a presença da TV como propulsora de mudanças.

Posso dizer então que esse conjunto de acontecimentos me instigou a pesquisar a presença dos meios de comunicação em São Vicente (RN), especialmente da televisão como temática principal do meu projeto monográfico apresentado no ano de 2008. No entanto, o trabalho não foi suficiente para contemplar tudo que poderia ser explanado, surgindo aí o interesse de continuar e aprofundar por outras vertentes esse estudo. A partir daí, surgiu a oportunidade de ingressar no curso de Pós-graduação em Estudos das Mídias e dar continuidade à construção dessa investigação.

Conforme, Maria Luiza Gonçalves Baracho:

No Brasil, até o final da década de 1970, os historiadores estiveram ocupados com temas considerados maiores: a história econômica e o materialismo histórico, teorias da dependência, ciclos econômicos, escravismo colonial, ocupação do território nacional, formação social brasileira, proletariado, campesinato, movimentos sindicais e estudos demográficos, entre outros. Entretanto, na década de 1980, ampliando o horizonte historiográfico, novos objetos de pesquisa ganharam espaço: questões de gênero, vida privada, urbanização, história do cotidiano, e, nesse contexto, a história do rádio e da televisão. (2007, p. 12).

De forma geral, grande parte dos estudos sobre esse meio técnico de comunicação concentra-se, sobretudo na região Sul e Sudeste como referências dos modos de pensar, olhar, fazer e viver a televisão brasileira em quase todos os sentidos, muitas vezes esquecendo-se

das diversidades inerentes da pluralidade da esfera cultural de outras regiões, sobretudo do Nordeste. Daí, a necessidade deste trabalho de demonstrar e reunir memórias dispersas sobre a chegada da televisão, meditando as especificidades desse processo.

Nosso objeto de estudo relaciona memória, televisão e práticas sociais em São Vicente-RN, tendo como recorte temporal o período de 1968 a 1972. É interessante enfatizar que foi no ano de 1970 que chegaram os primeiros aparelhos de televisões na cidade.

Este estudo se insere na linha de pesquisa de “Estudos de mídia e práticas sociais”, que enfoca na mídia o dispositivo de organização e articulação de práticas dos campos sociais. Nesse intuito, contemplarei as memórias de vicentinos que presenciaram a inserção da TV<sup>1</sup> no cotidiano da *urbe*, tentando entender as práticas e as relações sociais que a população estabeleceu com esta mídia, tendo como enfoque maior os processos de sociabilidade.

Na primeira metade do século XX, a televisão passou a atrair mais atenção do que o rádio, além de unir, em um só lugar, o jornalismo, o teatro e o cinema. Esse século ficou marcado pelo fortalecimento de uma cultura individualista, de uma “revolução cultural” que instituiu a imagem como forma de expressão (HOBSBAWM, 1995). O avanço do capitalismo fez-se exornar de extraordinárias descobertas no campo científico e tecnológico e de profundas transformações culturais e nas formas de comunicação, de maneira especial, nas sociedades ocidentais. Afinal, como salienta Hobsbawm, (1998, p.45) “era na tecnologia e em sua consequência mais óbvia, o crescimento da produção material e da comunicação, que o progresso tornava-se mais evidente”.

Nos anos 1920, por meio da difusão do rádio, criaram-se modelos de funcionamento e gestão de emissoras de radiodifusão. Em menos de duas décadas, viabilizada tecnicamente a televisão, seriam organizadas as primeiras emissoras na Europa e nos Estados Unidos, adotando padrões organizacionais semelhantes aos das estações de rádio. Esses modelos inspirariam as emissoras de comunicação de diferentes países, inclusive as do Brasil.

Na pesquisa TRU 2011, produzido pela *TNS Research International*<sup>2</sup> em 40 países, incluindo o Brasil, aponta que a mídia eletrônica é a primeira fonte de informação da maioria, representada por 68% dos jovens brasileiros. A internet vem em segundo plano na preferência com 20%, seguida do rádio com apenas 4%; os demais são jornais, revistas e outros. Já nas classes mais altas, a internet ultrapassa a TV em alguns atributos.

---

<sup>1</sup> A abreviação TV utilizada no texto refere-se à Televisão.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.interscience.com.br/>

Se na atualidade os indivíduos são atraídos pela TV e entrelaçados pelas suas nuances, o que aconteceu ao ser iniciada a experiência em São Vicente há quarenta e dois anos atrás? Quais as percepções despertadas pela primeira experiência de contato com a TV em casa?

Desde a sua invenção, a televisão vem sendo coadjuvante das mais expressivas transformações nos modos de organização social, contribuindo nas relações do sujeito com a sociedade, mormente nos processos de sociabilidade. No Brasil, o sistema televisivo foi implantado em 1950, mas por um bom tempo, os aparelhos de TV foram privilégios das classes altas e médias. Apenas poucos indivíduos encontravam-se envolvidos nesse processo de comunicação. Foi a partir da década de 1970 que inúmeras residências brasileiras “abriram” suas portas para esse meio de comunicação.

Em nosso país, o rádio, e depois, a televisão atribuíram novas feições ao cotidiano dos brasileiros. Seu dia-a-dia começava a ser mediado por este sistema técnico de produção e transmissão simbólica. Maneiras de sentir, pensar ou existir começavam a ser difundidas mediante imagens e sons, sendo recebidas em vários contextos. Com base nessa perspectiva, é possível analisar a presença do aparelho de televisão em São Vicente como um dos elementos impulsionadores de mudanças socioculturais no cotidiano da população?

Conforme Certeau (2004), de alguma forma, os relatos dos grandes veículos de comunicação fornecem um referencial simbólico comum que faz falar. A mídia constitui um lugar social a partir do qual novos relatos surgirão. Estes são metáforas, entre tantas figuras de linguagem, que marcam um presente em relação a um discurso recebido e pressupõem novos interlocutores. Alimentam-se ainda de outras referências e de uma memória dinâmica que enriquece as diversas interrogações semânticas. Portanto, o cotidiano também aprende falar com a língua do outro, da mídia. (JOSGRILBERG, 2005).

As mídias instauram novos modos de narrar, condicionados por seus dispositivos, gêneros e linguagens, potenciando a coexistência de códigos e relatos que incidem acerca da experiência de conformação dos relatos de memória. (BONIN, 2009, p. 83).

Deve-se considerar que nesse cenário de “angústia da incerteza que devora as reservas psíquicas do indivíduo moderno” (Baumam, 1998, p. 241), não vivenciado da mesma forma entre os sujeitos: alguns são mais ou menos atingidos por esse traço e as reações apresentam-se com “diferentes sentidos”.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que cultura midiática (MATTA, 1991), é cada vez mais presente nas diversas sociedades. É também reflexo de uma centralidade que os meios de comunicação foram adquirindo no cotidiano dos sujeitos. E a própria sociedade é interpelada a realizar novos arranjos que deem conta da complexidade que esses formatos impõem. A

cultura midiática sugere “*um nuevo modo em el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios*” (MATA, 1991, p. 84).

Segundo Verón (2004), hoje no campo das mídias, comunicar implica manter um vínculo contratual no tempo. Ele ainda se utiliza do conceito contrato de leitura para entender as condições de construção do vínculo que une no tempo uma mídia a seus consumidores. Com o grande número de veículos e de ofertas discursivas de produtos midiáticos, esses possuem uma identidade e buscam formar vínculos de fidelidade entre emissor e receptor. O contrato de leitura opera sobre o nível de enunciação dos discursos sociais.

Para esse autor, a ideia de uma ligação contratual passa pela construção de uma relação de confiança entre suporte e leitores. É uma relação construída pelos suportes ao longo do tempo visto que a televisão e sua diversificada programação já construíram e reconstruíram diariamente esse vínculo com os indivíduos. Essa relação da TV visa criar e manter seus telespectadores ligados ao longo do tempo.

A cidade de São Vicente (RN) abriu suas portas para a chegada da TV na década de 1970. Nesse período, alguns vicentinos já haviam presenciado essa “caixa de imagens” nas casas de amigos ou parentes de outras cidades, em particular, aqueles que viajavam frequentemente até a capital do Estado. Outros se maravilhavam com o aparelho, mesmo desligado nas lojas de eletrodomésticos da cidade vizinha de Currais Novos (RN). Mas muitos vicentinos só ouviam falar como era essa “tal” de televisão, sem nem ao menos ter tido o deleite de visualizá-la. Só no ano de 1970 é que a cidade é contemplada com um televisor, porém, de cunho particular.

A *urbe* correria o risco de nunca mais ser a mesma em linguagens, formas de expressão, na formação de identidade cultural e na construção cotidiana das relações sociais dos sujeitos, pois abarcaria, com a presença da TV, múltiplas dimensões que poderiam gerar impactos no seu modo de perceber o mundo e de relacionar-se com o outro, isso porque as ações sociais são tecidas, tomando-se por base uma perspectiva que precisa levar em conta o “outro” com quem se compartilha diretamente, bem como o movimento geral da sociedade na dinâmica de intercâmbios gerados dentro da sua complexidade (MARTINS, 2000).

No decorrer do tempo, foram chegando outros televisores na *urbe*, e bem poucos. Eram as famílias com mais condições financeiras que os possuíam. Os demais vicentinos deslocavam-se para essas residências, para se inteirar desse novo entretenimento.

Era recorrente no cotidiano vicentino das famílias reunirem-se nos alpendres com seus vizinhos, amigos e agregados próximos, bem como saírem para a rua em busca de lazer e

entretenimento. Com a chegada da TV, é possível que algumas dessas práticas sociais tenham perdido a vitalidade graças ao desejo de muitos vicentinos em obter informações e conhecerem coisas novas, optando tanto pelo entretenimento quanto pela informação nos programas de TV.

Vale ainda lembrar que, logo após sua implantação, ver televisão significava reunir a família, amigos e vizinhos para juntos acompanharem e se manifestarem sobre os programas que assistiam. Ocorria ali, portanto, uma forma de convivência que levava à troca de opiniões e que aproximava pessoas que, por relações de parentesco e amizade, já possuíam um passado, uma história e experiências em comum. (BARACHO, 2007, p.19)

Sobre isso, Jesus Martín-Barbero diz que:

os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não só unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam (2003, p. 62-63).

Esses processos, nos quais se alocam as interações que os indivíduos estabelecem com a mídia, encontram-se entrecruzados por numerosos círculos sociais que vão desde a esfera privada à esfera pública, passando pelos vários papéis que os indivíduos desempenham no todo social. Esses papéis encontram “cenaizações” diferenciadas tanto no mundo doméstico quanto no público. A TV foi um artefato marcante no cotidiano dos indivíduos, excepcional elemento mediador de muitas de suas interações sociais.

Ainda que recebida com encantamento, no decurso do tempo, esse meio de comunicação provocou inúmeras questões e suscitou dúvidas e receios. Essas questões iam, por exemplo, da grafia oficial para designar a televisão, aos possíveis danos causados pelas radiações emitidas pelos televisores e a sua péssima influência na formação de crianças e jovens (BARACHO, 2007, p. 11).

Vista sob outro ângulo, a televisão estimulou hábitos, criou necessidades, disseminou atitudes e comportamentos, incentivou o consumo e transformou a percepção do tempo. Ela interveio até mesmo na organização do espaço doméstico. Como, então, a TV se fez presente nas práticas de sociabilidade e no imaginário vicentino?

Lentamente, os modos de vida vão se transformando de acordo com o uso que fazemos dos espaços e dos meios. As cidades pequenas também foram palcos de encontros com a televisão, e diante desse cenário efervescente, inventavam-se novos modos de se relacionar com os indivíduos que também estavam circulando nos novos espaços da TV.

Pessoas que não a possuíam buscaram inventar maneiras de se relacionar com quem a possuía na cidade para dividir o espaço da circulação televisiva. Esses deslocamentos realizados na pequena *urbe* iam impondo na sociedade novos modos de interação.

Com a evolução dos meios de comunicação e desde a presença da televisão, os processos de sociabilidade e cidadania têm passado por constantes reinvenções. São processos que compreendem o movimento do homem-coletividade. Trata-se das formas e jogos de associação desenvolvidos com relação à dialética entre indivíduo e sociedade no intuito de criar interação com os demais. Caracterizam-se pelos diferentes tipos de relações sociais entre os membros de uma totalidade social (BARBOSA, 2004, p.33).

Embora o objeto principal de análise seja a presença do aparelho de televisão nos primeiros anos da década de 1970, valendo-se das narrativas de memória, o olhar investigativo volta-se também para a cidade de São Vicente (RN) da década de 1960 e, algumas vezes, em períodos anteriores com o intuito de perceber como se arquitetavam as práticas sociais, especialmente as de sociabilidade.

Por essa visão, os novos caminhos percorridos pelos estudos da Comunicação e da mídia vêm enfocando o estudo da ação midiática implicada na estruturação do espaço público e privado, na visibilidade e legitimação das instituições e na configuração de novas identidades, práticas sociais e culturais, o que autentica a atuação da comunicação midiática na associação, configuração e solidificação das relações sociais no tempo e no espaço.

Diante disso, essa pesquisa está nivelada na perspectiva da mídia, sobretudo, na tevê como dispositivo de organização e articulação de práticas dos campos sociais. O estudo, em questão, insere-se dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa e também descritiva, que costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento. É qualitativa porque descreve por meio da memória a presença da TV na cidade frente à questão de práticas sociais, analisando a interação e as formas de sociabilidade dos sujeitos com base na vinda dessa mídia; é descritiva porque intenciona mostrar a situação conforme ela foi sendo descrita segundo um estudo realizado em determinado tempo e espaço (SELLTIZ *et al*, 1965).

Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto estudo. É frequente que o pesquisador busque compreender os fenômenos de acordo com as perspectivas dos sujeitos envolvidos na situação pesquisada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. As pesquisas qualitativas nas ciências humanas trabalham com significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser reduzidos a questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares.

Entretanto, os dados quantitativos e os qualitativos acabam se complementando dentro de uma pesquisa (MINAYO, et al, 1994). Esse tipo de análise tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979a, p.520). A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, et al, 1994).

Em seu primeiro momento, fizemos o trabalho da “pesquisa da pesquisa”, que propiciou a busca e análise inicial dos trabalhos desenvolvidos em áreas de interesse para esse estudo. Essa etapa, além de propiciar a aproximação com estudos afins, ofereceu importantes pistas até mesmo para a delimitação de aportes teóricos e metodológicos dessa investigação.

Com base nisso, desempenhamos o estudo bibliográfico centrado nas contribuições teóricas de vários autores que realizaram artigos, livros e dissertações sobre as diversas temáticas que vão compor esta pesquisa.

Conforme Martins (2000, p. 28) trata-se, portanto, de “um estudo para conhecer as contribuições científicas a respeito do tema, cujo objetivo é recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”.

Nossos levantamentos foram seletivos. Realizamos uma leitura exploratória, analítica e interpretativa do material selecionado, que tem por objetivo ordenar e resumir informações, estabelecendo relações com a nossa temática.

Nesse estudo, procuro utilizar o método histórico-descritivo para mapear a experiência passada, ou seja, a memória, localizar no tempo e espaço a presença da TV em São Vicente-RN e os processos de sociabilidade a fim de providenciar respostas para as questões particulares dessa pesquisa.

Assim, este método "(...) consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época" (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 102).

Ferreira (1998) considera que para compreender a natureza e a função das instituições, dos costumes, das diversas formas atuais de vida social, dos eventos, torna-se importante pesquisar suas raízes históricas, isto é, suas origens no passado. No entender da autora, por meio da reconstrução artificial e formal desses fatos e fenômenos, o método histórico busca construir uma estratégia para conseguir estabelecer o processo de continuidade e de entrelaçamento entre eles (os fenômenos).

Dentro do método histórico-descritivo, caminhei ainda mais, valendo-se da “memória oral”, a qual se constitui nos procedimentos de estudos na aquisição de dados para a pesquisa de construção da história ou memória narrativa. É o registro histórico de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem (MINAYO, et al, 1994).

Sua inserção nessa pesquisa dá-se por esta buscar a investigação de um passado que, embora seja “recente”, encontra-se preservado quase que exclusivamente no palco da memória de determinados vicentinos.

Conforme, Eliane Maria Vasconcelos Nascimento:

A narrativa, técnica utilizada nessa metodologia, é a reconstrução da memória, das representações que o narrador apresenta em seus relatos, de experiências vividas em seu passado que se materializam na produção de um texto escrito, na transcrição de informações verbais, no recurso de gravações. A memória, a imaginação e a representação, conscientes e inconscientes, são as bases que sustentam qualquer narrativa que é construída segundo as leis da linguagem, no interjogo dos significantes e significados. (2008, p. 67).

Por esse motivo, “a memória, como domínio de conservar certas informações, remete-nos primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

Peter Burke (2000) assegura que os pesquisadores, ao acordarem para o estudo da memória, devem considerá-la por dois ângulos: a memória como fonte histórica e fenômeno histórico. Sob o primeiro aspecto, além de analisar a memória como fonte à pesquisa, deve-se ainda preparar uma crítica da ação memorialista.

No que tange o outro aspecto, os historiadores, pesquisadores devem se interessar no que o autor denomina de “história social do lembrar”, visto que, é mediante a memória que a sociedade (re) constrói o passado.

As entrevistas a partir da memória oral compõem o alicerce empírico dessa pesquisa. Sua preparação em profundidade foi uma etapa importante na investigação, que levou tempo e exigiu alguns cuidados. Dentre eles, destacam-se: o planejamento da entrevista, a escolha dos entrevistados, a oportunidade da entrevista, as condições favoráveis que garantisse ao entrevistado o segredo de suas confidências e, por fim, a preparação específica que consiste

em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS; MARCONI, 1996).

Na perspectiva de utilização que o trabalho faz da memória oral, situa-a como a possibilidade de revelar realidades que pouco aparecem em documentos ditos oficiais, sobretudo de natureza escrita. Reconhece, porém, suas limitações, sobretudo no que diz respeito às expressões muitas vezes restritas da memória. Mas chama a atenção, para os méritos desse método ou técnica para alguns, como a possibilidade de parceria que se cria entre o entrevistador e o entrevistado durante o processo de desenvolvimento da investigação.

Além disso, podem-se destacar outras potencialidades das narrativas orais, tais como a recuperação de memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, sob distintos olhares e versões; a constituição de conhecimentos acerca de acontecimentos e processos que não se acham registrados em outros tipos de documento, ou se registrados, não se encontram disponíveis para os pesquisadores.

A memória embarca como algo que é passível de estudos mais empiristas, igualmente aquilo observado, percebido, experimentado. Portanto, que pode ser tratado como objeto às ciências, como *status* científico. Por outro lado, paradoxalmente, é aceitável, pensarmos na memória exatamente como algo mais intangível, mais fluído, mais efêmero e que pode ser fragmentado e mesmo esquecido ou perdido (NASCIMENTO, 2008, p.45).

Mesmo assim, torna-se viável pensar a fonte oral como uma alternativa extremamente criativa, porque o diálogo estabelecido entre pesquisador e entrevistado, no momento da entrevista, constitui-se como uma experiência muito significativa, além de ser um espaço para a elaboração e manifestação da memória, que avança no sentido de construir um processo de democratização da fala. A Fonte Oral propicia a redescoberta de costumes e hábitos, a recriação de ambientes familiares e coletivos.

Mediante histórias pessoais, familiares e coletivas, escondidas ou suprimidas, podem-se reabrir alguns capítulos da História (ALMEIDA, 2005, p. 02). As fontes orais representam uma experiência expressiva na busca pelo passado, pois, além de representarem um lugar para a formação e manifestação da memória, elas progridem na elaboração de um processo de democratização da comunicação uma vez que são compartilhadas.

Algumas vezes a credibilidade das fontes orais é questionada. Falhas de memória, distorção dos fatos e a subjetividade contida na narrativa do entrevistado são algumas

limitações circunscritas nesta metodologia de pesquisa, o que, de maneira alguma, desqualifica a riqueza informativa e interpretativa da memória oral que frequentemente provoca e estimula os pesquisadores que se propõem a trabalhar utilizando-a.

No entanto, a memória não se resume a um pacote de informações; é todo um processo permanente e vivo de construção e reconstrução com o desígnio de responder questões atuais. “É como mecanismo de registro, retenção, depósito de informações, conhecimento experiências [...] cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumprem transportar ao presente” (MENESES, 1992, p. 10). Isso significa entender que, na constituição do sujeito, as raízes e sua cultura compõem um valor incontável no qual a memória representada é fator primordial, porque se mostra como um largo caminho para o processo de edificação do saber e do conhecimento, igualmente a origem da formação cultural.

Não obstante às suas limitações, o método histórico-descritivo, permeado pela memória oral, deve ser entendido como um procedimento capaz de produzir interpretações sobre processos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento.

No caso dessa investigação, o relato oral é um importante apoio à elucidação de marcas de memória, fundamentais para a compreensão da trajetória da presença da TV construída pelos sujeitos, na perspectiva das práticas de sociabilidade.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa empírica, selecionamos uma colônia de narradores, constituída de vicentinos que fizeram parte desse momento histórico, como alguns proprietários de TV e alguns expectadores que se apresentam na faixa etária de 60 a 85 anos de idade. Com as diversas entrevistas realizadas, observamos a intensidade das experiências vivenciadas, tomando-se por base a presença da televisão na cidade e as interações sociais construídas pela inserção dessa mídia no cotidiano vicentino.

Desse modo, saí em busca de pessoas que “experenciaram” a chegada dos primeiros aparelhos de televisão na cidade. O único critério estabelecido para que fossem entrevistados era ter que eles tivessem vivenciado esse momento. Consegui reunir para esta pesquisa 18 depoentes. Todavia, procurei me deter, em especial, nas narrativas de memórias de apenas 09 depoentes com mais de 60 anos de idade, sendo essas gravadas em áudio. Vale salientar que as outras entrevistas, de cunho informal, sem gravação de áudio, mas com anotações, também ajudaram a compor este trabalho.

Para tanto, elaborei um roteiro de perguntas. E assim, trabalhei com questões que buscavam compreender a inserção do primeiro televisor na cidade. Fiz as seguintes abordagens: se eram convidados para assistir; quais os programas mais vistos; se os horários

mudaram; entre outras. Algumas perguntas foram elaboradas apenas aos donos de TV como, por exemplo: quem podia manusear a TV, se ele convidava as pessoas para sua residência, porque comprou a TV, o lugar dele na casa, mudanças na rotina e outras indagações.

Esse roteiro das perguntas funcionou como um guia para começarmos a perceber quais as transformações ocorridas no cotidiano vicentino impulsionadas pelo televisor.

Segundo Regina Beatriz Guimarães Neto, as narrativas permitem:

Trilhar outros caminhos e poder se debruçar sobre as janelas das pequenas cidades é conhecer um pouco de sua vida – trechos fragmentários -, esmiuçando práticas, maneiras de viver de pensar de seus habitantes. Por meio de condições muitas vezes previsíveis e outras completamente adversas e inesperadas, consegue-se perceber, nos meandros de suas narrativas e mesmo de outros registros, tempos de ousadias e também tempos de vigilância; tempos de trabalho e tempos de invenções e estratégias cotidianas de enfrentamento do mundo, tornando as experiências passíveis de serem escutadas (2006, p.21).

Nessa pesquisa, os depoimentos desses sujeitos, com suas lembranças e memórias, constituem boa parte do *corpus* do trabalho, porque a partir deles, preencheremos algumas lacunas existentes pela falta de documentos escritos sobre a temática abordada. Além disso, contribuíram com informações que não estão registradas em lugar algum. Os sujeitos entrevistados tiveram a liberdade para relatar suas experiências pessoais e coletivas, tomando-se por base a presença da televisão.

A propósito, é importante destacar que a memória é uma construção do sujeito.

Conforme Michael Pollack (1989), a memória é um processo, uma ação atravessada pelas perspectivas e ações do presente por falas, silêncios e por seletividade. Por isso, os entrevistados selecionaram aquilo que consagraram ser mais relevante em suas lembranças. Nesse sentido, é possível proferir que muitos fatos foram esquecidos ou silenciados.

Amparada no pensamento de Le Goff (1996), reforço a ideia de que a memória é uma das fontes que busca o passado para servir ao presente e ao futuro. “Devemos trabalhar de forma que a memória sirva para a liberação e não para a servidão dos homens” (1996, p. 47).

E segundo Éclea Bosi (1994), a memória pessoal é detentora de características que levam consigo componentes configurados que vão participar da conformação de uma memória social. Sendo assim, ao construir, reconstruir e acionar suas memórias, o sujeito está também acionando a memória de sua própria sociedade.

De acordo com a autora, têm-se a seguinte afirmação:

“a memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos” (1994, p.90).

A investigação também irá assentar-se pelo conceito de sociabilidade, o qual estará consubstanciado por Georg Simmel – 1858 – 1919. O ensejo contundente se estabelece por intermédio de dois elementos do conceito: é possível diferenciar, em cada sociedade a sua forma e o seu conteúdo, significados gerados pelas interações entre os indivíduos. Essa interação surge sempre se valendo de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. (SIMMEL, 2006. p. 59)

Para Simmel, (2002), a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes de várias combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos. Esses arranjos sociais são derivados de múltiplos jogos, os quais apresentam conteúdos das interações sociais produtoras dos diversos quadros sociais, porque não proferir, das variadas formas sociais é um meio vital à formação e estruturação da própria sociedade.

Percebe-se, dessa forma, que toda a teoria de Simmel baseia-se na sociedade em geral como referente à interação entre os indivíduos, sendo que esta surge com base em impulsos ou em função de propósitos. As interações, base da sociabilidade, obrigam o homem a formar unidade, sendo a sociação a forma pela qual os indivíduos agrupam-se em unidades que satisfazem seu interesse formando, assim, a base das sociedades.

A sociedade, portanto, é “estar com e para o outro”, o que implica uma perda das qualificações objetivas da personalidade individual e a internalização de valores sociais compatíveis ao mundo no qual o indivíduo está inserido. Simmel vislumbra, assim, a sociabilidade como a única possibilidade de democracia, pois o indivíduo teria o desejo único de criar com os outros uma interação pura.

A sociabilidade, forma lúdica das forças éticas na sociedade, condiciona o indivíduo a funcionar como parte de uma coletividade na qual vive e de onde retira seus valores, ou seja, tem uma relação dialética com a vida do todo.

No campo epistemológico da comunicação, vários são os debates sobre as relações existentes entre os meios técnicos de comunicação e a sociedade. Vale salientar que desde os primórdios, o homem desenvolveu técnicas e meios para expressar suas idéias e emoções, a

partir das pinturas rupestres, passando para escritos e representações gráficas; depois veio o alfabeto e a imprensa, avançando expressivamente em relação aos meios de comunicação como o telégrafo, o rádio e a TV, até o nascimento das novas tecnologias.

A abordagem de Philip Breton (2002) enfatiza que as transformações no campo da (na) comunicação, desde o período renascentista, com o surgimento da imprensa, até a sociedade pós-moderna, engendradas pelo desenvolvimento da técnica, desencadearam modificações e reconfigurações no sistema social e cultural da humanidade.

Pensar a comunicação com base na recepção nos possibilita a entender melhor o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade, como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas. Por outro lado, é importante levar em conta toda a problematização que cerca os estudos da recepção no âmbito das mídias.

Para Martín-Barbero (2004),

O estudo dos processos de recepção é duplamente ambíguo e também fortemente revelador de algumas mudanças mais de fundo da investigação da comunicação. (MARTIN-BARBERO, 2004 p. 249). (Tradução Nossa).

Os conceitos de midiaticização e de sociedades midiáticas vêm sendo usado para compreender melhor os modos como a sociedade vem se estruturando, produzindo significados, comunicando-se, e transformando-se no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos variados âmbitos sociais.

Segundo VERÓN,

As sociedades industriais midiaticizadas emergem na medida em que as práticas institucionais de uma sociedade midiática se transformam em profundidade porque há mídias [...] A passagem das sociedades midiáticas para a midiaticizada expressa, na realidade, a adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas as intermediárias incontornáveis da gestão do social. (VERON, 2004, p. 277 – 278).

Nesse cenário de midiaticização da sociedade, as mídias passam a operar também no âmbito da produção do imaginário coletivo, participando dos processos de configuração e transformação da sociedade no universo da recepção.

Segundo Roseli Paulino Figaro (2001), há a necessidade de se olhar a comunicação desse “outro lugar” devido à falta de explicações teóricas abrangentes, capazes de abordar a comunicação como prática social e cultural essencial na composição da sociabilidade e da subjetividade.

Nesse âmbito, enfatiza-se que tais práticas são desenvolvidas cotidianamente pelos indivíduos ou grupo social e que, portanto, devem ser consideradas no processo de mediação da recepção dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação.

Segundo Souza (2006), a cultura e o cotidiano vão ganhando enorme destaque para que se entenda de que forma o sujeito está inserido no processo comunicacional e como as implicações econômicas e políticas atuam e compõem a arena das relações sociais. Ao tentar pensar mais especificamente essa atuação, vemos que a televisão participa da configuração de certos enquadramentos de memória e no universo das representações sociais ainda que o resultado dessa participação seja diverso.

Silverstone diz que se torna necessário estudar a mídia como dimensão social e cultural, política e econômica do mundo moderno.

Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir seus significados (SILVERSTONE, 2002, p. 13).

[...]

Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. “Da televisão para o aparelho de som, para a Internet” (SILVERSTONE, 2002, p. 20).

A recepção televisiva, de certa forma, é mediada por práticas cotidianas que estão inseridas no contexto social e cultural do sujeito receptor e são essas práticas que vão constantemente estar presentes e interferir nas interpretações que os receptores fazem do conteúdo midiático. O processo de recepção é singular para cada receptor, logo, está sujeito à sua vivência particular e grupal.

Em termos mais concretos, os artefatos culturais veiculados em imagem e som constituem um dos muitos itinerários por onde passa a construção de identidades individuais e coletivas. Os processos midiáticos são bastante atuantes. Invadem a vida dos indivíduos e a sociedade de um modo “dominante” onde a identidade fica, de certa forma, a mercê desse processo que vem de uma via coletiva.

Para Hall (2003) um grande efeito da globalização, foi o de provocar um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas (p. 84). Ou seja, a complexidade da vida cotidiana, atravessada por essa onda de globalização que encurta distâncias e conecta comunidades em

novas estruturas de espaço-tempo, faz com que assumamos distintas identidades que podem ser conflitantes entre si, ou não.

Desse modo, a mídia transformou-se em instrumento essencial de produção e reprodução da realidade por ser grande mediadora cultural e social, articulando no campo identitário da sociedade.

Por meio da leitura de Hall (2003), percebemos que a identidade é e sempre está em processo, em construção. Ela é uma construção histórica e social, construída nos discursos, nas práticas e posições, visto que os meios de comunicação, em especial, os de massa, são instrumentos primordiais na construção das identidades coletivas e individuais.

Com a TV, a população vicentina se viu diante de variados comportamentos, hábitos, crenças, práticas culturais e sociais. Até que ponto a TV impulsionava transformações dessas práticas na cidade? A TV também mostrava a diversidade dos traços culturais e sociais das diversas regiões do país e do mundo. Veículo de comunicação de massa, ela reflete e retrata tendências, contradições, hábitos, crenças e atitudes, o que reforça ou questiona padrões de comportamento e contribui à preservação ou mudanças de práticas e costumes.

Esses programas também ofereceram a população possibilidades, horizontes e pontos de referências simbólicas que, de certa forma, foram pouco a pouco incorporadas aos seus valores e opiniões. Agora as identidades vão se mesclando, reagrupando-se com base em laços simbólicos mais flexíveis. É importante ressaltar que a recepção televisiva é subjetiva e única, mas se observa algumas “coincidências” em gêneros e grupos.

Paulatinamente, a televisão foi assumindo o papel de “geradora” de lazer e entretenimento. Grande parcela da população tem nos meios de comunicação de massa a oportunidade de acesso mais fácil a filmes, notícias, programas de auditórios, dentre outros, os quais levam ao telespectador uma infinidade de coisas (notícias, acontecimentos, valores, idéias, representações etc.).

Como o nosso trabalho também se refere ao estudo do cotidiano, é válido colocar que é neste cenário citadino que surgem inúmeras possibilidades de recriar e reinventar esse cotidiano, um lugar de inventividades. Deste modo, seguindo as teorias de Michel Certeau (1994), buscar o invisível do cotidiano, seus fazeres e significados, permite-nos sentir, pensar e agir o cotidiano como lugar de competência, da não repetição compulsiva, esgotada e cansada, afastando a ideia de um fazer sempre igual e sem importância.

É no cotidiano que produzimos os modos de ser e de viver. Produzimos percepções e interações com o tempo e o espaço, as relações sociais, os saberes, os desejos e os elementos

do imaginário. É a vida cotidiana se organiza também graças aos elementos culturais instituídos e vividos pelos indivíduos diariamente.

Mary Del Priore (1997) enfoca também a história do cotidiano e da vida privada e familiar, que está associada às atividades ligadas à manutenção dos laços sociais e às práticas de consumo. Tudo isso porque foi primeiramente na vida privada de alguns vicentinos que a televisão exerceu a sua influência.

Segundo a autora, esse estilo de vida é, por conseguinte, teatro de um processo portador de historicidade. Enfim:

[...] a história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de miudezas, reside à imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma (DEL PRIORE: 1997 p. 274).

Por essa razão, a arquitetura desta dissertação, fruto da concretização das pesquisas teóricas e empíricas desenvolvidas ao longo da pós-graduação, encontra-se estruturada e constituída em três capítulos: o primeiro epigrafoado de “*A Sua Majestade a Televisão*”, objetivou contextualizar os processos de globalização na sociedade tomando-se por base a presença dos meios de comunicação, notadamente a televisão. Contextualizo também a história da TV no Brasil, a TV Universitária no RN e, em particular, de São Vicente (RN). Para tanto, construí perspectivas no intuito de compor uma compreensão das trajetórias da audiência televisiva no país.

O segundo capítulo, intitulado de “*Memórias de uma cidade rurbana*”, abordaremos a cotidianidade de São Vicente (RN), e os diversos processos de sociabilidade antes da presença desse meio de comunicação na cidade. Fez-se uma momentânea passagem pela cidade antes da TV. Ao mesmo tempo, elucidamos as apropriações dessa mídia nas interações sociais e culturais entre os vicentinos. Neste capítulo dialogamos com temáticas, como: cotidiano, memória, sociabilidade, lazer e entretenimento.

Por fim, o terceiro capítulo, epigrafoado de “*Práticas, narrativas e memórias: o relacionamento com a TV*”, desvendamos o cotidiano dos depoentes com base na inserção da televisão como dispositivo de sociabilidade na vida cotidiana. A partir desse ponto, realizei uma análise descritiva e interpretativa das narrativas de memória obtidas com os entrevistados na investigação. São os testemunhos, as narrativas memorialistas daqueles que vivenciaram a inserção da TV na cidade, os quais falam das suas interações mediadas pela presença desse meio de comunicação. Discuti as diversas formas de convivência entre os que assistiam à

programação televisiva, contextualizando a dinâmica sociocultural que os circundavam na aproximação com esse meio e as relações que iam além do contato mais imediato com a mensagem, contemplando a reconfiguração ou/e reinvenção dos processos de sociabilidade dos vicentinos.

A importância de um estudo de tal ordem está não só na compreensão da TV – mediadora essencial à interação dos sujeitos no campo social, no período de 1970 em São Vicente (RN), mas também para o desvendamento de sua relação com as rotinas diárias dos vicentinos, alicerçadas em conjunturas e simbologias que regularam a conduta e reordenaram as práticas de sociabilidades desses sujeitos.

Neste sentido, os atores sociais, sujeitos dessa pesquisa, compartilharam valores, experiências e interações que não só transcenderam, mas que governaram nesse período, muitas de suas ações e interações na sociedade.

O que se objetiva, então, é realizar um trabalho que possa, do mesmo modo, representar uma contribuição aos estudos realizados no âmbito do campo da comunicação, no que diz respeito à relação da TV com os indivíduos e suas práticas de sociabilidade vivenciadas no cotidiano. E de uma forma ainda mais detida, seria plausível pronunciar que o estudo tomado pela investigação em desenvolver, nessa busca em compreender elementos relacionados à trajetória dos vicentinos com a TV, promove uma articulação entre memória passada e presente. É um esforço que se caracteriza por ser árduo e relevante isso porque essas memórias televisivas que emergem a partir da história desses receptores com a TV e as práticas de sociabilidade, não serão mais possíveis de serem acessadas daqui a algumas décadas, pois os protagonistas não estarão aqui para relatá-las.

Dessa maneira, o direcionamento dado ao estudo é um trabalho realizado na atualidade, que olha para o passado com a preocupação também de ofertar tais registros à posteridade, onde poderá auxiliar na compreensão de outros processos com outros sujeitos e suas memórias midiáticas e midiaticizadas. Embora hoje seja incontestável a relevância dos meios de comunicação na concepção da formação das sociedades modernas, ainda é escasso o número de publicações que contenham a inserção deles no cotidiano das pequenas e grandes cidades, das pessoas e nos estilos de vida.

## **II. A Sua Majestade: A Televisão**

Neste capítulo, vamos efetivar uma breve reflexão sobre a globalização acentuada pelos fenômenos da comunicação, com o objetivo de percebermos as mudanças surpreendentes movidas pelo avanço da tecnologia e dos meios de comunicação. Isso nos valerá para entendermos como esses meios, sobretudo a televisão, impulsionou um outro ritmo a sociedade globalizada.

No tocante, expressaremos nosso conhecimento a respeito da chegada da televisão no Brasil na década de 1950, contextualizando aspectos políticos, econômicos e sociais que contribuíram para sua expansão. Assim, buscamos compreender de que maneira a televisão se tornou o meio de comunicação mais presente nos lares brasileiros. Além disso, abordaremos a televisão como meio de comunicação de massa, visto que essa cultura possibilitou a comunicação entre os distintos estratos da sociedade. Ressaltamos ainda as contribuições específicas de alguns autores nos estudos de recepção midiática e da cultura de massa.

Explanaremos brevemente a presença e a instalação da televisão universitária no Estado do Rio Grande do Norte e, por fim, refletiremos sobre a chegada do primeiro aparelho de TV na cidade de São Vicente (RN) no ano de 1970, tanto em sua dimensão histórica quanto na dimensão cultural da época.

### **2.1 Globalização e comunicação: breves concepções**

Desde o início do século passado, a sociedade vem passando por inúmeras mudanças em todas as áreas do conhecimento. E a globalização contribuiu com a mudança cultural na qual o conhecimento da informação se transformou em um bem de grande valor. Tais mudanças a partir do século XX, junto à revolução tecnológica, a informatização crescente e a expansão das redes de telecomunicação colaboraram para uma alteração substancial nas relações sociais de produção e na vida dos habitantes das grandes e pequenas cidades.

Na verdade, não é nosso interesse imergirmos na discussão acerca de teorias que vislumbram o conceito de Globalização, mas, em vez disso, aspiramos, com base em alguns autores, compreendermos um pouco sobre esse processo, bem como visualizarmos de que maneira esse fenômeno atua nas sociedades a partir de processos de comunicação específicos. Nesse caso, a televisão, que impulsiona na transformação das práticas sociais e culturais. Por

isso mesmo, a questão central da globalização está relacionada aos seus efeitos transformadores em se tratando das vidas dos indivíduos e suas relações entre si.

O processo de globalização envolve uma multiplicidade de fenômenos, gerando impactos diferenciados em várias áreas: econômico, cultural, social, dentre outras. Isso vem ocasionando há décadas uma série de inovações tecnológicas, institucionais, sociais, econômicas e políticas, a partir das quais a informação e o conhecimento incidiram a desempenhar um novo e estratégico papel. É nesse contexto que proliferam, nos mais diferentes matizes de pensamento, variadas interpretações e leituras a respeito dessa realidade.

Há uma variedade de esforços de conceituação e leitura por autores de várias áreas sobre o processo global. Mas, pode-se assegurar que há uma alta concordância entre eles de se estar frente a uma nova fase do capitalismo e que, no século XX, precisamente, nos últimos trinta anos, “o mundo entrou no ciclo de uma história global” (MANCEBO, 2000, p.58-62).

Segundo Prado (2001) o conceito de globalização começou a ser usado desde a década de 1980, sendo empregado na substituição de termos como internacionalização e transnacionalização.

De acordo com o autor, a princípio, o termo globalização pode ser dividido em algumas linhas básicas de interpretação, que seriam: a. globalização – uma época histórica; b. globalização – um fenômeno sociológico de compressão do espaço e tempo; c. globalização – hegemonia dos valores liberais; e d. globalização – fenômeno socio-econômico.

Muitos autores acreditam que as condições para que essa globalização pudesse se estender foram fundamentalmente a interconexão mundial dos meios de comunicação e a equiparação da oferta de mercadorias, das moedas nacionais e das línguas.

A globalização que se acha em curso nessa altura da história apresenta, como uma de suas características, a revolução informática baseada nas conquistas da eletrônica que coloca nas mãos dos donos do poder uma capacidade excepcional de formar e informar, induzir e seduzir, talvez jamais alcançada anteriormente na mesma escala (Ianni, 1992, p.58).

Mas é a partir do século XX que surgem as primeiras preocupações em estudar os fenômenos da comunicação e as novas tecnologias na sociedade urbana industrial. Vale ressaltar que foi graças às transformações políticas e econômicas da Europa nos séculos XVIII e XIX que surgiram novas formas de organização do espaço acompanhado de inovações técnicas e da redução drástica da mortalidade, resultando em um crescimento demográfico que rompia com processos milenares de regulação da população (BRAUDEL, 1995).

Respectivamente, a produção artesanal dava lugar à industrial e, ao seu lado, nascia a sociedade urbano-industrial. No Brasil, a consolidação dessa sociedade se inicia a partir da década de 1930, na qual o país rompia com a economia unicamente primário-exportadora, agregando-se ao grupo dos países de industrialização retardatária e dependente.

Na sociedade urbano-industrial a mídia impressa já estava firmada. O cinema e o rádio começavam a se popularizar nos anos de 1950 com o surgimento da televisão. Ao mesmo tempo, ocorrem grandes transformações na produção, circulação e recepção das mensagens midiáticas. A experiência humana na modernidade já não pode ser vista fora de suas relações com a imagem e suas técnicas. O capitalismo tecnológico tornou-se dominante.

A relação entre o capitalismo e a informação se constrói com base na leitura da revolução tecnológica realizada por Mandel (1985). Sob a ótica desse autor, no alicerce de cada ciclo de reprodução ampliada do capital, posiciona-se o incremento tecnológico que estabelece outra regularidade no desenvolvimento capitalista.

A informação criada ao vetor tecnológico, apropriada pelo capitalismo, tem redefinido os destinos da ciência e do progresso material, reorientando as descobertas e o conhecimento produzido (DUPAS, 2001). A informação tem sido considerada um fator imprescindível ao desenvolvimento do capitalismo e da sociedade (AMARAL, 1995).

No século XX, os artifícios de produção são apressados graças à exigência do novo compasso de vida da sociedade moderna. Os núcleos técnicos se multiplicaram em várias localidades, gerando maior produção em período reduzido de objetos tecnológicos em quantidade e em qualidades ofertados a um número cada vez maior de consumidores.

O progresso técnico, por sua vez, acende novas necessidades, imprimindo uma aceleração firme não só na economia, mas nas práticas sociais e culturais da sociedade.

Quanto a isso Schaff (1995, p.15) destaca que “nos encontramos diante de uma mudança profunda que não é apenas tecnológica, contudo, abrange todas as esferas da vida social”. As inovações tecnológicas não trilham caminhos separados das transformações do âmbito social. O técnico acaba exercendo um forte “impacto” nas estruturas sociais, na medida em que existe interação entre ambos.

É imprescindível a compreensão dos efeitos causados pela globalização a respeito das mudanças de vida no mundo atual, sobretudo ocasionadas pela expansão e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. A constante evolução tecnológica suscitou mudanças e diversas possibilidades de convívio social.

Nesse âmbito, Huhtamo (2002) analisa que a tecnologia vem gradativamente se tornando uma segunda natureza, um território ao mesmo tempo externo e internalizado dos seres humanos.

Para Mattelart (2002), a globalização não é um evento tão novo, iniciando-se com os grandes descobrimentos pelos navegadores europeus nos séculos XV e XVI, ganhando força e contorno a partir do século XIX e se consolidou no século XX, por meio das interconexões aceleradas pelos meios de transportes e pelas redes de comunicação e da informação que, em tempo cada vez menor, aproximavam as grandes distâncias.

Na passagem para o século XX, os grandes centros urbanos já apresentavam um perfil de aceleração econômica e social, graças à uma série de artefatos técnicos que iam sendo disponibilizado para a sociedade. É o que demonstra Nicolau Sevckenko:

Essas transformações drásticas do modo de vida ocorreram concentradamente em especial entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX, entre os países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos. O que significa dizer que, comparativamente, nessa porção do mundo ocidental, a realidade mudou num ritmo lento e compassado do Renascimento até fins de 1800, período em que tanto as velocidades quanto as medidas de força de tração eram consideradas, sobretudo em relação ao deslocamento e potencial dos equinos e muares, principal fonte de energia até então, visto que mesmo as máquinas a vapor eram avaliadas por seu “horse-power”. Mas desse ponto em diante, quando o impacto da Revolução Científico-Tecnológica se faz sentir na sua plenitude, alterando tanto os hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho, o mundo que então se estabelece já nos parece francamente familiar. Seus potenciais são medidos em escalas técnicas abstratas de estrito valor matemático como os *volts*, *watts*, *ampéres*, *hertz*, *roentgen*, *mach*. É já o ‘mundo moderno’ no qual vivemos. “Embora estejamos vivendo hoje com um momento ainda mais intensamente marcado pela saturação tecnológica, podemos perceber que é dentro dessa configuração histórica ‘moderna’ definida a partir da passagem do século que encontramos nossa identidade (1998, p. 86).

Com a ampliação do capitalismo, o mundo globalizado está absorvido pelos diversos sistemas de comunicação e cultura que se adentram no nosso cotidiano. O convívio com esses sistemas tornou-se indispensável na rotina da sociedade. Se na virada do século XIX o choque foi a Revolução Industrial, o século XX finaliza sob o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação. Sem dúvida, o século XX marcou-se na agenda histórica como a era das grandes transformações geopolíticas, socioeconômicas, das telecomunicações e das reconfigurações das identidades culturais do mundo globalizado (TRIGUEIRO, 2004, p. 33).

Dentro de uma perspectiva histórica, é importante respaldar que a Segunda Guerra Mundial, apesar das suas atrocidades e truculências, deixou como legado um opulento material e conhecimento empregado na invenção de novas tecnologias que suscitou transformações significativas na sociedade na metade do século XX. Intensificam-se as

mudanças, “imprimindo à base tecnológica um impacto revelado, principalmente pelo conhecimento dos setores de serviços, comunicações e informações, o que levou a ser caracterizado como período pós-industrial” (SEVCENKO, 2001, p. 81).

Nessa época, a presença da comunicação na sociedade em geral passa por uma série de transformações com o surgimento de novos meios técnicos de comunicação, que é também transformada com o surgimento de novos aparatos técnicos e de novas mídias no transcorrer da modernidade. Sendo assim, pensar o desenvolvimento da técnica na sociedade implica diretamente nas alterações dos fenômenos sociais e comunicacionais.

Deste modo, percebe-se o quanto a comunicação e seus meios ocupam posição de destaque nas organizações sociais, e que a reflexão sistemática a respeito da comunicação é concomitante com a construção da modernidade. As complexificações comunicacionais ocasionadas por esse período tornaram claro a precisão de buscar compreender com detalhes, como funciona, atua e se transforma um dos princípios centrais da própria organização social (SOUZA, 2006).

Como objeto de conhecimento, a comunicação foi gradativamente conquistando uma posição de destaque no universo acadêmico.

Segundo Souza (2006), essa interpretação como um todo, passou a ser conceitualizada nas mais variadas conjunturas, bem como foi sendo associada aos mais divergentes fenômenos analisados, por exemplo, pelos campos da biologia, da sociologia, da antropologia, da filosofia, da história, da geografia, das ciências cognitivas, da física, da química, da psicologia, da medicina, da linguística, da informática, da engenharia, da economia, da ciência política, do direito e da administração, o que evidencia, com precisão, porque usos e significados da comunicação decorreram a ser uma das principais questões da produção de conhecimento acadêmico de múltiplas áreas do saber.

A própria teoria da comunicação caracteriza-se pela diferença das correntes e concepções que a resguardam. Sobretudo, foi a partir dessas mudanças da modernidade que ocorreram sistematizações de estudos e pesquisas que arriscaram buscar a definição dos conceitos de mídia e de massa, incididos de um mundo transformado onde a urbanização e a industrialização crescentes sob a égide do capitalismo impeliram uma extensa complexificação tecnológica das redes comunicativas desse novo contorno social.

Basicamente, esta complexificação transmutou a organização temporal e espacial da dinâmica social, criando novos formatos de ação e interação, reordenando as relações sociais e as formas de relacionamento dos sujeitos com os outros e consigo mesmo.

Para Schaff (1995), as últimas décadas do século vinte expõem as sociedades humanas em meio a uma rápida e enérgica revolução da microeletrônica em que as possibilidades de desenvolvimento são gigantescas, mostrando imensos os perigos inerentes a elas, tanto nos aspectos tecnológicos quanto nas relações sociais, uma vez que as mudanças da ciência e da técnica, com as consequentes modificações nos serviços e na produção, conduzirão as transformações também nas relações sociais.

Ao analisar a complexidade da "nova economia, sociedade e cultura em formação" Castells (1999, p. 24), tem como alvo a revolução da tecnologia da informação, devido sua "penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana", observando que "devemos localizar este processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado". O autor acredita que o tecnológico foi modelado pela lógica e interesses do capitalismo, ainda que não tenha se restringido à expressão desses interesses.

Na abordagem de Castells "as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder" (1999 p. 33).

Nessa sociedade globalizada, pelas suas redes midiáticas, o desenvolvimento veloz e o uso dos Meios de Comunicação de Massa e de Mídia de Massa individual afetaram significativamente todos os espaços da vida social, até mesmo os das relações de convívio social. Essa aldeia global tem entre suas peculiaridades fundamentais o atravessamento universal pelos efeitos e as possibilidades da comunicação-informação.

Martín-Barbero, em sua obra - *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia* (2003), buscou investigar o papel que os meios massivos exerceram nas diversas fases de modernização da América Latina. Em meio a essa investigação, ele testemunha um quadro de transformações sociais, econômicas e políticas, que irrompia na América Latina, a partir das décadas de trinta e de cinquenta do século XX.

Dentro deste contexto histórico de globalização, os meios de comunicação de massa têm agido como mediadores dessas novas relações sociais paradoxais e ambíguas. Certamente, as tecnologias modificaram radicalmente não só a dimensão temporal, mas também a dimensão espacial das relações sociais. Vivemos hoje um contexto amplamente diversificado, intermediado pelos meios de comunicação. Não se pode negar que estes não servem como sistema de comunicação de mensagens e símbolos para os indivíduos. É seu papel além de divertir, distrair, informar, além de "influenciar" os indivíduos com valores, crenças e códigos de comportamentos.

Nesse contexto, é que entra a televisão, veículo que tem “roubado” a atenção em todos os sentidos das pessoas desde sua criação. Foi o invento que refletiu, moldou e recriou a cultura do século XX. Ela não é mais só um simples dispositivo de entretenimento, e sim, um conjunto de fatores e valores, sendo uma de suas principais potencialidades a de criar e reproduzir representações sociais, que transformou a vida do homem em sociedade.

## **2.2 A televisão em destaque**

O percurso da televisão brasileira revela que, ao longo de sua trajetória, o alcance da audiência se deu pelo uso de uma tática de criar no telespectador o sentimento de identidade nacional, produzindo-se na tevê um ideal de personalidade a ser alcançado, fortalecido por um “princípio da reprodução” que simula os modelos existentes no mundo (SODRÉ, 1984).

Ainda que o objetivo desse estudo não seja fazer uma análise política, nem econômica da implantação da tevê no Brasil, é de suma relevância para essa pesquisa abordar a instalação desse meio de comunicação no Brasil dentro do contexto histórico da época, surgindo num período político singular, no final dos anos 1950, como auxiliador do processo de modernização e crescimento do país, no intuito de possibilitar a integração nacional brasileira.

De acordo com Martín-Barbero, a televisão, que tem a função de transmitir valores, sobretudo na América Latina, permitiu o avanço e a diversificação da indústria e o aumento do mercado interno. A chegada da televisão serviu para buscar a unificação da demanda e expandir linguagens e interesses hegemônicos: a homogeneização dos estilos de vida desejáveis. Nenhum outro meio de comunicação tinha permitido o acesso a tanta variedade de experiências humanas, de países, de povos, de situações. Mas também nenhum outro jamais se controlou de tal modo que, em vez de implodir o etnocentrismo, terminasse por reforçá-lo. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.62).

A televisão brasileira iniciou a sua implantação em fevereiro de 1949 quando Chateaubriand adquiriu junto à empresa americana RCA Victor, cerca de trinta toneladas de equipamentos necessários para montar uma emissora, nomeando quatro diretores responsáveis. Anos antes da instalação da TV Tupi de São Paulo, os Diários Associados começaram a desenvolver estratégias de treinamentos aos seus radioatores para o novo veículo, visando ainda à popularização da imagem dos artistas. (MATTOS, 2009, p.49-51).

**Televisão RCA**

**A PRIMEIRA** NO MUNDO  
**A PRIMEIRA** NA AMÉRICA DO NORTE  
 E AGORA **A PRIMEIRA** NA AMÉRICA DO SUL

com a inauguração da  
**PRF3-TV-Emissoras Associadas**  
 SÃO PAULO

Uma nova era se abre para o progresso de São Paulo e do Brasil com a inauguração da PRF3-TV-Emissoras Associadas de São Paulo — a primeira Estação Televisora da América do Sul. E a RCA sente-se justamente orgulhosa em ser desse modo a pioneira em Televisão na América do Sul, como já foi a pioneira na América do Norte e no Mundo. As Emissoras Associadas — a quem o público brasileiro deve essa arrojada conquista — os nossos parabens e nossos votos para que o mais completo êxito corôe esse seu novo empreendimento.

**RCA VICTOR RÁDIO S.A.**  
 RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE

**RCA**

LÍDER MUNDIAL EM RÁDIO \* PRIMEIRA EM GRAVAÇÕES MUSICAIS \* PRIMEIRA EM TELEVISÃO

Figura 01- O Cruzeiro, 09 de setembro de 1930<sup>3</sup>.

Oficialmente, a televisão brasileira foi inaugurada em setembro de 1950, nos estudos precariamente instalados em São Paulo, pelo pioneirismo do paraibano Assis Chateaubriand –

<sup>3</sup> EXTRAÍDA DE: BARACHO, Maria Luiza G. *Modernidade em preto e Branco: a Televisão em Curitiba*. Tese. Doutorado em História. Curitiba PPDH/UFPR, 2007.

onze anos depois dos Estados Unidos que já possuíam 12 milhões de aparelhos recebendo a programação de 100 estações. No dia 18 de setembro, entrava no ar a PRF3 TV Difusora, recebendo depois a denominação de TV Tupi de São Paulo.

Segundo Mattos (2009), a TV Tupi surgiu num período no qual o rádio era o mais popular veículo de comunicação do país, atingindo quase todos os estados. E diferentemente da TV norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve que se submeter à influência do rádio, aproveitando de início, da sua estrutura, do mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas.

Antes mesmo de a TV Tupi ser inaugurada, todos os jornais e revistas dos Associados passaram a noticiar que estava para chegar a televisão ou o “cinema em domicílio”, conforme buscavam ilustrar aos seus leitores o que seria aquele novo símbolo de modernidade e de entretenimento (JUNIOR, 1998).

Bem antes da inauguração da TV Tupi, o técnico de nacionalidade americana Walther Obermüller, responsável pela instalação dos equipamentos RCA Victor, descobriu que não havia um único televisor em São Paulo para captar as primeiras imagens a serem transmitidas. Assis Chateaubriand sendo informado e sabendo que nem o presidente da República seria apto de diminuir o prazo dos trâmites normais estabelecidos pela burocracia para que duzentos televisores fossem importados, ele ordenou que esses aparelhos fossem providenciados por meio de contrabando. E dessa forma, a Tupi instalou televisores em lojas e bares da cidade, além do saguão dos Diários Associados, onde uma multidão ficou aguardando para assistir e apreciar a novidade. (MATTOS, 2009, p. 80).

Entretanto, a população recebeu a TV com ceticismo e logo encontrou formas de brincar e fazer piadas com o novo veículo de comunicação, tais como: “Não toque nesta máquina porque poderá causar uma explosão imediata”, ou que os casais precisavam se poupar de cenas mais íntimas quando na frente do televisor “porque o homem que se encontrava dentro do aparelho podia enxergar todas as pessoas de suas respectivas casas, e assim por diante (MATTOS, 1999).

**BREVE**

**TELEVISÃO - uma realidade!**

... com o transmissor G-E da Tupi - TV

Você desfrutará desse novo veículo de progresso graças aos receptores que também a General Electric levará pela primeira vez aos lares cariocas

Muito breve V. poderá assistir, no conforto de sua própria casa, aos maiores acontecimentos cívicos, esportivos, artísticos, sociais... com um magnífico Receptor G-E, do último tipo apresentado nos Estados Unidos.

Os Receptores G-E reproduzem as imagens com a mais perfeita nitidez — *de noite ou de dia* — e constituem o conhecimento das extensas pesquisas eletrônicas que também deram lugar ao poderoso transmissor G-E ora instalado no alto do Pão de Açúcar.

Tanto o moderno transmissor da Tupi-TV como os receptores que V. breve poderá ter em sua casa, representam mais uma afirmação da liderança mundial da General Electric nos domínios da eletrônica e da televisão.

**TELEVISÃO**

Leve o espetáculo à sua casa

**GENERAL ELECTRIC**  
SOCIEDADE ANÔNIMA

MODELO 12-18-1

8.452

Figura 02- O Cruzeiro, 09 de setembro de 1950<sup>4</sup>.

Para Fanucchi (1996), a chegada da televisão, aquela estrutura suntuosa à época também acendeu um misto de curiosidade e desconfiança entre seus frequentadores habituais:

<sup>4</sup> Extraída de: BARACHO, Maria Luiza G. *Modernidade em Preto e Branco: a Televisão em Curitiba*. Tese. Doutorado em História. PPDH/UFPR, Curitiba, 2007.

atores, músicos, técnicos, produtores, diretores e ouvintes. Entre os radioatores, a novidade já apresentava em si o desconforto de ter que “mostrar a cara” perante os telespectadores.

Quatro meses depois da inauguração da primeira emissora de televisão do país e da América do Sul, a TV Tupi Difusora de São Paulo, junto com Chateaubriand inaugura no dia 20 de janeiro de 1951 a TV Tupi Rio, também instalada provisoriamente nas dependências da Rádio Tamoio.

De acordo com Mattos (2009), quando a televisão chegou ao Brasil, a vida cultural do país era concentrada no Rio de Janeiro. Era no Copacabana Palace que se concentravam as atrações internacionais e nacionais, sendo o cassino do hotel uma das atrações mais procuradas pelos visitantes. No entanto, quando o jogo foi banido, nos anos cinquenta, a elite foi estimulada a buscar por novas diversões, “numa época em que tanto a classe alta quanto a média estavam conscientes que lhes faltava o último e mais moderno símbolo de desenvolvimento tecnológico, que seus semelhantes estavam desfrutando nos países industrializados” (MATTOS, 2009, p.50).

Em 1950, quando a televisão foi ao ar, dos 51 milhões de brasileiros, 10 milhões viviam nas grandes cidades, enquanto 41 milhões estavam no campo, nos vilarejos e cidades de menos de 20 mil habitantes, segundo o Censo do IBGE daquele ano (MELLO, 1998 p. 574)

Iniciadas as transmissões de TV, conclamava-se a população a colaborar para a modernização da sociedade brasileira. Não bastava aplaudir a chegada da televisão ao país; era preciso agir, adquirindo um televisor. Entretanto, como ocorre com muitas novidades que chegam ao mercado, o preço dos televisores era proibitivo e não havia variedade de modelos a escolher. As firmas importadoras de aparelhos elétricos, ampliando seus negócios, começaram a fazer anúncios diários de venda de receptores (BARACHO, 2007, p. 109).

Segundo Mattos (2009), nos fins dos anos de 1951, havia mais de sete mil televisores entre Rio e São Paulo, e os duzentos aparelhos instalados para a inauguração da TV brasileira pertenciam a membros da elite econômica do país. O escritor relata ainda que o preço de um televisor era três vezes maior que o da mais sofisticada radiola da época, pouco menos do que um carro. Além disso, no Brasil era inexistente a presença de indústria de componentes para os televisores, até mesmo as válvulas eram importadas dos Estados Unidos.

No início foi difícil, a programação era mostrada ao vivo. Os profissionais advindos do rádio acostumavam-se ainda à dinâmica da televisão e, entre cada programa, cenários cada vez mais sofisticados eram preparados, o que exigia muito tempo para arrumação. Enquanto isso, no aparelho receptor, durante os intervalos, permanecia congelada a cartela com a

imagem de um índio que logo conquistou a antipatia do telespectador (FANUCCHI, 1996). Lorêdo (2000) conta que a figura do Curumim chegou a ficar exibida na tela por até uma hora. Além disso, muita coisa dava errado: cenários caíam, o áudio não saía, câmeras vazavam no meio da transmissão, os atores cometiam erros, o que obrigava os produtores a tirarem a emissora do ar constantemente.

Assim que começaram as cogitações sobre televisão em São Paulo e no Rio de Janeiro, muitos brasileiros acharam que se tratava de uma aventura, de algo inatingível, de um privilégio dos países adiantados, de um sonho de modernidade distante. No entanto, com as transmissões experimentais, com a melhoria do sinal de televisão e com a possibilidade real de captá-la em aparelhos domésticos, o sonho deu lugar à realidade. A televisão se tornou assunto de conversas e tema constante de programas de rádio. Brasileiros descrentes, como Anselmo Domingos, no texto “Um sonho? Não!”, tiveram de admitir a importância do que viria a ser um fenômeno da comunicação no país (BARACHO, 2007, p. 114).

Chega-se, finalmente, à conclusão de que um passo definitivo a radiofonia vem de dar. (...) Aí está a televisão, um verdadeiro sonho em forma concreta. Eu fui um dos que não acreditavam. Eu e muitos. Lembro-me da noite do programa de José Mojica [no Rio de Janeiro]. Disse a Olavo de Barros [produtor de teleteatro da Tupi carioca] que a televisão no Brasil ainda me parecia uma aventura. Replicou-me. Acreditava piamente. E vejo então que Olavo tinha razão. Ele e Almeida Rego, o crítico da “Folha Carioca”. Não que eu estivesse duvidando da realização prometida pelas Associadas, da capacidade entusiasmo que a televisão viesse a despertar. Vejo agora que o povo está interessado, vivamente empenhado. Se receio ainda me resta, é um dos resultados financeiros da ideia. Mas acalmo-me raciocinando bem: quem leva a efeito uma iniciativa tão arrojada, tão dispendiosa, tão cheia de riscos, estará por acaso esperando resultados econômicos logo de estalo? Claro que não. O que há de principal em tudo isso é que as Associadas lançam a televisão no Brasil com um espírito de idealismo acima de tudo, ideal de dar de si o máximo em proveito do rádio da terra.<sup>5</sup>

Nos dois primeiros anos, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país (MATTOS, 2009). Apenas uma pequena parcela abastada da população brasileira tinha acesso ao aparelho e era para esse público que a programação se dirigia: telejornais, teleteatro, debates, entrevistas, concertos de músicas e espetáculos de balé. No ano de 1951, iniciou-se no país a fabricação de televisores da marca *Invictus*. Inimá Simões (1986) narra que, com o intuito de aumentar o crescimento de telespectadores, uma verdadeira campanha publicitária começou a ser veiculada, estimulando a venda de aparelhos. O texto notificado era o seguinte:

Você quer ou não quer a televisão? Para tornar a televisão uma realidade no Brasil, um consórcio radiojornalístico investiu milhões de cruzeiros. Agora é a sua vez –

<sup>5</sup>O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: n. 8, 9 dez. 1950, p. 12.

qual será a sua contribuição para sustentar tão grandioso empreendimento? Do seu apoio dependerá o progresso, em nossa terra, dessa maravilha da ciência eletrônica. Bater palmas e aclamar admiravelmente é louvável, mas não basta seu apoio, só será efetivo quando você adquirir um televisor. (SIMÕES, 1986 p.36).

Neste mesmo ano, Pedro Lima<sup>6</sup> lembra aos leitores de “O Cruzeiro” que o principal, a instalação de emissoras de TV, a Tupi já fizera; cabia ao público difundir os receptores domésticos, para usufruir, no aconchego do lar, do “novo espetáculo que uniu o rádio e a imagem numa única, cômoda e pouco dispendiosa exibição”. Para os interessados na aquisição de um aparelho, havia uma notícia animadora: um novo fabricante americano anunciava que, assim que conseguisse reduzir (não sabemos quantas válvulas), porque não somos técnicos no assunto, os televisores ficariam mais baratos (BARACHO, 2007, p. 119).

Segundo Baracho (2007), Pedro Lima procura justificar o gasto com o televisor mostrando as vantagens que este oferecia em relação ao rádio: “quase pelo preço de um rádio, pode-se ouvir e ver os acontecimentos mundiais, seja pelos jornais da tela ou pelos filmadores especiais, e ainda comédias, dramas e revistas, até dos teatros, que facilitarem às câmeras da TV a divulgação dos espetáculos”.

Convencidos das qualidades da televisão, muitos paulistas e cariocas decidiram comprar o primeiro televisor. Nos primeiros tempos em que as emissoras foram ao ar, aos poucos os receptores se fizeram presentes em muitas lojas. Fabricantes e lojistas passaram, então, a anunciar os televisores em revistas e em jornais, com fotos e desenhos dos diversos modelos e marcas, acompanhados dos respectivos preços e condições de pagamento (BARACHO, 2007, p. 120).

Os primeiros passos iniciais da televisão, a partir da década de 1950, podem ser atribuídos ao favoritismo político, o qual concedia licenças para exploração de canais sem um plano preestabelecido (MELO, 1975, p.37). No entanto, para Mattos (2009) a proliferação de estações de televisão começou antes do golpe militar de 1964, mais exatamente durante a administração do Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961). Depois do estabelecimento do Ministério das Comunicações em 1967, o processo de concessão de licenças levou em conta não apenas as necessidades nacionais, mas os objetivos do Conselho de Segurança Nacional de promover o desenvolvimento e a integração nacional.

Se por um lado, a censura bloqueou o livre-arbítrio dos jornalistas e dos veículos de comunicação, a televisão foi eleita pelos militares para ser o instrumento da unificação

---

<sup>6</sup> Publicou no artigo *Televisão e Cinema*, publicado, O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: n. 14, 20 jan. 1951, p. 32.

cultural e política do país e parte essencial da tão sonhada integração nacional; a ferramenta na estrutura de sustentação do poder.

Desde seu início, a televisão brasileira caracterizou-se como veículo publicitário, seguindo o modelo comercial norte-americano. Nesse período a tevê ainda não atingia um grande público. Por isso que não atraía muitos anunciantes. Mas as agências publicitárias estrangeiras, instaladas no Brasil, e que já possuíam familiaridade e experiência com esse meio em seus países de origem, logo utilizaram a tevê nacional como veículo publicitário.

Nos primeiros anos, eram os patrocinadores que definiam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente os artistas e produtores. Justamente, por essa razão, durante as duas primeiras décadas de nossa televisão brasileira, os programas eram identificados pelo nome dos patrocinadores (MATTOS, 2009, p. 70).

Até então, entre 1955 e 1964, o consumo da televisão no país ainda era muito restrito. A partir de 1960, a televisão recebeu um grande impulso com a chegada do videoteipe. Os programas que eram realizados ao vivo passaram a serem gravados. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir a tevê rotineiramente prendendo a atenção do telespectador, visto que os capítulos de algumas novelas não eram transmitidos diariamente.

As fitas contendo os programas gravados eram enviadas às filiais do mesmo grupo e instaladas em diferentes cidades do país, o que ocasionou um padrão de programação que ajudou a criar uma “identidade nacional”, por meio da disseminação de ideias e costumes provenientes das capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde se agrupava a grande massa da população e onde as sedes das emissoras eram instaladas.

A televisão começava a promover uma mudança de comportamento. Klagsbrunn (2002) conta que havia ainda um “misto de respeito e estranhamento” diante da caixa mágica e de seus mistérios. A posse do objeto que traz as imagens para dentro de casa “significava uma postura “moderna”, uma atitude desinibida diante da nova tecnologia” (2002, p.95).

Depois de 1964, as indústrias eletrônicas produziram um grande número de televisores para atender ao crescente mercado interno. O número de aparelhos receptores cresceu, enquanto as emissoras se convertiam concomitantemente no veículo publicitário nacional através do qual as indústrias poderiam divulgar seus bens de consumo.

De qualquer maneira, a expansão da televisão foi um processo lento. Dez anos depois de fundadas as duas primeiras emissoras de TV do país, apenas 4,61% dos domicílios brasileiros possuíam um aparelho receptor. A região sudeste liderava com 12,44% dos domicílios com televisão, enquanto nas demais essa percentagem não chegava a 1%. Desse

modo, apesar da novidade representada pelo televisor e da criação de várias emissoras, inclusive, fora do eixo Rio-São Paulo, foi relativamente lenta a formação do público telespectador. Em 1970, possuíam televisor 24% dos domicílios do país, localizados principalmente nas regiões Sul e Sudeste. E mesmo no Sudeste, esse número era de apenas 40%, onde São Paulo e Rio de Janeiro mantinham-se como as cidades de maior concentração da mídia (HAMBURGER, 1998, p. 448-449).

Sem dúvida, a televisão foi recebida no Brasil com curiosidade e interesse. Para muita gente, ela representou renovação e modernização, apesar das deficiências, dos problemas e dificuldades que imediatamente se tornaram visíveis. Enquanto muitos relevavam as falhas e procuravam aproveitar o que de bom a televisão oferecia, acreditando que melhorias viriam no decorrer do tempo, outros criticavam, veementemente, a novidade, menosprezando as suas potencialidades. As críticas dirigiam-se tanto às emissoras e sua programação quanto aos televisores disponíveis no mercado (BARACHO, 2007, p. 122).

### **2.2.1 Concepções teóricas: Televisão como meio de comunicação de massa**

A televisão começou a se firmar como grande veículo de comunicação de massa a partir da metade da década de 1960, assim que a instituição das vendas a crédito e a redução dos preços garantiam as facilidades necessárias para que o brasileiro adquirisse o receptor. A implantação do Plano Nacional de Telecomunicações e, logo depois, a criação da Embratel abasteceram a estrutura física necessária para o estabelecimento das redes, de forma que a transmissão da programação acontecesse simultaneamente em todas as cidades onde as grandes emissoras tivessem filiais.

À medida que a tevê ia se popularizando e transformando-se em fonte de informação, entretenimento e lazer para boa parte dos indivíduos, discussões sobre seu papel no cotidiano das populações e sua relação com os bens culturais também se intensificaram.

Adorno e Horkheimer, ao projetarem-se como críticos instigantes dos modernos meios de comunicação de massa, criaram a expressão “indústria cultural”, utilizando-a para tratar “a problemática da cultura de massa”, referindo-se à mercantilização das formas culturais. A partir de daí, eles afirmam:

A cultura de massa é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais tocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não pode ser mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime de monopólio, mais

toda poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos. Quanto maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores (HORKHEIMER, et al, 1985, p.151).

Teixeira Coelho (1991, p. 10-11) aborda que a “indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como função da industrialização, a reificação ou coisificação”, transformação de tudo em coisa, e coisa que se pode ser trocada por dinheiro e consumida. Veementemente Coelho (1991) adota as convicções de Adorno colocando o indivíduo também como produto dessa reificação. E é esse o período histórico da manifestação da cultura de massa, “nos braços” do capitalismo liberal, da economia de mercado e, sobretudo, de uma sociedade pronta para consumir. Nasce assim, um “capitalismo de organização, que criará as condições para uma sociedade de consumo cimentada, em ampla medida, por veículos como a TV” (COELHO, 1991, p. 12).

A partir dos anos 1970-1980, segundo Ana Carolina Escosteguy, são implementados estudos de recepção desses meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Os estudos em comunicação trouxeram o receptor para o centro das atenções.

Notadamente na América Latina, a produção culturalista tem se dedicado a estudar a comunicação de massa entendida no campo cultural, em especial na cultura popular. O aspecto culturalista prevê um novo viés de se conceber o processo da comunicação, centrando a atenção nas diferentes possibilidades de interação do sujeito com as mensagens midiáticas, isso porque a sociedade é um território que contém resistência e dominação. E os meios de comunicação funcionam como chave neste combate simbólico.

Eis a importância de se estudar a televisão e os processos de interação social, pois se trata do meio de comunicação de massa com maior alcance na sociedade, contudo, nas divisões socioeconômicas, etárias, de gênero, ideológica. Enfim, ela permanece onipresente no cotidiano social.

Com advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro da sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política estão reordenando percepção de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade (KELLNER, 2001, p. 27).

Os estudos culturais latino-americanos apresentam suma relevância no debate sobre recepção midiática e meios de comunicação de massa. Jesus Martín-Barbero é a grande referência para a área, como outros autores que serão trabalhados no decorrer da pesquisa. Em seus estudos, Martín-Barbero busca recuperar o “popular” no debate comunicacional,

ressaltando a importância do folhetim e do melodrama na construção das identidades na América Latina. Dentro de um viés crítico, e usando o conceito gramsciano de hegemonia, Martín-Barbero propõe trabalhar a comunicação a partir da cultura e lança mão de um conceito fundamental para os estudos de recepção: o conceito de mediação. Por mediações, esse autor entende “as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, [...] as diferentes temporalidades e [...] a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 258).

Martín-Barbero (2004, p.242), afirma que os aportes latino-americanos aos Estudos Culturais significam um rearranjo nas concepções sobre a relação entre comunicação e cultura, ao trazerem novas abordagens e objetos de estudos: mediações, frentes e heterogeneidades culturais, dinâmicas de desterritorialização e hibridação. O autor coloca os Estudos Culturais ao lado do movimento de “reflexibilidade” brotado nas ciências sociais, igualmente aquele que tem movimentado a pesquisa latino-americana de comunicação com mais fecundidade nos últimos anos. Para ele, as pesquisas latino-americanas, do mesmo modo das investigações de ponta realizadas na Europa e nos Estados Unidos, passam a exercer uma maior convergência com os Estudos Culturais, acrescido à sua capacidade de análise.

No caso dessa pesquisa, em particular, considerando suas peculiaridades, utilizamos do arcabouço crítico, teórico e metodológico que os Estudos Culturais vêm contribuindo para o campo da comunicação.

Em meio a essa trajetória histórica de teorias que foram construídas, reconstruídas e complementadas, a partir do contexto social da época, afirmamos que a televisão é um objeto de análise complexo.

Para Roger Silverstone (1989), ela é um conector basilar do mundo individual do sujeito com o social que o cerca. Segundo ele, “estudar televisão é o mesmo que estudar o cotidiano”. Resgatar a sua história é vital para a melhor compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas envolvendo o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

John Thompson (1995) analisa como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa afetou os modos de interação social, introduzindo novos tipos de relacionamentos sociais, de representação, e gerando novas identidades, reorganizando e reconstituindo a interação. Para ele assim como também para Silverstone (2002), a recepção deve ser vista como apropriação cotidiana.

Para Thompson (1995, p.06), as maneiras de receber as mensagens comunicativas são modos de agir; e dentro dos contextos da vida cotidiana, elas podem ser expressivas e significativas às pessoas. Os receptores estão envolvidos em um contínuo processo de

entendimento e re-entendimento dos seus respectivos "eus" e também da realidade social por eles construída, por meio dessas mensagens que recebem em um processo gradual.

Canclini (2002) alerta que o indivíduo não pertence mais a um país, mas ao mundo, num instante, num clicar do controle remoto, o indivíduo está em contato com outras partes do mundo e as partes de realidade, que abrange um todo de informações que precisam ser rapidamente absorvidas. As significações e representações culturais se multiplicam e assim, nós, pesquisadores, confrontamos uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, o que permite a cultura nacional já viver comprometida com esta transnacionalidade por conta da globalização. “A cultura é um processo de montagem multinacional (pós-Globalização), uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer país, religião e ideologia podem ler e utilizar” (CANCLINI, 2002, p. 41).

Dominique Wolton (1996) vê a televisão como responsável pelo laço social na sociedade de massa em que habitamos. O sujeito torna-se consumidor de imagens, e a TV vive conforme é absorvida pela demanda dos telespectadores. Eis o ensejo para estudar a TV além do seu histórico cultural e seus produtos: deve chegar ao receptor. Na verdade, a televisão constrói uma realidade na forma de representações sociais”. Sodré (1981, p. 76), relata que “a representação de um fenômeno social qualquer consiste num conjunto de imagens, estruturado pelo jogo de significações sociais ou das atitudes dos sujeitos da representação.”

A televisão é um misto simbólico que dissemina experiências pelo mundo e cada qual vai receber as mensagens de acordo com seus padrões de comportamento e seu ambiente social (BANDURA, 2008).

### **2.3 A presença da televisão no RN: TV Universitária**

Como já relatamos, a chegada da televisão no Brasil coincidiu com um período de forte tentativa de integração nacional e afirmação de uma identidade e do que era a cultura nacional. Dentro da pesquisa, adoto como proeminente relatar rapidamente a instalação da primeira emissora de tevê do Estado do Rio Grande do Norte, a TV Universitária.

Os primeiros programas educativos foram veiculados na televisão por imposi o do governo. Segundo Teresa Otondo,

Em 1961, os Diários Associados abriram espaço para a Secretaria de Educa o do Estado de S. Paulo. Com quatro horas de cursos diários, foi o primeiro passo para a cria o da TV- Cultura. (...) Em 1967, o próprio governo comprou a emissora dos

Diários Associados, naquela época totalmente arruinada, e com dívidas por toda parte. (...) Em 69, uma vez analisados os problemas jurídicos e financeiros, o governo criou a Fundação Padre Anchieta e a TV Cultura começou a funcionar, em 16 de julho. Em 1975, sete dos 21 Estados brasileiros já tinham o seu canal educativo regional estatal. (2002, p. 271-272).

As tevês educativas nacionais eram proibidas por lei de veicular publicidade e sua programação deveria ser composta de cursos e programas educacionais. Por força do Decreto-Lei 239 de 28 de fevereiro de 1967,

Art. 13. A televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates.

Parágrafo único. A televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos.

Art. 14. Somente poderão executar serviço de televisão educativa:

- a) a União;
- b) os Estados, Territórios e Municípios;
- c) as Universidades Brasileiras;
- d) as Fundações constituídas no Brasil, cujos Estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações. (BRASIL, 1967)<sup>7</sup>

A intenção criadora das emissoras educativas no Brasil é claramente pedagógica. Segundo Otundo, “o primeiro público que se pretendia atingir com isso era o dos 15 milhões de jovens e adultos sem escolarização. Em 1971, os telecursos foram legalizados e concediam diplomas” (OTONDO, 2002, p.272). Havia uma ideia de massificação da educação por meio da televisão que permitiria ao governo chegar à população sem acesso ao seu circuito oficial.

No Estado do Rio Grande do Norte, a primeira emissora de tevê a ser instalada, foi a TV Universitária canal 05, que era inaugurada no dia 01 de dezembro de 1972, pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, através do Decreto nº 71464. Nesta data foi assinada uma licença para funcionamento em caráter experimental.

A licença tinha como texto principal:

É autorizada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concessionária do Serviço de Radiodifusão de sons e imagens (Televisão) na cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, a funcionar em caráter experimental pelo prazo de noventa (90)dias, a contar da presente data nos termos do regulamento do serviço de radiodifusão, aprovada pelo decreto Nº 52795. A presente autorização não gera em favor da beneficiada, qualquer direito, senão de testar o equipamento e sistema irradiante, conforme processo 1230/70 (SANTOS, 2002, p. 18-19).

<sup>7</sup> BRASIL. Decreto-Lei nº 236, de 28 fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del0236.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0236.htm)>. Acesso em: 21 de fev. de 2011.

O som e a imagem da TVU chegavam aos lares potiguaras graças a um transmissor de 2KW de potência (canal 05), montado no Morro Branco, no Parque das Dunas, na cidade de Natal, a 150 metros do nível do mar; um transmissor de 2KW instalado na Serra de Santana, a cerca de 810 metros do nível do mar; e um transmissor de 100 w de potência (canal 7), no pico da Serra de Mossoró, a 350 metros do nível do mar (SANTOS, 2002, p. 20).

A TV foi criada inicialmente para atender ao projeto Saci (Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares), para ensino a distância nas escolas da rede estadual de ensino básico. Esse projeto tinha por objetivo estabelecer um sistema nacional de tele-educação (como era chamada a educação a distância naquela época) com o uso do satélite. Foi concebido e operacionalizado, experimentalmente, de 1967 a 1974, por iniciativa do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). No seu início era ligada ao INPE e voltada quase unicamente para a produção de tele-aulas e programas para educação infantil.

Para colocar em prática este Projeto, o Estado do Rio Grande do Norte foi o pioneiro, onde, foi criado o EXERN (Experimento Educacional do Rio Grande do Norte). Uma sequência de convênios foi assinada entre a Universidade Federal do Estado (UFRN), Governo do Estado, Comissão Nacional de Pesquisas Espaciais (CNAE) e diversas outras entidades nacionais e internacionais (SANTOS, 2002, p.10).

Segundo Andrade (2005), o INPE elegeu o RN como local da experiência por vários motivos: porque possuía um escritório em Natal, por conta das atividades desenvolvidas com a base de lançamentos de foguetes da Barreira do Inferno; a UFRN era concessionária de um canal de televisão educativa; a Secretaria Estadual de Educação também evidenciou interesse e, finalmente, mas não por último, no Rio Grande do Norte, as condições eram tão difíceis que os resultados bem poderiam ser projetados para as regiões mais pobres do país.

O Projeto SACI, idealizado por Fernando Mendonça, diretor geral do INPE, pretendia experimentar o uso de satélites em educação, transmitindo programas de rádio e televisão às escolas de 1º grau, escolhidas aleatoriamente entre todas as municipais e estaduais do RN.

Para a implantação de uma televisão educativa no RN que cobrisse toda a área do EXERN, foi necessário fazer um estudo de propagação de sinais de TV na área a ser coberta. Uma equipe correu os pontos mais elevados do Estado com medidores de intensidade de sinal e simuladores e concluiu que, com uma Estação “Master” em Natal, uma repetidora na Serra de Santana e outra repetidora na Serra Mossoró, todo o Estado estaria coberto com sinal válido de TV (MOTTA, 1974, p.03).

A Televisão Universitária, primeira geradora de televisão do Rio Grande do Norte, foi durante 15 anos a única emissora do gênero no Estado com programação local. Atualmente, encontra-se localizada em prédio próprio, no Campus Central da UFRN em Natal-RN.

#### 2.4 São Vicente e a caixa de som e imagens

Dentro dessas trajetórias discursivas acerca da TV, refletiremos sobre a chegada da TV na cidade de São Vicente - RN, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte. A cidade se localiza na microrregião da Serra de Santana, inserida em pleno semiárido nordestino. Com uma extensão territorial de 198 km<sup>2</sup>, encontra-se a uma distância de 200 quilômetros de Natal, capital do Estado, como mostra a *figura* abaixo.

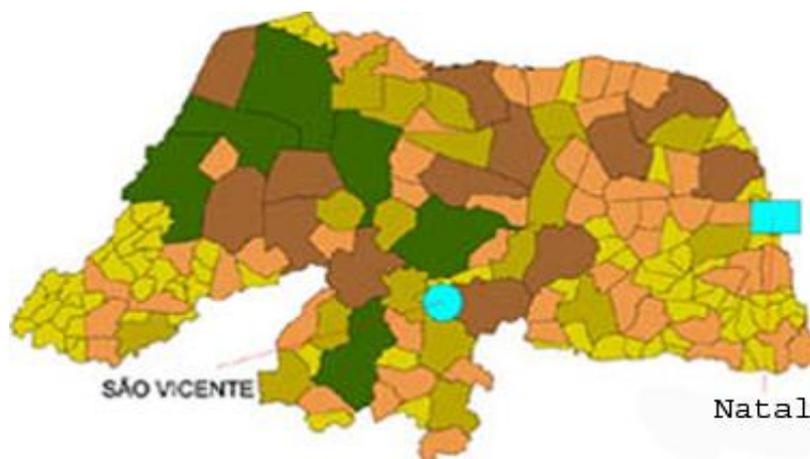


Figura 03 - Mapa do Rio Grande do Norte, destacando a cidade de São Vicente e a distância relativa à capital natal. fonte: <http://www.municipionline.com.br/mapas/rnsaovicente.jpg>

O Brasil, por apresentar uma grande dimensão territorial, constitui-se por regiões multiculturais, configurada por uma vasta diversidade sociocultural, marcada pela fusão das tradições locais e da cultura global, na qual os meios de comunicação exercem o papel primordial de produção e veiculação da cultura, em que São Vicente (RN) está inserida.

Há décadas, a televisão é o meio de comunicação que mais atinge os brasileiros, alcançando praticamente 99% de todo território nacional. A população brasileira está entre os maiores consumidores de TV do mundo. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2004-2005, do IBGE divulgada em 2006, revela-se que 90,3% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos 01 televisor.

O Estado do Rio Grande do Norte ocupa uma área de 53.306,8 Km<sup>2</sup>, o que corresponde a cerca de 0,62% da superfície total do país. A população do Estado é de 3.168.027 habitantes (Censo 2010), distribuída em 167 municípios. Dados do censo demográfico realizado pelo IBGE também nos mostram que o Estado do Rio Grande do Norte, nessas últimas décadas, é fortemente marcado pela presença da tevê nos domicílios dos potiguares, como nos aponta o *quadro* seguinte.

**Quadro I**

<b>Domicílios particulares permanentes no Rio Grande do Norte</b>		
<b>Período</b>	<b>Televisão - tinham</b>	<b>Televisão – não tinham</b>
2001	84,88	15,12
2002	85,43	14,57
2003	85,9	14,1
2004	89,17	10,83
2005	89,57	10,43
2006	92,15	7,85
2007	93,73	6,27
2008	95,33	4,67
2009	96,13	3,87

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/>

Nesse contexto, a eficácia da televisão como meio de comunicação de massa é extremamente expressiva no Estado do Rio Grande do Norte e em todo o país. Ela se faz presente na maioria dos lares desta imensa “aldeia global” (MCLUHAN, 1974).

De acordo com esse autor, a tevê rompeu fronteiras, possibilitando a união da humanidade no que ele chamou de “aldeia global”, o mundo ligado por uma antena de TV.

A TV tem o poder de envolver o telespectador em suas narrativas; a comunicação audiovisual é parte importante na cultura de nossos tempos; a imagem em movimento é à base das formas de expressão mais abrangente dos dias atuais.

É válido ainda ressaltar na pesquisa que mesmo com a presença da Internet e das novas mídias sociais, e o seu crescimento no país, a TV continua sendo palco de encontro diário da população. O ponto de vista que abordo não é necessariamente colocar a TV e a internet numa competição, mas focar que a TV dentro dessa sociedade tecnológica ocupa o seu espaço de interação com o indivíduo.

Estudos realizados no âmbito acadêmico evidenciam a potencialidade da televisão no processo de reconfiguração das práticas sociais. À medida que a televisão crescia e se popularizava transformando-se em fonte de informação e entretenimento para uma grande parcela da população mundial, discussões sobre seu papel no cotidiano dos indivíduos e sua relação com os bens culturais também se intensificaram.

É certo que a TV lança modas, induz comportamentos, enuncia acontecimentos, diverte, participa do cotidiano do país, tornando-se guia para milhares de pessoas que a utilizam como principal meio de informação.

[...] Nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades das experiências. (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Ao mesmo tempo, a mídia não se restringe apenas à veiculação de imagens, mas produz e reproduz muito dos significados sociais. Segundo Margaret Presser, *apud* Citelli:

[...] com o acelerado crescimento das mídias, a imagem alcançou patamar da narratividade cultural ampliada, ajudando a organizar as próprias formas de pensamento [...] Trata-se de entender que os signos imaginéticos não apenas ganharam força e amplitude, mas também intensificaram a sua capacidade de transitar valores, conceitos, informações e conhecimento, tendo reflexos sobre diversas instâncias sociais (PRESSER *apud* CITELLI, 2006, p. 19).

Complementando:

Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum [...] A mídia nos deu palavras para dizer, as ideias para exprimir, não como uma força desencarnada operando contra nós enquanto nos ocupamos com nossos afazeres diários, mas como parte de uma

realidade de que participamos, que dividimos e que sustentamos diariamente por meio de nossa fala diária, de nossas interações diárias. (SILVERSTONE, 2002, p.20).

A televisão ocupa lugar privilegiado também pela especificidade de sua linguagem. A TV conjuga as linguagens visual, sonora e verbal, reproduzindo, criando e reinventando a realidade sob diversos contornos. Atualmente, recursos utilizados por esse meio de produção de imagens e suas mensagens são cada vez mais sofisticados. Os equipamentos se aprimoraram, e já estamos na era da TV digital, que permite alta definição da imagem. Os receptores também se aprimoraram. Os recursos digitais ampliaram as possibilidades de criação de efeitos especiais, tanto visuais quanto sonoros.

Apesar de hoje ser incontestável a relevância dos meios de comunicação na compreensão da formação das sociedades modernas, ainda é pequeno o número de publicações que contenham sua inserção no cotidiano das pequenas e grandes cidades, das pessoas e nos estilos de vida.

É a partir da década de 1950 que o município de São Vicente inicia seu brando processo de transformações, ocorrido principalmente, pelo ato da emancipação política da cidade em 11 de dezembro de 1953, por determinação da Lei de nº 1.030. São Vicente desmembra-se da cidade de Florânia (RN), passando a ser governada por José Dantas Filho, lembrando que:

O florescimento das cidades é a grande novidade que se descortinou, no Sertão do Seridó [...]. No começo, elas absorveram aquilo que pertenceu ao campo: o seu tempo imaginário com suas tradições religiosas, seus costumes cotidianos, suas crenças, superstições, para depois, e aos poucos, irem modificando-os. (ARAÚJO, 2003, p. 248).

A *urbe* se fortalecia com a legalização do título de cidade. A sua emancipação política representava um grande passo à modernidade, pois, “[...] nenhuma cidade poderia ser moderna mantendo laços de dependência com outra” (MACEDO, 2006, p. 26), considerando que “[...] essa sociedade era particularmente vulnerável à mística semântica causada pelas expressões: novidade, modernidade, libertação” (OLIVEIRA, 2002, p. 07).

Contudo, essas mudanças não deveriam só ocorrer nos espaços físicos, mas também com os indivíduos, isso porque eles estavam em processo de transformação de hábitos sociais.

A cidade de São Vicente começa a se moldar, sendo resultante das alterações impostas pelas necessidades subjacentes ao desenvolvimento do próprio espaço urbano e dos indivíduos. O espaço e a paisagem se modificam e se adéquam aos novos discursos da época.

Na época, São Vicente (RN) já contava com um aparelho de televisão, antes mesmo de ser contemplada com o sistema de energia da Hidrelétrica de Paulo Afonso<sup>8</sup>, implantado apenas em 1972. O aparecimento desse aparelho ocorreu por meio de Osvaldo Fernandes da Costa (e por que não dizer das condições financeiras). Coube-lhe “apresentar” à população vicentina essa “caixa de imagens” que transformava o mundo com sua programação. Esse episódio aconteceu na década de setenta (1970), quando fora instalado o aparelho em sua residência, localizada na Rua Senador João Câmara, na parte alta da cidade.

A junção de som e imagens em movimentos despertava uma beleza encantadora aos olhos daquela população. A força centrífuga da televisão agitou os dias e noites naquela localidade. Realidade e ficção estavam ali servidas na mesma bandeja eletrônica. (GOMES; GOMES, 2005, p. 33).

Foi precisamente no mês de maio de 1970 que Osvaldo Fernandes trouxe a televisão a São Vicente. Segundo ele<sup>9</sup>, o televisor foi comprado na cidade de Currais Novos, na loja Sertaneja de Radir Pereira. Era uma televisão preta e branca, grande e pesada. A recepção do sinal vinha de Acari (RN). No entanto, o proprietário do primeiro aparelho de TV da cidade não o comprou apenas por possuir boas condições financeiras de adquiri-lo, mas foi justamente devido à paixão pelo esporte, mais especificamente pelo futebol, que o levou a adquiri-la. Osvaldo Fernandes queria ter o privilégio de assistir à Copa do Mundo de 1970<sup>10</sup> em sua casa. Foi esse o motivo maior que o levou a comprá-la.

No tocante, é indispensável uma breve elucidação acerca das práticas esportivas na cidade. Aliás, foram elas que incentivaram a chegada da TV na *urbe*.

Nos inícios dos anos quarenta do século XX, na Vila de São Vicente, o futebol já assumia uma característica muito importante na vida dos vicentinos. Um dos primeiros times de futebol do município foi criado por Aureliano Procópio de Moura, conhecido popularmente por seu Lero. Conforme os relatos de Cícero Gundim (2008)<sup>11</sup>,

---

<sup>8</sup> O sistema de energia elétrica da Hidrelétrica de Paulo Afonso (BA) foi inaugurado oficialmente em 15 de janeiro de 1955. E só iniciou-se o fornecimento de energia elétrica para a cidade de São Vicente (RN) a partir do ano de 1972. Até a inauguração de Paulo Afonso, a energia elétrica fornecida na cidade era gerada por um motor a óleo diesel.

<sup>9</sup> Entrevista concedida com Osvaldo Fernandes, primeiro proprietário de TV da cidade, em maio de 2011.

<sup>10</sup> A Copa do Mundo FIFA de 1970, nona edição do torneio, foi disputada no México, de 31 de maio até 21 de junho. A final foi vencida pelo Brasil, sob a Itália por 4 a 1. O Brasil se tornou a primeira equipe a ter o título de campeão mundial por três vezes e foi permitida a posse definitiva da Taça *Jules Rimet*. A seleção brasileira, que tinha Pelé, Carlos Alberto Torres, Clodoaldo, Gérson, Jairzinho, Rivelino e Tostão, é considerada como uma das mais eficientes equipes na história das Copas.

<sup>11</sup> Cícero Gundim, ex-prefeito de São Vicente, essa entrevista foi concedida em 2008, para trabalho de Pesquisa Monográfica.

[...] Era um timaço. Um time que jogava com Currais Novos. Nessa época, o campo se localizava onde hoje é, mais ou menos, construído o Posto de Saúde, pegando o terreno de Heleno Barbosa, até a Rua Rui Barbosa. Naquela época, Lero na qualidade de presidente do time, denominou o nome do time de Time do Flamengo [...].

O campo referido era denominado de Joaquim Adelino de Medeiros, o qual, posteriormente, devido ao crescimento da *urbe* teve de ser desocupado, sendo construído outro campo em outro local, e nomeado de Joaquim Araújo Filho – isso precisamente na década de 1960. O Time do Flamengo na década de 1940 tinha como principais os seguintes jogadores<sup>12</sup>: Metódio Fernandes, os irmãos “Mileira e Furtuna”, Zé Breira, Chico Alfredo, Teófanos Maria e Pedro de Nega. Foi a partir desse time que o futebol continuou a se difundir e a se espalhar pela cidade nas décadas posteriores.

Durante a década de 1960, o futebol ganha notoriedade na cidade. Novos times surgem, o que faz crescer o número de adeptos do esporte. O futebol passa a atingir várias camadas sociais e outras faixas etárias. Nesse período, a cidade contava com dois importantes times de futebol: o América e o Portuguesa. O último era o time do qual Osvaldo Fernandes participava. Vale salientar ainda que ele era filho de Metódio Fernandes<sup>13</sup>, um dos principais jogadores do time do Flamengo, na década de 1940.

Nesse tempo, eram frequentes os campeonatos de futebol, no novo campo Joaquim Araújo Filho, como também em outras cidades. Tanto o time da Portuguesa, quanto o do América recebiam convites para jogarem nas cidades vizinhas, além dos times das localidades próximas que vinham para a cidade competir. O entusiasmo do público local cristalizava-se na expectativa de assistir às acirradas partidas.

Assim, o futebol, durante a década de 1960 em diante, instituiu um espaço de sociabilidade, ou seja, uma interação que une os indivíduos por interesses, impulsos, ou propósitos em comum. Isso significa uma disposição de estar com o outro compartilhando impulsos e propósitos. A própria sociedade em geral, refere-se à interação entre indivíduos. (SIMMEL, 1983, p. 165). São esses interesses que formam a base das sociedades humanas.

Segundo o pensamento de Michel de Certeau (1994), o campo de futebol deixa de ser apenas um “lugar”, para transformar-se num novo “espaço” em que a prática constituída não seria apenas algo esportivo, mas toda uma rede de novos hábitos e costumes incorporados ao cotidiano. Portanto, institui-se não apenas a simples disputa esportiva, mas a construção desse

<sup>12</sup> Esses jogadores eram moradores da cidade de São Vicente na década de 1960.

<sup>13</sup> Ex-prefeito da cidade de São Vicente.

novo espaço de sociabilidade envolto num emaranhado de novos significados que a cidade incorpora. O campo cristaliza-se igualmente a um novo cenário do cotidiano.

Nesse espaço dedicado à prática do futebol, os indivíduos produziam territorialidades próprias e se apropriavam de elementos simbólicos.

Lefebvre (1991) acredita que o espaço não é algo já dado, mas sim produzido, atribuindo grande importância à organização espacial como produto social. De certa forma, em São Vicente (RN), este espaço era concebido e vivenciado nas relações cotidianas graças a muitas representações sociais.

Nesta época, a Copa do Mundo de 1966, entre outros campeonatos de futebol, era transmitida pelo rádio, sendo acompanhado por alguns jogadores da Portuguesa por meio do aparelho de rádio pertencente a Osvaldo Fernandes, goleiro do time.

Durante muito tempo, o rádio foi o veículo de comunicação mais próximo que o brasileiro tinha, sobretudo quando se tratava da consolidação e da paixão pelo futebol. Isso o levou a almejar assistir a Copa de 1970 pela televisão, e não apenas escutá-la pelo rádio. E assim ocorreu. Imbuído pelo desejo de acompanhar os jogos da seleção brasileira, por meio de sons e imagens, Osvaldo Fernandes, adquiriu a televisão, passando assim, de mero ouvinte torcedor ao *status* de telespectador.

Com a chegada do televisor na *urbe*, a curiosidade de saber como funcionava, como eram as imagens, focava as mentes e os olhares dos vicentinos para a residência de Osvaldo, ou melhor dizendo, para sua TV. Imagine o espanto dos vicentinos quando a imagem em movimento adentrou em suas vidas. Mais do que simplesmente continuar ouvindo, os habitantes da cidade, agora poderiam enxergar “com seus próprios olhos”, lugares, situações e personagens outrora distantes ou desconhecidas residindo a sua imaginação.

No decorrer dos inícios da década de 1970, outros aparelhos de televisão chegam à cidade. Nesse contexto, a televisão era sinônimo de modernidade e progresso. Possuí-la na cidade significava *status*, o que tornava distintas as pessoas que o possuíam. A presença desse novo objeto de informação causou a reorientação das pessoas com o seu cotidiano e até mesmo com o próximo.

Nos idos de 1970, o Jornal do Brasil chamava a atenção dos brasileiros para o poder da TV. Numa reportagem intitulada “O meio é a televisão”, o impresso proferia que “este veículo de informação tão subestimado pela maioria dos intelectuais brasileiros e estrangeiros já está começando a ser reconhecido, digamos, artisticamente pelas principais revistas cinematográficas francesas”. O mundo contava com 227 milhões de aparelhos e das 190 nações soberanas, 120 possuíam estações de TV. Nos domicílios brasileiros, o número de

aparelhos televisores chegava a cinco milhões e meio para uma população calculada em 85 milhões de pessoas (ARAÚJO, 2008, p. 03).

Sendo assim, a televisão assumiria o papel de um macro símbolo da tecnologia, reunindo em torno de si as aspirações, sonhos e desejos que, daquele momento em diante, permearia a vida de gerações por essa fonte de informação e entretenimento que traria o presente desconhecido através de uma janela aberta para o mundo. “O objeto - TV era um fetiche no sentido exato de que se revestia de um significado mágico, daquilo que não se tinha explicação racional e sobre o qual não se tinha controle” (LEAL, 1986, p. 38-39).

### III – Memórias de uma cidade rurbana

No Brasil, a televisão encontra-se em praticamente todos os lugares, urbanos ou rurais. Basta haver pessoas reunidas para discutir e consumir os seus programas.

Nesse capítulo, apresentamos a construção das interações sociais que os moradores de São Vicente (RN), foram instituindo por meio da inserção dos meios de comunicação em seu cotidiano, tendo a TV como elo importante para que a população graças a suas mediações, reconfigurasse suas práticas sociais cotidianas, especialmente as de sociabilidade; por outro lado, explano historicamente os processos de mudanças e ajustamentos da vida cotidiana bem antes de a televisão fazer parte de sua realidade.

Sobre as tensões existentes nessas relações de mediações entre a população e a TV, é que se buscou refletir nessa investigação como se arquitetaram o processo dessas interações sociais, das apropriações dos sujeitos com a TV e seu cotidiano, e como é reconfigurada – nos inícios dos anos 1970 –, a sociabilidade desses sujeitos.

#### 3.1 Cenário rurbano das cidades interioranas midiaticizadas

Conforme Trigueiro (2004) nas últimas décadas, os estudos sobre recepção, audiência, produção e circulação da televisão, têm-se concentrado em sua maioria, em populações que residem em grandes centros urbanos, considerados megalópoles globais, com espaços que proporcionam os fecundos campos de pesquisas da globalização e que se conectam com o nacional e o local.

No caso do Brasil, o enfoque é análogo, ou seja, têm se analisado a tevê em favelas, bairros populares e da classe média das cidades localizadas em regiões metropolitanas ou em cidades de porte médio que abrigam centros- pólos regionais. Ainda são poucos os estudos realizados em pequenas cidades com população abaixo de 10 mil habitantes, onde praticamente todos se conhecem, e os costumes diários se distinguem bastante daqueles que residem nos grandes centros urbanos (TRIGUEIRO, 2004, p.11).

Como elucida Canclini *apud* Trigueiro (2004, p. 12), as cidades globais são as de ampla circulação financeira, concentração de empresas, interesses transnacionais, núcleos de determinações políticas, de produção e circulação científica, tecnológica e artista mundial, com fluxo permanente de turismo, as habitadas por indivíduos de diversas nacionalidades e cultura; territórios de degradação humana, de altos índices de violência poluição e

congestionamentos de trânsito. São milhões de pessoas que vivem em cidades interligadas umas com as outras, que passam anos próximos, mas não constroem vínculos de interação e proteção social.

Sobretudo, para Trigueiro (2004), é necessário compreender que o Brasil possui uma extensa área territorial habitada por pessoas que residem em pequenas cidades marcadas por fortes características do mundo rural que estão também inseridas nos processos midiáticos. O autor afirma que o Brasil não é tão urbano assim; ele tem suas cidades globais ainda que, aproximadamente 80% dos municípios brasileiros – nas quais residem aproximadamente 30% da população do país – a população não passa de 20 mil habitantes. Isso significa que dos mais de 5.500 municípios de federação, mais de 04 mil representam traços rurais. São cidades essencialmente rurbanas (FREYRE, 1982).

A maneira de vida, estilos e costumes de quem reside nas grandes cidades globais é bem diferente daquele de quem vive nas pequenas cidades do interior nordestino. Mas, entre as duas “categorias de cidades” há algo em comum, o acesso a televisão (TRIGUEIRO, 2004, p. 14). A televisão, sem dúvida, é o meio de comunicação de maior presença do cotidiano da maioria da população mundial.

Antes de a televisão chegar à *urbe* de São Vicente (RN), ela já fazia parte da cotidianidade de grande parte da população que habitava as cidades globais brasileiras e também as pequenas cidades.

Nos dias atuais é impossível escapar da presença da televisão (SILVESTONE, 2002, p.12). Ela é um componente quase ubíquo na nossa existência. Os processos midiáticos, prioritariamente a televisão, avançaram em trajetórias diferentes na abordagem do mundo rural-urbano. Para a mídia, as cidades interioranas, rurbanas, constituem territórios de oportunidades, inclusive da separação dicotômica entre rural e urbano, da divisão artificial entre tradição e modernidade (TRIGUEIRO, 2004).

Muitas foram as transformações políticas, econômicas sociais e culturais. São alterações ressaltantes marcadas pela sociedade midiaticizada que vive nessas cidades rurbanas, e que reconfigura os comportamentos, costumes, práticas sociais e até religiosas.

Segundo Trigueiro (2004), esse novo mundo rural na era global, também incorporou nas suas atividades cotidianas formas de lazeres tipicamente dos grandes centros urbanos.

A noção de rurbanos foi sugerida inicialmente por Sorokin, Zimermann e Galpin, em 1930 nos Estados Unidos para definir as situações intermediárias encontradas em seu trabalho de definição de uma tipologia dualista de rural e urbano (SANTOS, 2006). Segundo o autor

Gilberto Freyre importou o termo *rurbana* aportuguesando para rurbano e usando-o pela primeira vez na obra “Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios” de 1945.

Segundo Gilberto Freyre, essas transformações podem ser definidas como um processo de desenvolvimento socioeconômico que se combina igualmente a formas e conteúdos de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo, ou nacional – a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbanos (FREYRE, 1982, p.57).

Por conseguinte,

rurbana não apenas no sentido que de ordinário se atribui à palavra criada por Galpin para definir situações intermediárias entre a puramente urbana e a puramente rural, mas no que expandindo ideia do professor Cole, venho, no Brasil, procurando desenvolver para caracterizar situação mista, dinâmica e, repito, conjugal, fecundamente conjugal: terceira situação desenvolvida pela conjugação de valores das duas situações originais e, às vezes, contrárias ou desarmônicas, quando puras.(...) Pois rurbana é palavra derivada de rural e de urbana como certos nomes modernos de meninos que se chamam Jomar, pelo fato de o pai chamar João e a mãe, Maria” (FREYRE,1982, p. 82).

Em seu emprego atual, esta terceira categoria sugerida por Gilberto Freyre adquire, no entanto, matizes distintos. Maria José Carneiro (1998) a utiliza para descrever o aparecimento de novas identidades rurais frente à divulgação de valores urbanos por meio da banalização do acesso a meios de comunicação e transporte – e a consequente redução das distâncias entre estes antigos extremos. Já José Graziano da Silva (1997) recorre da noção de rurbano ou de “novo rural” no intuito de compreender o processo de urbanização do campo. Para Eli da Veiga (2001), rurbanos são os municípios que têm populações entre 50 e 100 mil, quanto os que também têm menos de 50 mil, mas densidades superiores a 80 habitantes/km<sup>2</sup>”. Porém, a utilização da noção de rurbano apoia-se aqui na definição abordada por Freyre (1982), que percebe o rurbano como a conjugação entre os modos de vida rurais e urbanos.

No tocante, a realidade dinâmica da cidade de São Vicente (RN), na década de 1970, e ainda hoje, configura-se em um espaço rurbano. Uma cidade assinalada por transformações, tendo em vista o ambiente da globalização, mas com estruturas e contornos de cunho rural. Com a presença da tevê, os signos da modernidade começaram a fecundar, dando um verniz de progresso ao antigo. Em contrapartida, o mundo rural fora, por excelência, o lócus de reprodução e manutenção da tradição, confrontando-se com os signos modernos da embrionária *urbe*.

Segundo os relatos de Araújo (2005),

Para nós, o Sertão do Seridó no Rio Grande do Norte é um poço rico de sentidos e de contrastes. São imagens que nos vêm à memória como as da colheita do algodão; as fazendas com seus moradores; o trabalho no roçado, feito individualmente ou em mutirão; do gado passando pelas ruas, conduzidos pelos vaqueiros a destinos ignorados; das safras de frutas como manga, umbu (imbu), pinha etc; dos dias de feira na cidade quando ela se enchia de feirantes: moradores, agricultores, homens do campo; o armazém do comprador de algodão cheio de agricultores pegando adiantamento em dinheiro; todos chegavam em seus animais de transporte; os rios cheios na época de bom inverno, banho de açude, notícias de açudes destruídos pela força das águas; as festas religiosas e tradicionais; as secas, a caatinga perdendo o verde, famílias viajando em pau-de-arara, algumas pessoas iam embora, poucas retornavam à terra natal, outras que estavam a passeio traziam muitas estórias de outras terras. (p. 29).

Por outro lado, apesar dos impulsos modernizadores da primeira metade do século XX, comum a toda região, São Vicente (RN) mantinha a atmosfera de “Vila Rural”, porém com um dos grandes símbolos da modernidade, o aparelho de televisão.

Nessa época, a presença da televisão em São Vicente, de início momento, traçou os primeiros caminhos que esse espaço urbano e sua população começariam a trilhar no contexto da sociedade midiaticizada. Cada sujeito representava a sua identidade sociocultural, que interagiam com outros que se reuniam para o ato de assistir à programação, mas também com as mesmas aproximações socioculturais que mediados pela TV, iam reinventando os produtos de uso, além de suas práticas e conteúdos de sociabilidade.

A audiência da tevê nesse período é aqui desenvolvida como anexo de identidades socioculturais pertencentes a cada indivíduo de diferentes espaços e temporalidades, que vão além do conceito de meros públicos assistentes e telespectadores, no sentido de simples consumidores de produtos mercantilistas. (TRIGUEIRO (2004), apud, DOWING, 2002).

Os vicentinos constituintes de audiência, tanto ficavam fascinados e encantados com a TV, mas também, abdicavam a programação em algumas ocasiões. “Mesmo nos pequenos grupos sociais, a televisão não é um procedimento passivo” (TRIGUEIRO, 2004, p.17)..

Conforme afirma esse autor, a televisão é uma atividade multidimensional de significação e sentido, na qual esses grupos possuem alternativas próprias para a elaboração dos seus produtos culturais: emitem opiniões, fazem críticas, tomam posição e apropriam-se de alguns interesses.

A cultura popular é complexa e ambígua, pois se constitui das manifestações das práticas sociais integradas nos processos comunicacionais principalmente das camadas rurais, urbanas, operárias suburbanas em que dois fluxos componentes de suas matrizes estão em constantes conflitos: a dominação e a resistência. Dominação por congregar bens simbólicos da cultura global, que diversas vezes reportam interesses ideológicos e mercadológicos

diluídos nas redes de comunicação cotidianas e de resistência por decifrar e interpelar individual e coletivamente nos enfrentamentos das situações de imposição de novos valores culturais, do período colonial às investidas da globalização (TRIGUEIRO, 2004, p.20).

Trigueiro (2004) relata que a hibridização dos processos comunicacionais midiáticos e os da própria comunidade se dão em campos opostos, de onde emergem reconfigurações culturais locais. A audiência da tevê inventa interações socioculturais de convivências entre as tradições locais e a vida moderna, como forma de atualização do mundo contemporâneo.

Conforme o mesmo, a cidade transforma o homem de maneira intensa, assim como o sujeito transforma a dinâmica da cidade. Um aparelho que permitiu que as referências culturais pudessem interagir entre as diversas cidades foi justamente a comunicação, a tela da televisão. O distante se tornou mais próximo no século XX. A fecundidade das relações comunicacionais foi provocando deslocamentos constantes e, ao mesmo tempo, fundando espaços sociais de circulação de bens simbólicos e de consumo.

### **3.2 Trajetórias da cidade e suas práticas sociais**

É importante notar que investigar os processos de sociabilidade dos espaços públicos e privados de São Vicente valendo-se da presença dos meios de comunicação em seu cotidiano significa admitir que o objeto desta análise esteja inserido dentro de um amplo processo de modernização, pois nossa “cultura do olhar” não é independente das revoluções técnicas da modernidade, (DEBRAY, 1994). Como nosso trabalho também se refere ao estudo desse cotidiano na cidade, é válido colocar que é neste cenário citadino que surge inúmeras possibilidades de recriar e reinventar esse dia-a-dia, um lugar de inventividades.

No momento em que a sociedade se moderniza, as condições de vida tradicionais tendem a se “desagregar”. São Vicente-RN inicia seu processo de mudanças e ajustamentos da vida diária, bem antes da tevê fazer parte de sua realidade.

Entretanto, foram os meios de comunicação que impulsionaram esse processo de transformações. Eles ocuparam um espaço expressivo na mediação do tradicional com o moderno, essencialmente, no cenário urbano porque antes de sua emancipação política, o povoado já apresentava um quadro urbano em pleno desenvolvimento.

Segundo Araújo (1997), duas importantes construções foram responsáveis pelo desenvolvimento da parte elevada do povoado: o Grupo Escolar Professor Valle do Miranda e o Mercado Público, construídos nos meados dos anos de 1930.

Na década de 1950, havia no povoado dois núcleos residenciais: a “Luísa”, local da origem do povoado e o novo núcleo urbano, chamado de “Monte Áreo”. Era no Monte Áreo<sup>14</sup> que ficavam as entradas e saídas da estrada de rodagem para Flores (atual município de Florânia) e Currais Novos, onde funcionavam a Cadeia Pública, a Mesa de Renda Fiscal e os Correios e Telégrafos, além de outros serviços. (ARAÚJO, 1997).

Na disposição visual apresentada pela figura abaixo, observa-se a distribuição geográfica da *urbe* nesse período. Percebemos no centro da imagem a “rua nova ou rua do alto” localizada no Monte Áreo. Naquela área, residiam comerciantes, políticos e outras autoridades, além das famílias mais abastadas. Todos os serviços disponíveis na cidade encontravam-se na “Rua Nova”. O monte Áreo era visto como o centro de todas as coisas da cidade. No fundo da imagem, visualizamos a rua de baixo, o núcleo Luísa, no qual estava o antigo centro urbano da cidade, que logo ficou conhecida por “Rua Velha”.

O investimento na parte elevada da cidade acarretou uma grande desvalorização da Rua Velha, que ficava distante dos serviços básicos oferecidos na *urbe*.



Figura 04- Vista aérea de São Vicente em meados do século XX

Fonte: Irani Araújo

<sup>14</sup> Denominavam de Monte Áreo a parte elevada da cidade. Essa designação se deu com a construção da primeira casa com sótão, conhecida como “casa do monte áreo”, pertencente ao comerciante Vivaldo Pereira da Costa, que residia em Currais Novos-RN.

Conforme afirma Macedo (2006), as casas residenciais, localizadas na rua velha, lembravam as antigas Casas Grandes do período colonial. Suas ruas não pavimentadas transformavam-se em verdadeiros lamaçais nos períodos chuvosos, além dos esgotos que provocavam odores desagradáveis. Já a parte alta da cidade diferenciava-se pela sua arquitetura que assumia outras formas, dando ao lugar uma nova aparência.

A emancipação da cidade alterou, de certa forma, a conduta dos cidadãos, que começaram a ser orientados a realizar novas práticas, guiados por noções de limpeza, beleza e pelas diferentes formas de sociabilidades. Elementos modernos como os bares, as praças, as novas ruas pavimentadas e os pequenos estabelecimentos comerciais, paulatinamente, implantavam-se no cotidiano vicentino e eram referenciados no primeiro Código de Posturas do município, sancionado no dia 22 de abril de 1955. Ele representava um conjunto de regras a serem cumpridas pelos munícipes com a finalidade de manutenção da ordem pública.

O Código de Posturas do Município era composto por medidas de política administrativa a cargo da Prefeitura em matéria de higiene, segurança, ordem e costumes públicos, instituindo normas disciplinadoras do funcionamento dos estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços, tratamento da propriedade dos logradouros e bens públicos; visando disciplinar o uso dos direitos individuais e do bem estar geral. Este atribuía pena aos infratores que, por ação ou omissão, infringissem a legislação e os regimentos do Município (MACEDO, 2006).

As penas impostas pelo não cumprimento das disposições do Código variava entre multas, apreensões e embargos. De posse desses instrumentos urbanísticos, cabia aos gestores organizar a ocupação territorial urbana e suas sociabilidades, fazendo cumprir cada uma das posturas, lembrando que:

A ocupação urbana de determinado território corresponde ao espaço produzido pelo homem em oposição ao que se pode chamar de espaço natural [...]. A forma urbana não deve ser desligada de seu suporte geográfico, o que, em muitos casos, traz consigo as determinantes das formas e do traçado urbano (COSTA, 2002, p. 18).

O Código de Postura era um dos principais instrumentos de policiamento administrativo do Município. Era a partir dele que o prefeito e os fiscais da prefeitura colocavam ordem na cidade, levando a população a se disciplinar com os princípios e apelos modernistas (MACEDO, 2006). O esforço para adequar a cidade ao ordenamento dos novos discursos existentes era um imenso desafio.

A análise do Código de Postura da cidade demonstrava a força desse discurso no disciplinamento do modo de vida da população, na organização do espaço urbano e na

normatização das construções. Dentre eles, o discurso higienista, cujas novas concepções de limpeza e sanidade iam adentrando no espaço do município. Mudar as condições sanitárias de uma cidade significava também, e deliberadamente, interferir e erradicar os maus hábitos e costumes dos seus moradores, darem-lhes uma nova fisionomia e plasticidade, criando usos condizentes com os padrões da civilidade burguesa (SOUSA, 2001, p. 104).

Esses discursos estavam agregados aos avanços da medicina em esfera mundial, difundindo novas formas de hábitos e costumes, elaborando discursos que se propunha a medicalizar o espaço e a sociedade, influenciando as práticas e as políticas urbanas. No entanto, a cidade não dispunha de uma infra-estrutura condizente a essas potencialidades. Mesmo assim, discursos sanitaristas alteravam pouco a pouco os hábitos dos vicentinos, principalmente dos que tinham acesso à radiodifusão ou revistas, o que ganhava novos ares com a construção do primeiro Posto de Saúde da cidade no ano de 1958.

Segundo Adeflton Dantas de Macedo, (2006, p. 27), a elaboração do Código de Posturas nos meados dos anos de 1950, “[...] significa uma busca pelo progresso, uma tentativa de romper com o passado e seguir uma nova direção em busca de uma cidade arquetada por muitos munícipes, que não aceitavam a ideia de residir em uma cidade estagnada e atrasada”.

Estas normas sintetizam, em parte, os ideais da cidade salubre e da casa higiênica idealizada pelos discursos urbanistas- modernistas que, de certa forma, contribuíram para um novo pensamento sobre o espaço urbano e a sociedade urbana, que moderadamente foi se incorporando no cotidiano vicentino.

### **3.3 Disciplinando o cidadão**

O processo de transformação da cidade e de seus indivíduos apresentava um projeto educativo, pois educar a população fazia parte das novas aspirações da cidade de São Vicente-RN, sendo preciso extinguir o analfabetismo para que a sociedade se modernizasse. Essa realidade começou a preocupar a população que, no final da década de 1950 e início da década de 1960, deparava-se com elevados números de analfabetismo junto ao crescente problema da evasão escolar. Esta se dava devido às crianças e os jovens desde cedo ajudarem seus familiares nas tarefas domésticas, comerciais e agrícolas, nas quais eram “[...] forçados

pela concepção do tempo de trabalho *versus* o tempo de escola. Tinham que optar entre os estudos e a sobrevivência sua e da família” (ARAÚJO, 2006, p. 253).

Entre as décadas de 1950 a 1960, os Estados-Nação começavam a organizar sistemas educativos legitimados pelo modelo sociocultural da modernidade que apontava a escola como dispositivo social privilegiado na transformação social dos indivíduos.

A instituição escolar constituída e constituidora de novos modos de vida era vista com um espaço de civilizar o indivíduo para novas práticas.

Nessa época, faltavam recursos no setor educacional. Com isso, as famílias mais abastadas mandavam seus filhos para estudarem na capital do Estado ou nas cidades vizinhas, como Currais Novos (RN) e Caicó (RN), que provinham de meios educacionais mais sólidos. Conforme Araújo,

as escolas da capital funcionaram como capilares cooptadores de atores do Sertão. Um acidente entre a tradição e o moderno. Uma queda na ribanceira do rio que corre para o mar, para o litoral ou, na pior das hipóteses, uma saída do campo para a barragem/cidade mais próxima e mais próspera de sonhos (ARAÚJO, 2003, p. 253).

Até a década de 1960, a cidade contava com um estabelecimento educacional, o Grupo Escolar Professor Valle do Miranda, que oferecia o ensino primário. Nessa escola, ensinavam as professoras Milka Soares de Araújo e Maria de Lourdes Soares de Maria, ambas irmãs, diplomadas na Escola Normal de Natal. Logo, elas se transformaram em “divulgadoras” dos discursos modernistas na cidade de São Vicente-RN, (MACEDO, 2006), modificando os padrões de ensino e dando novos rumos à educação cívica, à vida artística e até aos costumes dos vicentinos, preparando toda uma geração para ocupar lugar de destaque na vida cultural do RN. (ARAÚJO, 1997).

Com a presença dessas professoras, a escola começava a se preocupar com a disciplina e com o exercício cotidiano de práticas que levassem os alunos a incorporarem valores e condutas morais na sociedade.

Em síntese, os vicentinos estavam sendo alvos de um discurso moderno disciplinador dos seus comportamentos em que o enfoque central não parecia ser apenas com referência aos deveres e funções familiares. Essas duas irmãs construía, paulatinamente, as facetas das práticas cotidianas modernas que deveriam ser alcançadas com o processo de escolarização.

Sofrendo com a precariedade do ensino escolar, a cidade foi contemplada com dois estabelecimentos de ensino: a Escola Municipal Francisca Pires de Albuquerque (instalada no antigo prédio do Grupo Escolar Professor Valle do Miranda) e a Escola Estadual Joaquim Adelino de Medeiros, que recebeu os alunos do antigo Grupo Escolar, cujo funcionamento se

deu nos meados da década de 1960, o que fortaleceu ensino primário. Contudo, para continuar seus estudos, os alunos precisavam se deslocar até outras cidades porque o município não contava com ensino médio – motivo primordial para que inúmeros estudantes interrompessem seu processo educacional, sobretudo as camadas menos favorecidas.

Somente em 1973 foi construído o Ginásio Acadêmico Municipal,<sup>15</sup> minimizando o problema, pois não havia o segundo grau e, mais uma vez, era necessário o deslocamento dos alunos para outras localidades. Na década de 1980, na gestão do Prefeito Cirilo Alves (1977-1980) é que foi implantado o ensino médio na cidade.

A escola teve como função na sociedade muito mais que fornecer instrução aos vicentinos que nela ingressassem, mas também de submetê-los a uma “disciplina rigorosa” que lhes ensinasse valores, que os fizesse despertar para a observação e o respeito ao ordenamento social, ao trabalho produtivo, à obediência às autoridades constituídas ao sentimento de pertencer a uma “pátria”.

A vida moderna, que transcorria fundamentalmente no espaço urbano, exigia dos vicentinos uma formação mais aprimorada. A preocupação não era somente prepará-los melhor do ponto de vista intelectual, era fundamental que eles fossem saudáveis, que tivessem corpos rijos, livres de doenças, de vícios que pudessem comprometer seu desempenho e sua utilidade na sociedade. Era preciso ainda que estivessem moralmente preparados para serem bons cidadãos, pais zelosos, conscientes de seus deveres para com a família e com a pátria. (BESSE, 1999, p. 107). Em síntese, que fossem homens marcados pelo processo de escolarização e pela disciplina.

### **3.4 A urbe iluminada, lazer e sociabilidade antes da TV**

Ao anoitecer, a cidade ficava às escuras. Dificilmente, passeava-se. Era uma cidade onde seus habitantes dormiam cedo. Nas ruas não se encontrava praticamente nenhum movimento por causa da ausência de iluminação das vias públicas, mas nas noites de lua, os moradores gostavam de ficar em frente a suas casas para prostrar, como relata Iaponan Soares:

Logo que anoitecia, a vila ficava morta, salvo os dias de lua clara, quando algumas famílias se reuniam nas calçadas em frente às suas residências e proseavam até a chegada do sono. Nessas tertúlias de vizinhos, desfilavam histórias de aventuras, de lutas e de assombrações. (1997, p. 32).

---

<sup>15</sup> No ano de 1975, o Ginásio Acadêmico Municipal é denominado do Municipal Aristófanos Fernandes, passando a fazer parte do sistema educacional do Estado em 1976.

Somente a luz da lua e o intenso brilho das estrelas iluminavam as noites da cidade, que crescia em estrutura física moderadamente. A tênue claridade dos candeeiros e improvisadas lamparinas escapavam pelas portas e janelas entreabertas, às vezes, atingindo até o meio da rua. Além das calçadas das casas, o Mercado Público e o alicerce abandonado no início da Rua Velha eram os espaços preferidos dos jovens para se reunirem. Apesar disso, “tirando essas reuniões familiares em noite de lua clara, a falta de energia elétrica era um vexame para todos. Era um atraso que ninguém queria aceitar.” (SOARES, 1997, p. 32).

Para iluminar, o arregimento dos moradores de São Vicente, a iluminação da cidade, foi criada no dia primeiro de julho de 1947, o Centro Progressista de Luíza, que segundo Araújo (1997), tinha por propósito adquirir um motor para gerar energia. Nesse mesmo ano, foi comprado o primeiro motor de fornecimento de energia com o apoio de Santa Laurentino, prefeita de Florânia (RN), município ao qual São Vicente (RN) pertencia.

Conforme a figura, o gerador de energia foi recebido com pompas pelos cidadãos vicentinos, passando pelo ritual da benção, tão praticado nas sociedades católicas. Para os católicos benzer é, antes de tudo, bendizer. A benção do motor a óleo pelo Cônego Stanislaw Pichel era uma forma de os vicentinos bendizerem e agradecer a Deus o objeto.



Figura 05- O cônego Stanislaw Pichel benzendo o motor a óleo que fornecia energia para a cidade  
Fonte: Metódio Fernandes.

Com a chegada da iluminação elétrica, os habitantes ganharam inúmeros benefícios. Os gastos com lamparinas e lampiões diminuíram, mas não foram excluídos do uso cotidiano,

e as pacatas noites ficaram agitadas. As famílias saíam às ruas para passeios noturnos e conversas com seus vizinhos e moradores distantes. Mas nem tudo era alegria. O equipamento sempre apresentava defeitos.

Com o passar do tempo, a cidade emancipada, adquiriu outros motores mais potentes para abastecer a *urbe* com a energia elétrica. O crescimento das ruas, porém, com suas casas e estabelecimentos levou o poder público municipal a comprar o motor MWM, modelo 1962, com 44 HP, para atender a um número maior de pessoas e também diminuir as quedas de energia (MACEDO, 2006).

A energia, vinda da hidrelétrica de Paulo Afonso (BA), apenas chegou à cidade em cinco de abril de 1972, sob a gestão do prefeito Francisco Pereira Filho. Nesse período, ocorreu um grande aumento dos símbolos modernos nas residências. A cidade finalmente recebeu a energia de uma hidrelétrica para sustentar suas máquinas e aparelhos eletrônicos, que aumentava gradativamente. Por sua vez, a eletricidade passou a ser um importante elemento no processo de transformações das sociedades, impulsionando a própria industrialização, alterando a estrutura urbana, o que refletiu na própria cultura.

A cada dia, a cidade ia afeiçoando os seus laços tradicionais, o que apresentava lugar a novos signos: comunicações mais rápidas, transportes mais velozes e um estilo de convivência que denotava certa diferença em relação ao passado.

Entre as décadas de 1950 e 1960, os discursos modernizantes começavam a moldar o espaço, os hábitos e costumes da sociedade, que se espelhava nas cidades maiores. Novas práticas sociais inseriam outras experiências no espaço urbano do lazer e da sociabilidade da *urbe*. Fruto da modernidade, o lazer, segundo Dumazedier (2008, p. 34), é um conjunto de atividades que podem proporcionar repouso, divertimento, formação desinteressada após o indivíduo livrar-se das obrigações profissionais e familiares.

Conforme Pesavento...

[...] a cidade, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo (2007, p.14).

Em São Vicente (RN), as práticas de sociabilidade estavam interligadas ao lazer, como esportes, brincadeiras, danças, teatro, dentre outras. Com os novos discursos presentes em todo o país, as dinâmicas das formas de lazer iam muito além da mera necessidade de reposição física; representava, antes, uma oportunidade, através de antigas e novas formas de

entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aqueles princípios de reconhecimento e lealdade que garantiam a *rede básica de sociabilidade* (MAGNANI, 1998), que, para o autor, constitui-se numa “rede de relações” mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas (1998, p. 116).

É válido salientar que os espaços de lazer e sociabilidade se constituem devido a duas modalidades intrínsecas, como “em casa” *versus* “fora de casa”. “Em casa”, encontravam-se aquelas formas de lazer agregadas a ritos que celebram as alterações expressivas no ciclo vital tendo como referência a família. O “fora de casa”, subdividia-se, por sua vez, em “na vizinhança” e “fora da vizinhança” (MAGNANI, 1998).

Nesse período, São Vicente-RN apresentava modalidades simples e tradicionais de lazer, ainda profundamente vinculadas ao modo de vida e tradições da época. Por muito tempo, a quadra de esporte, destinada ao divertimento e a prática de atividades esportivas, principalmente para os jovens do município, foi o espaço de lazer mais frequentado da cidade. “Esta funcionava como uma praça, constituindo-se o ponto de encontro da juventude.” (ARAÚJO; ALVES, 2000, p. 27).

Muitos eram os jovens que se reuniam na quadra; alguns com o intuito de praticar alguma atividade esportiva, especialmente jogar uma partida de voleibol; outros iam apenas para encontrar os amigos e “jogar conversa fora”. Esse lugar de lazer atuou de forma significativa no processo de socialização dos vicentinos.

Nos meados do século XX, as festas tornaram-se um acontecimento corriqueiro entre os habitantes da cidade. Historicamente, a festa constitui um acontecimento social capaz de congrega a coletividade, sobretudo, os grupos afins. Os vicentinos celebravam suas festividades no interior do Mercado Público ou na Quadra de Esporte, que abrangiam basicamente toda a população.

Em meio à necessidade de um espaço social para eventos festivos, foi erguido, no ano de 1956, um clube recreativo, cuja finalidade era sediar encontros políticos e festividades sociais. Era um espaço reservado às celebrações dos principais festejos do ano. No entanto, representava um ambiente também excludente, pois não atendia a todas as classes sociais (MACEDO, 2006).

Era no clube recreativo que os vicentinos celebravam festas de casamentos, aniversários e batizados. Outras comemorações e eventos de caráter religioso passaram a ser festejados neste recinto.

Segundo Macedo (2006), eram realizados os chamados “chás de bebê”, festejos da primeira comunhão, da crisma, além de noivados, formaturas, servindo também como lugar das festividades carnavalescas, além dos concursos de beleza.

Nesse sentido, o Clube instituiu-se como espaço de sociabilidade.

Para Certeau (1994, p. 202), “[...] o espaço é um lugar praticado” a partir das ações dos sujeitos que significam, resignificam o lugar dando-lhe movimento, ação; enfim, construindo-lhe os significados e, o lugar se refere a algo estático em que os objetos inseridos não contêm muitos significados.

Com o Clube Municipal de São Vicente, a pacata cidade foi se tornando mais movimentada, dando mais popularidade às festividades. Essa busca pelo contentamento, pelo prazer e pela alegria são frutos das sociedades modernas. E o Clube começa a exercer seu papel “modernizador” na sociedade, na qual se vislumbravam em seus frequentadores novos elementos, como roupas da moda, novos adereços cujos discursos modernistas exaltavam bebidas caras, além de outros subsídios “modernos”.

É importante registrar que os eventos sociais realizados no Clube estavam perfeitamente enquadrados à cultura local, condizentes com os valores da sociedade da época. As pessoas que o frequentavam eram de honorabilidade e respeitabilidade inquestionáveis do ponto de vista dos costumes, ou seja, o clube era uma instituição familiar respeitada pela sociedade local. Essas pessoas seguiam cotidianamente as regras de boa conduta difundida, em especial, pela Igreja Católica.

Esse ambiente concebido como um local prioritariamente festivo favorecia uma malha de relações, sujeitas a normas e códigos que regulavam a convivência das pessoas e grupos em suas associações de lazer. O estatuto do clube estava regido por discursos moralizantes e excludentes, afastando das festividades os que não satisfizessem ao modelo de sociabilidade predominante. Com isso, ele representava um espaço de valores conservadores e modernos que se entrelaçavam de acordo com os que o frequentavam.

É a partir daí que a sociabilidade constitui-se em práticas de associação lúdica que, mesmo buscando a confraternização, não deixa de ser perpassada por dinâmicas de diferenciação social e por relações de poder. Por tudo isso, o clube foi um marco significativo da evolução do núcleo urbano, imprimindo suas marcas na história de lazer de todo o município na condição de centro articulador do entretenimento, do encontro social e do intercâmbio cultural entre os vicentinos.

Mas mesmo com os discursos modernos, havia os conservadores que “atacavam” as pessoas inseridas dentro das boas regras de comportamento e hábitos existentes na época.

Segundo Berman (1986, p.14), o homem parece ser “um paradoxo de liberação e opressão”. Ser paradoxal ou contraditório é componente da vida humana, uma vez que o sujeito convive diariamente com a manifestação de uma variedade cultural que lhe desnuda a complexidade do mundo social. Todo esse processo de constantes mudanças altera o posicionamento do homem na sociedade moldando sua forma de compreender a coletividade. Sendo assim, podem-se admitir, em uma mesma sociedade, diferentes formas de agir e pensar, isso porque o pensar libertador e o autoritário podem conviver lado a lado, ocupando o mesmo espaço e o mesmo tempo.

Outro espaço de manifestação de sociabilidade e lazer eram os bares e as cigarreiras. Até os fins da década de 1960, os bares eram ocupados basicamente por homens. Eram espaços no qual as pessoas iam para beber, divertir-se, encontrar amigos, discutir política, entre outros assuntos. Eram novas formas de convivência, de conduta, de conveniências, de relações que serviam como uma porta de entrada aos novos espaços artísticos, culturais, de vivências, de boemia surgida naquele período na sociedade, por meio dos novos discursos, que se davam especialmente pelas ondas radiofônicas e revistas da época.

O bar “Ele e Ela”, aberto em meados de 1967, era um espaço destinado não só a ala masculina, mas também às mulheres.

Conforme Macedo (2006), a denominação “Ele e Ela” significava um convite às mulheres vicentinas sentarem em suas mesas e apreciarem variados tipos de bebidas com ou sem álcool. Era o discurso da modernidade transformando o comportamento feminino. Mas estar nesse espaço de convivência e sociabilidade requeria um comportamento adequado dos cidadãos exigindo padrões de “civildade”, o que, para Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas, ao mesmo tempo, ameaçam destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (1998, p.15).

Outro espaço sociabilizador era a Igreja Católica que, mesmo com seu caráter religioso e sagrado, representava um ambiente de celebrações festivas com as missas, quermesses, procissões e, principalmente, nas festas de padroeiro. Esta, conhecida, popularmente pela festa de Setembro por acontecer nesse mês. Era o período em que a cidade mudava suas roupagens. O clima festivo pairava no ar; as casas recebiam pessoas de vários lugares, parentes ou amigos; a população aumentava. Havia gente na rua o dia inteiro, sem falar das pessoas que vinham apenas para as festas noturnas que iniciavam cedo. A Igreja era

a responsável pela parte religiosa, acolhendo os visitantes e fiéis na missa da manhã, nos batizados, casamentos e nas novenas da noite, ponto alto da festa.

O caráter dessas práticas religiosas era percebido, segundo Augustin Wernet na estreita interação da religião com a vida social e comunitária:

A religião era o núcleo firme da convivência. Foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir (1987, p. 25).

A festa do padroeiro era o momento festivo da vida dos vicentinos. No entanto, essas festas costumavam confundir as práticas sagradas e profanas, tanto nas comemorações externas quanto nas realizadas dentro da igreja. As atrações espetaculares e ilusionistas desafiavam a simplicidade do dia-a-dia; muita música, dança, sensualidade, comida e jogos completavam o ambiente profano de uma festa religiosa. A presença e a vivência da festa por diferentes setores sociais ainda garantia que ela fosse um local de encontro e, principalmente, de troca e circulação entre as “diversas manifestações culturais”.

Gradativamente, a festa de São Vicente ia ganhando novas “vestes”. Nos anos de 1930, a cidade se concebia de forma rudimentar e singela, como descreve Araújo:

E o pavilhão? Haverá alguém ainda hoje que sabia dizer o que era o pavilhão? Simplesmente não passava de uma pista quadrada de cimento, feita para se dançar, em torno da qual se armavam barracas e se faziam quermesses em honra do santo padroeiro em sua festa de setembro. Mas, no tríduo festeiro, o pavilhão se metamorfoseava. À noite, numa coisa linda e feérica: de um maestro central na pista partiam feiras de bandeirinhas multicoloridas de papel de seda, as barracas eram ornamentadas com palmas de coqueiro, enquanto uma orquestra de pau e corda animava as danças à luz de lampiões a álcool e candeieiros a carbureto. Um de cor de cinema. (1997, p. 20).

Porém, a chegada da energia elétrica, gerada graças a um motor, transformou o ambiente festivo, adicionando-lhe novas roupagens. Já nos anos de 1960, as festas do padroeiro eram celebradas ao som de conjuntos musicais que, aos poucos, substituíam as tradicionais bandas de música.

Outro evento festivo que embalava a vida dos vicentinos eram as comemorações das festas juninas (MACÊDO, 2006). Presenciavam-se na cidade, durante o mês de junho, inúmeras fogueiras em frente às residências, muita música caipira, fogos de artifícios, casamentos matutos, quadrilhas, comidas e bebidas típicas, além das homenagens a três Santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Outro elemento que não poderia faltar

era o pau-de-sebo, uma competição em que os participantes deviam escalá-lo até o topo, onde ficavam prendas e dinheiro. É bom lembrar também que, nessa época, a cidade se enfeitava com bandeirinhas, balões e até palhas de coqueiros.

Essas festas eram marcadas pelos variados sortilégios e simpatias, a parte mágica da festa típica do catolicismo popular. Inúmeras adivinhações a respeito dos amores e do futuro (com quem se vai casar? Se é amado (a) Quantos filhos vai ter? Se vai morrer jovem? Se vai ganhar dinheiro?). Portanto, unindo música, trajes de retalhos, danças e comidas típicas, as festividades juninas expressavam um imaginário rico em passagens da vida cotidiana de um povo simples, bem diferente dos modos de vida da modernidade.

Já as Festas Carnavalescas não tiveram grande notoriedade na cidade na década de 1950. Somente nos fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, elas começaram a embalar o mês de fevereiro da *urbe*. Isso ocorreu devido às marchinhas de carnavais e nos desfiles das escolas de samba divulgados, não somente pelas ondas radiofônicas, mas especialmente pela televisão (MACEDO, 2006, p. 95).

Nesses anos, são fundados na cidade blocos como “Os Jegues” e “Os Curumins”, dando maior popularidade a esse evento. Ao longo do tempo, essas “festas populares” foram incorporando novos elementos, diferentes formas de expressão, além de se apropriarem e/ou ressignificarem conteúdos “modernos”. Assim, em termos subjetivos, os participantes de tais festas experimentavam uma requalificação de sua cultura, de seus saberes e de suas práticas, notadamente em um tempo em que os valores exaltados eram exatamente opostos àqueles que sustentavam tais “manifestações culturais”.

Os vicentinos também se distraíam, assistindo aos filmes exibidos no Grupo Escolar Professor Valle do Miranda, hoje em atividade a Prefeitura Municipal. Segundo Adeílton Dantas de Macedo (2006), a escola era improvisada nos finais de semana para as exibições de filmes trazidos à cidade pelo Cônego Stanislaw Piechel. A partir daí, novos elementos influenciavam o comportamento vicentino, principalmente o da juventude.

Além desses cenários de entretenimento e sociabilidade, outro ponto de descontração eram os encontros nas calçadas. Os vicentinos tinham um hábito comum de se reunirem nas calçadas de suas residências para discutirem assuntos ligados a acontecimentos do cotidiano e, até mesmo, sobre a vida privada dos habitantes da cidade. Estes diálogos expressavam a relação amistosa que havia entre os membros da vizinhança.

A conversa é elemento importante de estimulação da sociabilidade, a qual importa menos o conteúdo e mais a prática da conversa em si mesma (REZENDE, 2008). É

importante ressaltar que essa dinâmica de sociabilidade realizada nas calçadas era a mais expressiva na sociedade vicentina.

O processo de urbanização de São Vicente, que se realizou, sobretudo com a sua emancipação, suscitou um novo ritmo que se queria ver impresso na cidade e que dela parecia emanar. Muitas foram as mudanças que ocorreram, tanto no aspecto físico da *urbe*, quanto no social e também nas mentalidades dos seus habitantes que incorporavam novas práticas e representações. A vida urbana transformava-se em foco dominante da vida social, ocupando o lugar difusor de ideias e de espaço de decisões. Assim sendo, a cidade, seduzia e transformava mentalidades, desencadeando o impacto do urbano sobre o imaginário e as novas formas de sensibilidade coletiva nascentes, especificamente cidadina.

Palco dessas mudanças, que transformaram sua paisagem urbana e modificaram as suas instituições e os seus atores sociais, São Vicente-RN, vai incorporando paulatinamente ares de uma “nova” *urbe*. O ambiente doméstico ganhava novos símbolos, marcas, vestindo de novo os espaços e a sociabilidade familiar. Aos poucos, os vicentinos incorporavam, em seu cotidiano, novas práticas, costumes e condutas, ditados e transmitidos designadamente pelas difusões radiofônicas e, posteriormente, pela televisão, o que vem ocorrer, de forma especial, na década de 1970.

### **3.5 A comunicação e a cidade**

A trajetória dos meios de comunicação em São Vicente se deu moderadamente ao longo de sua história até a popularização da radiodifusão e, em seguida, da televisão. O único meio de comunicação existente no povoado era o Serviço de Correios e Telégrafos. Em lombos de burros, jegues ou cavalos, o município iniciava sua história da comunicação.

Conforme Araújo (2003), na Vila de São Vicente, os mesmos serviços começavam a funcionar em 1923 e 1924. Nesse período o transporte de malas, no qual estavam as correspondências dos vicentinos, era feito por um cavaleiro que vinha apanhar a carta somente dois dias por semana, levando dias para chegar ao destino, onde, muitas vezes, as notícias já faziam parte do passado. Era um serviço que se limitava a uma pessoa incumbida de fazer o percurso a cavalo até outras cidades para levar e recolher as correspondências. A comunicação entre São Vicente e outras localidades demorava até meses. Esse transporte de correspondência, mesmo muito arcaico, compreendia um dos construtores do processo civilizatório do município.

O termo “processo civilizador”, de Norbert Elias (1994), é aqui utilizado no sentido de chamar atenção à característica da civilização enquanto um fenômeno humano construído na história e, como tal, está sujeito a alterações. As pessoas vão criando suas próprias condições de existência e esses procedimentos estão a serviço da regulação das relações dos homens em sociedade, propiciando modos expressivos e simbolizantes de suas realizações.

Para Norbert Elias, “o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas ou aos costumes” (1994, p. 23).

Com o passar dos anos, a comunicação postal de São Vicente com outras regiões, alcançou um bom avanço. Não se sabe ao certo se foi nos fins da década de 1930 ou início da década de 1940 que o sistema de comunicação pelo telégrafo chegou a cidade.

Diariamente, o telegrafista levava a mala dos correios para Currais Novos ou vinha de Jucurutu (RN) a Currais Novos (RN), passando por Florânia (RN) e São Vicente (RN). O valor da mensagem era de acordo com seu tamanho e seu destino. Quanto mais perto, mais barato. Abreviar o número de palavras era poupar dinheiro. Conseqüentemente, o telégrafo contribuiu para aproximar São Vicente de outras localidades ou vice-versa. Com esse sistema, o fluxo das notícias passou a ser quase instantâneo. Todavia, era corriqueiro o erro em alguns telegramas, como relata Cícero Gundim (2008)<sup>16</sup>:

[...] Quando ia passar um telegrama daqui para outro estado, aquele telegrama saía de São Vicente, passava para Currais Novos, que recebia e já transmitia para Santa Cruz, que também já transmitia para outra cidade mais próxima. Enfim, nessa época, você passava um telegrama e o telegrama quando chegava lá no seu destino, ia com 10 ou até 12 palavras trocadas devido à questão de transmissão. Chegava trocadas, varias coisas [...]

Apesar desses contratemplos, o telégrafo transformou a forma de comunicar e informar, acelerando o tempo vivido e a circulação das notícias originou mudanças no modo de descrever os acontecimentos.

Os serviços de correios e telégrafos foram de suma relevância no desenvolvimento das comunicações da cidade. Na verdade, não existia nenhuma outra maneira de se saber as notícias sem que não fossem pelos jornais ou cartas recebidas pelos correios. É claro, que posteriormente, surgiram os rádios. No entanto, poucos se mantinham informadas porque nem todos podiam adquiri-los.

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida no ano de 2008 para Projeto Monográfico.

### 3.5.1 A cidade pelas ondas do rádio

O desenvolvimento do rádio no final do século XIX impulsionou as comunicações do país, apesar de já existir dois meios de difusão rápida à longa distância: o telégrafo e o telefone. E assim, a comunicação telefônica só era possível entre as localidades ligadas por cabos e os sinais de rádio propagavam-se pelo ar, facilitando a sua inserção nas comunidades distantes de grandes centros urbanos, como ocorreu em São Vicente, pois os serviços de telefonia chegaram a cidade depois de quase três décadas após a chegada do rádio.

No Brasil dos anos 1940 e 1950, o rádio ocupava um papel social destacado. Esta "caixa maravilhosa" levava lazer e notícias a uma vasta população. Integrando localidades isoladas, ela criava uma sensação de proximidade, de identificação com as pessoas das diversas regiões do país. O rádio "revolucionou" a vida brasileira que vivia ainda as glórias de sua "época de ouro", passando a fazer parte do cotidiano dos ouvintes, consolidando-se como veículo de difusão da indústria cultural.

Segundo Hobsbawm,

[...] o rádio transformava a vida dos pobres e, sobretudo, das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em sons, estava agora ao alcance deles [...] (1995, p.194).

O rádio acompanhava os acontecimentos do dia-a-dia do país, transmitia informações de diversas partes do mundo, "levava a cidade ao campo", participava da formação de novas gerações. Para muitos, significava o único elo, a única possibilidade de contato com as transformações que ocorriam além das fronteiras de seu pequeno universo.

Essa tecnologia impulsionou alterações nos hábitos da população; a indústria, as empresas de produção de bens, tais como: alimentos, vestuários, cosméticos, entre outros. Descobriram no veículo seu potencial de propagação e convencimento e o poder de criar necessidades de uso de novos produtos, sobretudo por meio de propagandas, criando assim, uma sociedade de consumo. (ANDRADE; SILVA, 2006).

Em São Vicente, o rádio só chegou em 1939. O primeiro aparelho radiofônico da cidade pertencia a Metódio Fernandes. Posteriormente, em 1941, João Antônio de Maria adquire o segundo aparelho radiofônico da Vila de São Vicente. E somente em 1943 chega mais um rádio, comprado pelo senhor Deodato Soares da Silva, era um de marca *Semp*. Nessa época, a grande maioria que não possuía rádio, tinha como meio principal de comunicação o

cordel e as cantorias de feiras e festas (ARAÚJO, 2003, p. 150), além das mensagens advindas dos Serviços Telegráficos da cidade.

Esses poucos aparelhos radiofônicos começavam a ocupar um espaço decisivo na transmissão da informação e do lazer para os vicentinos. As famílias que não possuíam essa “caixa falante” deslocavam-se de suas residências para os lares daqueles que a possuíam.

Segundo os relatos orais de Cícero Gundim (2008), os vicentinos todas as noites iam ouvir os programas de rádio. A população se dividia entre as casas de João Maria e Metódio Fernandes para desfrutar desse novo entretenimento.

Com a chegada do aparelho radiofônico de Deodato Soares da Silva, os vicentinos puderam relacionar ainda mais informação com lazer. Deodato era proprietário de uma “casa de jogo” com sinuca e bilhar e aproveitava o seu rádio para chamar mais clientes ao seu estabelecimento, como descreve Cícero Gundim (2008): *“Na casa de jogo, o rádio passava o dia ligado. E o pessoal, além de estar se divertindo com o seu jogo, tinha o rádio para ouvirem aqueles programas de mais audiência.”*

Posteriormente, outras pessoas foram adquirindo outros equipamentos radiofônicos que embalavam os singelos dias da população vicentina. Para eles, o rádio era a “grande janela” para o mundo: levava para os lares as últimas notícias, vendia produtos, lançava modas, alimentava os sonhos dos ouvintes com a voz de atores e atrizes, astros e estrelas, cantores e cantoras. O aparelho fazia parte da alegria da casa, presença quase obrigatória no dia-a-dia de algumas famílias.

Segundo Raimundo Medeiros (2008)<sup>17</sup>, em 1951, seu irmão, Nelson Cocó viajou para os Estados Unidos e quando veio de lá trouxe um rádio à pilha. Ele relata:

[...] Era um “raidão grande”. Aí Pedro Araújo fazia a linha de Natal para Florânia. E ele vinha com esse rádio ligado desde Natal, cantando coisa pra o povo ver. Foi o primeiro rádio a pilha que veio aqui. Foi esse que Nelson trouxe dos Estados Unidos. [...] Depois ele trouxe um rádio para mim e outro para Teófanês Maria. Dois rádios grandes [...].

Na década de 1960, já era grande o número de ouvintes na cidade. As famílias vicentinas se reuniam em torno de aparelhos de rádio todas as noites. Escutavam novelas, comédias ligeiras, variedades, músicas e outros tipos de programas, os quais eram transmitidos pelas emissoras radialísticas de Currais Novos (RN) e Caicó (RN).

Segundo Cícero Gundim, as radionovelas eram as que apresentavam maior audiência entre os ouvintes. Os vicentinos embalavam suas noites escutando Luiz Gonzaga, que era um

<sup>17</sup>Entrevista sobre o Rádio em São Vicente (RN), concedido no ano de 2008.

grande “ídolo” para a população, além de ouvirem as músicas de Elis Regina, Nelson Gonçalves, Núbia Lafaiete, Teixeirinha, Valdick Soriano, entre muitos outros.<sup>18</sup>

A radiodifusão passou a permitir que as pessoas tomassem conhecimento dos fatos no momento em que ocorriam ou pouco depois. As mudanças que aconteciam no país e no Rio Grande do Norte chegavam aos vicentinos pelas ondas do rádio. Por meio dele, as ideias de modernização da sociedade atravessavam as mentes e corações dos cidadãos. O rádio foi um instrumento poderoso na divulgação do ideário do início de uma era modernizante no Brasil com base nas ideias de Juscelino Kubitschek, o presidente de “sonhos fantásticos”.

Apesar de o rádio, por muito tempo, ter promovido aos vicentinos formas de entretenimento, educação e informação, foi com a chegada da tevê que a cidade vivenciou um verdadeiro *frenesi*, mergulhando ainda mais num clima contagiante de acesso à modernidade.

### 3.6 Ao redor da TV

Se nas décadas de 1950 e 1960, os espaços públicos desempenhavam a função de aglutinar pessoas, logo isso foi mudando. Em 1970, com o aparelho de TV, o hábito de sentar na calçada com familiares e vizinhos não possuía a mesma vitalidade de outrora. O favorito “espaço de diálogo” desses habitantes era especificamente na sala-de-estar, ao redor do aparelho de TV nos espaços privados de algumas residências, o que fez um cômodo da casa ser transformado e dar o lugar de excelência àquela que provocaria mudanças significativas na vida dos moradores da cidade, sendo uma destas a ativação das interações entre pessoas de categorias sociais distintas projetadas em torno do televisor. Todos se ligavam, estabeleciam relações, laços desde a presença desse aparelho técnico.

Há uma comunhão de interesses e essa comunhão dos interesses que se difundem graças ao consumo e de suas respectivas práticas que consolidam um sentimento de pertença a determinado grupo ao qual está vinculado o indivíduo. E são esses “interesses, [...] sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos [que] formam a base das sociedades humanas” (SIMMEL, 1996, p.166).

Para o autor,

sociedade propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos;

<sup>18</sup> Esses cantores foram os mais citados na entrevista concedidos ao autor.

existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas essas associações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. (...) Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade (SIMMEL, 1983, p. 168-169).

Ao redor da TV, foram se construindo dia a pós dia o “favorito” espaço de sociabilidade. Eram as “novas reuniões” de indivíduos no espaço doméstico que se abastecia tomando-se por base a programação televisiva. Segundo Simmel (2002) esta sociabilidade é o conteúdo de interesses que gera a aproximação com outras pessoas e dá lugar ao prazer de estar associado via imagem.

O homem sociável também é um fenômeno peculiar – não existe em lugar nenhum, a não ser nas relações sociáveis. Por um lado, o homem perde aqui todas as qualificações objetivas de sua personalidade; penetra na forma da sociabilidade equipado apenas com as qualificações, atrações e interesses com que o mune a sua pura humanidade. Por outro lado, todavia, a sociabilidade também o afasta das esferas puramente interiores e inteiramente subjetivas de sua personalidade (SIMMEL, 2002, p.171).

Para Simmel (2002), a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, resultantes de várias combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos das pessoas. Esses arranjos são derivados de múltiplos jogos que apresentam conteúdos das interações sociais, produtora dos diversos quadros sociais porque não proferir, das variadas formas sociais é um meio vital à formação e estruturação da própria sociedade, que adota suas desenvolvuras, representadas pelo conjunto de atitudes desenvolvidas nas interações e relações sociais, resultantes da capacidade de aglutinar indivíduos em torno de interesses, ações e como disse Simmel (2002): associações. Ou seja, essas formas de estarem juntos se configuram em relação à forma que resulta.

Em outras palavras, a sociedade é moldada por meio dos arranjos sociais instituídos ao longo de sua história. As formas de associação expressam-se nas sociabilidades prevaletentes num dado meio social concreto.

A sociabilidade é uma forma de se juntar as ações humanas e o resultado é a formação de suas próprias relações; são os arquétipos sociais que produzem as estruturas alimentadas pelos conteúdos sociais (JUNIOR, 2005), isso porque a plasticidade de uma dada sociedade está moldada pelos diversos jogos produzidos em seus percursos sociais, reproduzidos e

multiplicados na razão e na magnitude em que os laços são concretizados pela sociação; enfim, proveniente dessa capacidade de gerar é o que entenderíamos ser a vida social mediada pela TV que, para os receptores, foi uma sociabilidade lúdica no sentido de Simmel.

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade (SIMMEL, 2006, p.80).

A sociabilidade lúdica ocorre conjuntamente com a interação dos indivíduos ou grupos sociais em razão de seus interesses diversos, podendo ser efêmeros ou não. No limiar da sociabilidade, as relações se formam de acordo com as motivações e relações cambiantes que se desprendem do cotidiano. Essa sociabilidade revelava nas fofocas comentários que giravam em torno da programação televisiva, principalmente das telenovelas, bem como era evidenciado no carinho dos fãs pelos atores, apresentadores, jornalistas entre outros. A grande parte da população vicentina preenchia suas conversas diárias sobre a televisão. A sociabilidade ligava o sujeito valendo-se do sentimento de proximidades da vida cotidiana.

Se de acordo com Simmel, enquanto na sociedade há uma agregação de indivíduos em embate uns com os outros, gerando conteúdos ou interesses materiais ou individuais, na sociabilidade há a reviravolta entre o conteúdo gerador do encontro e a forma de ela transcorrer de tal maneira que a forma passa a determinar o conteúdo e torna-se um valor supremo. Assim, encontramos aqui os “limiares da sociabilidade”:

Esses limiares são transpostos quando os indivíduos interagem motivados por propósitos e conteúdos objetivos e quando seus aspectos subjetivos e inteiramente pessoais se fazem sentir. Em ambos os casos, a sociabilidade deixa de ser o princípio formativo e central de suas sociações e se torna uma conexão formalista e superficialmente mediadora (SIMMEL, 2002, p.171).

Se há relação entre o conteúdo (interesses, motivos, etc.) e a forma (de estar com o outro), a sociabilidade está além das realidades objetivas da vida real, demonstrada graças ao "impulso" (forma) sem estar condicionada a motivações concretas (conteúdo, matéria). Há “uma imagem abstrata, na qual todos os conteúdos se dissolvem no mero jogo da forma” (SIMMEL, 1996, p.169).

Esses impulsos, interesses, objetivos etc. só se tornam fatores de sociação quando transformam a “coexistência” ou a “mera agregação” isolada dos indivíduos em determinadas

formas de interação, ou seja, “formas de estar com o outro e de ser para o outro”, pelas quais e nas quais os indivíduos vão se vincular e influir uns sobre os outros (PERES, 2011, p. 101).

Por esse pensamento de Simmel, vemos que os indivíduos sempre procuraram formar uma unidade-sociedade de acordo com seus impulsos. Ele argumenta que: "Esses interesses, quer sejam sensuais, ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas" (Simmel, 1996).

Essa agregação de indivíduos em embate uns com os outros, gera os conteúdos ou interesses materiais ou individuais. Por exemplo, os interesses de partilhar da televisão fizeram com que os vicentinos se agregassem nas residências de quem a possuía. Mas também está presente um impulso de agregação (forma), o que pode, às vezes, sugerir os conteúdos concretos da associação.

Forma e conteúdo são, portanto, conceitos relativos, categorias do conhecimento utilizadas para aproximação e organização dos fenômenos sociais, de modo que algo que aparece em uma determinada relação, como forma, em outra, pode ser descrita como conteúdo. Por exemplo, a religiosidade, como conteúdo pode constituir tanto formas de socição não-religiosas quanto religiosas. Do mesmo modo, a tristeza além de poder ser encarada como uma forma de socição específica, ela pode – como conteúdo, configurar formas de socição por assim dizer, emotivas como não-emotivas (PERES, 2011, p.103).

Para Alfred Schutz (1979), os indivíduos agem em função de experiências da vida cotidiana. Mesmo existindo uma pluralidade de "mundos" e "realidades", são pessoas que buscam experiências significativamente comuns no envolvimento do "nós" (face a face). A sociabilidade está condicionada a atos comunicativos entre um "eu" que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Esse artifício dá-se devido à percepção do outro enquanto um indivíduo no espaço que compartilha comigo um ambiente comunicativo comum.

O ambiente comum de comunicação pressupõe que a mesma coisa que me é dada ‘agora’ (mais precisamente, num ‘agora’ intersubjetivo), com um determinado colorido, pode ser dada a outro do mesmo modo, ‘depois’, no fluxo do tempo intersubjetivo, e vice-versa (SCHUTZ, 1979, p. 161-162).

Em São Vicente (RN), o encantamento pela TV levava esses indivíduos a repartirem de atos comunicativos por meio das mediações, bem como compartilhavam um ambiente comum comunicativo, além de acessar momentos de sociabilidade face a face. Era um ato realizado coletivamente em família, com vizinhos ou grupo de amigos e conhecidos. Era uma prática socialmente ativa realizada entre a casa e a rua. No espaço da TV, constituía-se uma

zona intermediária entre o público e o privado. (TRIGUEIRO, 2004, p.333). Logo que, segundo esse autor, era nessas “zonas híbridas de movimentação” entre a casa e a rua, onde se viviam os eventos habituais da cidade, dos quais a televisão fazia parte.

#### **IV – Práticas, narrativas e memórias: o relacionamento com a TV.**

Ao se buscar descrever e analisar as lembranças do passado daqueles que presenciaram a inserção da TV em São Vicente (RN), num período específico de sua história, procura-se algo mais dinâmico.

Nesse capítulo, narraremos essa memória tentando discutir a relação com donos de TV e vicentinos telespectadores, seus processos de relacionamentos sociais e compartilhamento com a imagem televisiva em seu cotidiano.

A aproximação com essas narrativas orais foram surpreendentes. Em cada encontro foi possibilitada uma diversidade de informações, com detalhes admiráveis e importantíssimos para descrever a chegada dos primeiros televisores na cidade. A memória oral, neste caso, permite que, além de se criar uma nova documentação, estabeleça-se uma relação diferenciada entre pesquisador e os sujeitos da história.

O questionário de perguntas pré-elaborado foi utilizado em todas as entrevistas, mas, por vezes, os depoentes limitaram suas memórias a suas recordações e lembranças. Essas narrativas são apresentadas no intuito de compreendermos e conhecermos aqueles que participaram das primeiras exibições audiovisuais da caixa de som e imagens em São Vicente (RN). É extremamente necessário “... preservar a memória física e espacial, bem como descobrir e valorizar a memória do homem. *A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.*” (THOMPSON, 1992),

##### **4.1 Memórias, narrativas e TV.**

Para Maurice Halbwachs (2004), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Cada memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, aquela criada, tomando-se por base as relações sociais e o reconhecimento do indivíduo nessas relações. A memória teria um princípio essencial de conservação do passado e a soma das memórias individuais, especialmente dos chamados guardiões da tradição, ou seja, os mais velhos traçariam o retrato da memória coletiva de um lugar (BOSI, 2001).

Por isso mesmo, Bosi pondera que a ferramenta socializadora da memória é a linguagem, independente de como ela se apresenta. Socializada via linguagem, por meio da narrativa, a memória sai do domínio individual alcançando o coletivo.

De certa forma, a memória faz parte de um processo social que necessita da narrativa para ocorrer e que, sendo uma construção, é uma experiência tanto subjetiva quanto coletiva. É nessa interseção que ela vai se constituindo, e, por sua vez, expondo a experiência do indivíduo, marcada pela experiência coletiva, uma vez que se trata de um processo construído socialmente, mas também com marcas de uma individualidade.

A postura de alguns pesquisadores ainda é indiferente à prática em valer-se de narrativas orais como fonte de dados relevantes ao conhecimento de uma realidade, em geral, desprovida de documentação escrita, como se a oralidade não pudesse ser fonte significativa à estruturação de conhecimentos sociais, históricos e culturais. Não podemos negar que, as formas de reprodução das lembranças e do conteúdo que elas representam numa dada sociedade são elementos fundamentais ao se analisar o processo de identidade coletiva.

Santos afirma (2000, p.85): *“O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social, ao longo do tempo, depende tanto do que é lembrado quanto do que depende da identidade de quem lembra”*.

É notória a importância da televisão no modo de ver, agir e pensar da sociedade moderna, mas é preciso perceber que sua inserção na sociedade passa primeiramente pelos indivíduos, pelos núcleos familiares com suas normas, valores e tradições locais. Os espaços e os tempos das pessoas nas famílias, nas festas religiosas e profanas são fundamentais na reprodução de sentidos televisivos. As biografias são categóricas na apropriação e no uso que a audiência faz dos bens culturais da televisão: os desejos, as vontades, os gostos, as concepções de vidas influenciadas pelo mundo local são construídas coletivamente na interacionalidade entre seus membros (TRIGUEIRO, 2004, p. 84).

A postura da população vicentina, em relação ao sistema televisivo, gerava práticas, mais especificamente costumes e modos de convivência. Seguindo o pensamento do historiador Roger Chartier (1998), essas práticas geravam representações e suas representações geravam mais práticas sociais e culturais em toda a esfera social.

Por meio das narrativas de memória, perceberemos como a vivência social, os costumes familiares, os relacionamentos, os hábitos cotidianos e até os espaços foram se reconfigurando, moldando-se, ampliando-se devido às representações da programação televisiva na cidade. Em razão de diferentes mediações que estruturavam a vivência do sujeito nas suas interações com os meios de comunicação, essas práticas não se realizavam de maneira homogênea.

*A intercomunicação entre sujeitos pertencentes aos mesmos subsistemas socioculturais vai costurando os vínculos sociais locais como turbilhões de bolinhas em água*

*fervendo* (TRIGUEIRO, 2004, p. 88). O sistema pode ser entendido como algo natural ou social, organizado para cumprir uma função determinada e passível de sofrer modificações funcionais, estruturais e organizacionais graças aos fluxos de matéria e energia que adentram ao sistema por meio dos elementos ou atributos que o compõem (SILVA; FILHO, 2005, p.8). Nesses subsistemas estão embutidos valores socioculturais e históricos, que ao longo do tempo, foram responsáveis pela organização espacial e cultural da cidade.

Para Trigueiro, ver televisão é exercer uma atividade. Todos os constituintes de audiência são ativos. Cada um age conforme suas necessidades ou habilidades para fazer uso e consumo dos seus conteúdos individualmente ou em grupo (2004, p. 86).

No início da década de 1970, a TV torna-se temática local, circulando nas propriedades privadas de alguns moradores distintos da *urbe* ao incorporar as conversações e discussões diárias. Sem dúvida, foi um artefato muito atraente para a grande parte da população vicentina. Encantou o imaginário popular, realizando a sua aproximação com outro mundo, simbólico, urbano moderno, alimentando novos sabores de vida com suas narrativas originárias de outras categorias sociais (LEAL, 1986).

## 4.2 Imagens em casa

Em 1970, São Vicente era uma pequena cidade com poucos mil habitantes e praticamente ninguém fazia uso desse meio de comunicação para se informar e se entreter. Apenas alguns vicentinos mais ousados atreviam-se a sair de suas residências a caminho da morada do primeiro proprietário da TV com o objetivo de desfrutar desse entretenimento.

Como já mencionado, Osvaldo Fernandes da Costa “apresentou” à população vicentina essa “caixa de som e imagens”. Ele relata que, por ser o único a possuir a TV na cidade, sua residência, no horário da noite, ficava repleta de pessoas para acompanhar os programas. Devido o tempo, ele não consegue quantificar o número de vicentinos que participava da programação televisiva. Mas enfatiza que dia após dia surgiam mais e mais pessoas para assisti-la.

Em sua residência, a televisão ganhou significação em grande parte da cidade, não apenas pelas imagens e conteúdos, mas especialmente, por ser um objeto tecnológico que dava visibilidade de conforto e *status* social a quem a possuía. Portanto, a tevê insere-se no cotidiano vicentino nesse sistema articulado de mão dupla entre conteúdo (entretenimento) e poder de posse desse bem tecnológico (TRIGUEIRO, 2004, p. 130). Mas o fato de ter o

equipamento em casa era sinal progresso, uma vez que o aparelho televisivo era considerado artigo de luxo, o qual apenas a elite econômica tinha acesso por causa do alto preço, como vimos nos capítulos anteriores.

Por meio das entrevistas formais e também das conversas informais, percebi que a televisão de Osvaldo é a mais lembrada por todos e a que despertou notável euforia em boa parte da população no início de 1970. A partir dessas memórias, notei a relação que quase todos fizeram entre Osvaldo ter sido o primeiro a adquirir um aparelho de TV devido à sua boa condição financeira na época.

Verdadeiras plateias formavam-se em torno da TV do dono, como ele mesmo narra:

Eu colocava a TV na área ou na calçada. A maior parte das pessoas ficava da calçada para fora porque não cabia. Era bastante gente que vinha assistir. (Osvaldo Fernandes, entrevista 2011).

O uso da televisão pelo público vicentino que se dirigia a casa de Osvaldo, principalmente no horário noturno, muitas vezes, era realizado da casa para rua de forma coletiva (familiares, vizinhos, amigos, conhecidos).

Essa mediação ocorria, segundo Trigueiro (2004), num espaço de interseção entre o privado e o público. O uso coletivo da tevê entre essa zona de interseção era de consentimento, mas sendo de total controle do titular da casa. Só o dono poderia manusear os botões do aparelho televisivo.

Vale salientar ainda que na família Fernandes, o lugar oficial da TV na casa era na sala, onde podia ser vista e adorada como se fosse um altar doméstico. Assim, nos dias dos jogos da Copa do México, a televisão era colocada na área para que todos pudessem assistir, bem como em outras situações e programas ocorria essa transferência de espaço da TV.

Às noites, até nos finais de semana, a residência de Osvaldo era ocupada por pessoas, que aderiam a variados modos de assistir a TV. Em programas de maior audiência pelos telespectadores da TV, ele via compelido a realizar essa mudança do seu aparelho da sala de visitas para o espaço da área da frente da casa e até mesmo na sua calçada até por questões de “comodidade” e de maior espaço para que todos os vicentinos visualizassem melhor a TV, que quando presente nesse espaço ganhava extensão de uso coletivo.

A partir dos relatos, esse ritual de mudança da localização da TV acontecia várias vezes na semana. Contudo, muitas vezes, o número de pessoas era o mesmo ou até maior, e essa TV permanecia no seu lugar (sala de visitas). O porquê de acontecer essa transferência em dias diferenciados e não todos os dias da semana não ficou esclarecido.

Nos dias que essa TV permanecia na sala de visitas, as pessoas, que chegavam primeiro na residência, compartilhavam de uma melhor localização para assistir aos programas. Já quem permanecia da porta da sala para fora (área) e até na calçada, não tinha uma boa visualização das imagens; muitas vezes, só ouvia o que se passava. Mesmo assim, até sem boa visualização, alguns permaneciam no local, para, nos intervalos, inquirirem com os que estavam mais bem situados com a TV sobre o programa exibido.

A organização do lugar e o espaço em frente ao aparelho de TV, tanto na sala quanto na área ou do lado externo da casa, é um exemplo significativo da complexidade e variedade de como esse meio de comunicação entra nas vidas diárias da audiência em diferentes contextos culturais. Essa realidade específica nos revela o aparecimento de uma esfera híbrida de significação, que se constitui numa esfera coletiva na qual a televisão tem um papel constituinte fundamental (TUFTE, 1998 apud TRIGUEIRO, 2004).

Nessa perspectiva, Roger Silverstone (1994) utiliza a terminação de Morse de hibridização defendendo que “é um espaço híbrido, dentro do qual os indivíduos, as famílias e vizinhanças podem criar, de diferentes formas, algo de sua própria cultura e suas próprias identidades: espaços para sonhar assim como espaços para ação” (p.62). Para ele, tais espaços são um “produto das mudanças tecnológicas e sociais, mas também continuamente reconstruídos nas atividades diárias daqueles que frequentam - talvez distraídos, mas apesar disso, participantes comprometidos com as lutas em andamento na vida diária” (p. 63).

Os espaços privados ou públicos em municípios essencialmente rurbanos são quase sempre híbridos. (TRIGUEIRO, 2004, p. 139). Conforme o autor, os espaços, os lugares, os territórios ganham especificidades com o estilo de vida “semipúblicas” das famílias, nas cidades rurbanas do sertão nordestino. Logo, o espaço da residência de Osvaldo se constituiu no lugar “semipúblico” da audiência da televisão no ano de 1970. Foi nesse mesmo espaço que a reprodução, a apropriação e o uso da TV iniciaram-se na vida cotidiana.

Os espaços semi-públicos se constituem em espaços de transição entre os domínios públicos e privados, os quais possuem entre si uma relação complexa fundamental que um não existe sem o outro. Esse lugar “semipúblico” foi legitimando gradativamente a audiência da televisão como dispositivo de sociabilidade na vida diária de muitos vicentinos. Em torno dessa caixa de imagens, instituíam-se uma atividade social que envolvia diferentes sujeitos. “É um novo espaço emergente que não é de categoria primária ou secundária porque o domínio da televisão é do seu proprietário”. (TRIGUEIRO, 2004).

(...) o ato de assistir televisão acontece em situações sociais complexas, nas quais muitas pessoas (...) interagem de uma forma que resulta em outra compreensão (e constituição) de tempo, espaço e relações sociais. Este modo de vida permite atividades simultâneas e um espaço coletivo caótico saudável, (...) ver televisão ultrapassa o limite físico entre privado e público, representado pela porta da frente [da casa] (Tufte, 1997, apud Trigueiro, 2004).

Constituía-se assim a aproximação desses vicentinos participantes da audiência televisiva com o mundo moderno. Ainda superficialmente, a família de Osvaldo Fernandes e outros sujeitos passaram a conviver com outros agendamentos culturais, com outros bens simbólicos, além de bens duráveis e não-duráveis da indústria cultural que, posteriormente, foi gerando novos ordenamentos à vida da pequena São Vicente (RN).

#### 4.2.1 Práticas esportivas e a TV

Nos capítulos anteriores, relatamos a relação das práticas esportivas com a chegada do aparelho de televisão em São Vicente (RN). Como nessa época os campeonatos e jogos de futebol faziam sucesso na cidade, os vicentinos usufruíam dos veículos de comunicação, especialmente o rádio, que era para interagir com essas práticas esportivas.

Osvaldo afirma:

O aparelho de TV era grande, com imagens preto e branco. A imagem era até boa. O sinal vinha da torre de Acari (RN). Eu assistia mais esporte e noticiários; os canais que pegavam, que eu lembro, eram a Globo e a Bandeirantes. Eu comprei a TV para poder ver a Copa do Mundo. (Osvaldo Fernandes, entrevista 2011).

Segundo relatos de alguns entrevistados, boa parte da população sentia o desejo de acompanhar os jogos da Copa na televisão, “deixando de lado” o rádio. Era no período de jogos que um grande público de telespectadores se fazia presente no espaço “semipúblico” da TV da família Fernandes. A casa de Osvaldo virou atração.

A chegada da Copa do México, em 1970 agitou a população vicentina. O assunto nas calçadas e nas ruas era o futebol. Mas o que fazer para poder assisti-lo na única TV da cidade. Todos queriam ter o privilégio de compartilhar com o dono da televisão as imagens dos jogos da seleção Brasileira. O Senhor Osvaldo comentou que, quase sempre era abordado na rua pelas pessoas que falavam “que iam assistir lá na casa dele”. Ele respondia que podiam ir. Essas pessoas buscavam certa autorização do proprietário para poder se aproximar da casa sem constrangimento, apesar de que inúmeros vicentinos circulavam nesse espaço onde se encontrava a televisão sem se preocupar se eram ou não convidados.

Em São Vicente, sempre que um morador passava pela rua era cumprimentado. A cidadania era conquistada pelo tempo histórico, pelo papel que o sujeito exercia na sociedade com os múltiplos interesses e pelo importância da coletividade. (TRIGUEIRO, 2004, p. 155).

Em fins da década de 1960 a início dos anos de 1970, era crescente o interesse dos vicentinos pelas disputas realizadas nos finais de semana no único campo de futebol da cidade. Havia campeonatos de times das cidades vizinhas que vinham jogar aqui (RN). O entusiasmo do público local cristaliza-se na expectativa de assistir às acirradas partidas.

Em 1970 teve até repercussão na cidade da possibilidade de assistir à Copa do mundo na TV do goleiro Osvaldo Fernandes. Os comentários entre os jogadores de futebol e os adeptos ao esporte eram constante nos espaços públicos e privados da cidade.

Porém, boa parte da população ficou privada de assistir. Segundo relatos de alguns moradores, Osvaldo cobrava certa quantia em dinheiro para que as pessoas pudessem desfrutar de tal imagem. Nesse período, a energia da cidade funcionava graças a um motor a óleo. Para alguns, o proprietário utilizava esse “valor” pago pelos telespectadores para pagar o óleo do motor à prefeitura da cidade. No entanto, existem divergências de opiniões em relação à cobrança desse dinheiro.

Ao perguntar a Osvaldo se realmente essa cobrança ocorreu, de forma simples, mas lacunar, ele relatou que era necessário pagar a mais pelo óleo do motor de energia, visto que o consumo ia ser maior e até mais tarde.

O primeiro jogo da seleção brasileira ocorreu no dia três de junho de 1970 e, apesar do “tal pagamento”, a casa de Osvaldo foi “invadida” por curiosos, amigos, vizinhos e por jogadores de futebol e torcedores para acompanhar a tão esperada Copa do Mundo. Segundo os relatos, em silêncio, todos assistiam às jogadas dos brasileiros contra a seleção adversária pelo canal da Emissora “Globo”. No final do jogo, houve grande euforia na cidade, pois o Brasil ganhou a partida. Vale salientar que os brasileiros acompanhavam, pela primeira vez, um mundial ao vivo, entrando num verdadeiro êxtase coletivo e os vicentinos compartilhavam de um momento histórico junto com todo o país <sup>19</sup>.

Já podemos perceber que a casa dos Fernandes foi transformada pela chegada da televisão, bem como se reconfigurou a sociabilidade da rua, e até da cidade, tendo a televisão como elo, bem diferente do que se é observado nos tempos atuais.

---

<sup>19</sup> A televisão foi um dos meios que o governo utilizou para manutenção da ordem, e o futebol foi instrumento para a televisão para essa unificação. Tanto que milhões de dólares foram investidos para que o Brasil tivesse transmissão a cores e ao vivo, via satélite, da Copa do Mundo de 1970.

Depois do mês de maio do ano de 1970, essa residência se transformou num espaço de encontros e lazer de alguns vicentinos, local para encontro e vivência de pessoas que vinham de outras ruas da cidade e até da zona rural do município. Essas manifestações legitimam a importância desse ambiente em um espaço social de encontros mediados pela presença da TV e, sobretudo, constituindo-se em um grande elemento simbólico da cidade.

Eram os encontros diários de alguns vicentinos na residência que transformavam esse espaço em ponto de convivência com a TV, um lugar exclusivo para entretenimento, discussões, interações sociais e de informação do que acontecia em outros lugares do Brasil e do mundo. A TV elevou a casa da família Fernandes que adveio a apresentar uma “atmosfera de acontecimentos midiáticos” e de agendamento de conversas, todas as noites quando inúmeras pessoas, diariamente ocupavam o espaço da TV (TRIGUEIRO, 2004, p. 195).

Entre os moradores que faziam parte desse espaço social na casa de Osvaldo, em torno da presença desse aparelho, estava Josefa Salete da Rocha Fernandes, mais conhecida como Dulce Rocha, nascida em São Vicente, filha de agricultor, que compartilhou com veemência a “agitação” da chegada desse artefato tecnológico.

No repertório memorial, ela conta que por ser uma pessoa íntima da família de Osvaldo, vez por outra estava lá para acompanhar a programação.

A entrevistada relata:

Eu assistia mais à noite. Porque comecei a trabalhar muito nova. Eu trabalhava aqui, depois fui transferida para cidade de Currais Novos. Na época, eu trabalhava na Fundação Nacional de Saúde. Eu fui a primeira funcionária da Maternidade Justiniana da cidade. (Josefa Salete da Rocha Fernandes (Dulce Rocha), entrevista 2011).

Mesmo sendo uma pessoa que tinha seus afazeres, Dulce Rocha sempre que encontrava um “tempinho” ia compartilhar dos encontros mediados pela TV na residência de seu futuro cunhado.

É bom lembrar que, após alguns anos, ela se casou com Osmildo, irmão de Osvaldo.

A chegada da TV em São Vicente não despertou em Dulce Rocha tanta curiosidade, pois ela já havia tido acesso a esse meio de comunicação nas viagens que realizava a Natal. Dulce sempre ia com frequência à capital e às residências que já possuíam aparelhos de televisão. Entretanto, ela relata com desvelo o que achou da presença da primeira televisão.

Naquela época televisão passava muita coisa boa. Foi uma coisa muito boa que veio. Ninguém esperava que viesse uma coisa tão boa daquele jeito pra gente. A imagem

da TV não era bem nítida, mas dava pra a gente vê. Pra a gente, era de primeira. (Dulce Rocha, entrevista 2011).

Não apenas Dulce, mas muitas pessoas se encantavam com os primeiros programas assistidos. As imagens, falas transmitidas pelo aparelho desencadeavam um fascínio entre os telespectadores devido à reprodução de um universo ao qual boa parte da população não conhecia ou não tinha acesso. Mais que simplesmente continuar ouvindo, como no rádio, os habitantes da cidade, agora poderiam enxergar “com seus próprios olhos”, lugares, situações e personagens outrora distantes ou desconhecidas residindo na sua imaginação.

Com a presença do televisor na *urbe*, a curiosidade de saber como funcionava, como eram as imagens, focava as mentes e os olhares dos vicentinos para a residência de Osvaldo, ou melhor, para a sua TV. Nos dias dos jogos, era tão intenso o movimento nas ruas da cidade que algumas pessoas vinham da zona rural com o intuito de, pela primeira vez, contemplar um televisor e poder visualizar as comentadas partidas de futebol, como foi o caso de Raimundo Medeiros, que se deslocava do Sítio Luíza para assistir aos jogos. Ele pagou ao dono da TV o direito de apreciar esse espetáculo.

Raimundo Medeiros, popularmente conhecido na cidade como Raimundo Cocó, é um verdadeiro autodidata do município. O autodidata é o indivíduo que tem a capacidade de aprender algo com seu esforço particular, sem ter um docente ou mestre lhe ensinando, buscando as informações necessárias para sua aprendizagem. Com seus 86 anos de idade, sua memória traz lembranças de acontecimentos históricos desde a época que São Vicente era apenas uma vila, ou melhor, um distrito da cidade de Florânia (RN).

Durante a entrevista, ele se autodenominou de historiador da cidade devido ao vasto conhecimento que possui sobre o local e por já ter sido abordado algumas vezes por outros à procura de informações históricas do município.

Na época, Raimundo Cocó vinha a pé de sua morada na zona rural, sítio próximo à cidade, para ser mais um a se aglomerar em volta da televisão de Osvaldo, especialmente nos dias que eram transmitidos os jogos de futebol. Ele se recorda desse período com o seguinte comentário:

Quando era tempo de Jogo de Futebol, eu vinha todo dia do Sítio, lá pra Osvaldo. Eu era viciado em jogo, pois eu fui jogador de futebol. Eu gostava, aí vinha! A casa era cheia. Paguei muitas vezes. Não lembro se nesse tempo, a gente chamava de cinco centavos. Eu dava esse dinheiro a Osvaldo, pra ele pagar a televisão de ajuda pra ele pagar a energia. [...] Minha esposa não vinha assistir comigo, pois ela era uma pessoa muito doente [...] (Raimundo Medeiros, entrevista 2011).

O interessante é que mesmo residindo no sítio, Raimundo sabia os dias e horários dos jogos que iam ser transmitidos. Segundo ele, a informação sobre as datas dos jogos ocorria quando estava na “rua” e também porque tinha contato com o pessoal que jogava bola na cidade. Percebemos ainda que sua esposa não o acompanhava a esses encontros por apresentar saúde debilitada.

Alguns hábitos desse indivíduo sofreram alterações devido à presença da TV. Além do mais, ele começou a conviver com pessoas que antes não tinham tanta afinidade. As relações de convivência social de seu Raimundo Cocó se ampliaram com as frequentes “reuniões” ao redor da primeira TV da cidade.

Quanto às narrativas de Dulce, sua declaração nos revela eventos ocorridos na casa do primeiro proprietário de TV, que sucederam momentos especiais e íntimos de sua vida.

Como eu era uma pessoa íntima da família, vez por outra ou estava lá. Agora, o que me marcou demais foi em 1970 na época da Copa do Mundo, a televisão na época era preto e branco, E então a sala dele era pequenininha e depois eles fizeram uma reforma, aí ficou maior. Mas era tão empilhada de gente, como se fosse num jogo de futebol na arquibancada, porque nem podia nem respirar, pra gente assistir a esse jogo. (Dulce Rocha, entrevista 2011).

Esse episódio, ressalva Dulce:

me marcou muito, que eu nunca esqueci porque eu namorava escondido com Osmildo. Aí, quando aconteceu o primeiro gol, foi uma loucura, a gente se abraçou no meio do povo e se beijou, pra todo mundo vê. Depois ele muito tímido, e eu assim, não queria que ninguém ficasse sabendo que a gente estava namorando, mas aconteceu. A emoção foi grande demais da Copa, primeiro gol, não lembro bem se foi Pelé. A farra foi grande demais. E todo mundo torcia muito pra gente namorar, Mas a gente temia muito, pois eu era mais velha do que ele, e ele bem jovem. (Dulce Rocha, entrevista 2011).

Nesse jogo, a televisão encontrava-se na sala de visitas e não na parte da área da frente como nos relatou Osvaldo Fernandes. Pelos relatos da entrevistada, a sala de visitas não era um espaço amplo, o que causava certo desconforto entre as pessoas presentes por estarem tão próximas. O interessante é que em sua lembrança, ela faz uma comparação da sala de estar com uma arquibancada de futebol, devido ao “empilhamento” de pessoas na sala e a agitação daqueles indivíduos no momento da transmissão do jogo da copa.

O curioso é que foi em frente da TV que Dulce Rocha beijou em público seu namorado Osmildo Fernandes. Em seu depoimento, ela relata que já namorava o irmão de Osvaldo há algum tempo, mas às escondidas. Havia um receio entre eles devido à diferença de idade de ambos, tendo ela uma idade cronológica superior à dele. A empolgação foi tanta

em frente à TV que ambos se beijaram “publicamente”, revelando a todos que estavam namorando. Hoje, depois de 41, anos ainda continuam juntos.

Partindo das considerações de Martin-Barbero (2003), a recepção deve ser observada tanto a partir dos lugares onde as pessoas consomem a programação quanto nos espaços de sociabilidade nos quais esses receptores convivem, o que nos leva a perceber as diversas maneiras de convivência entre os que assistiam à TV, contextualizando a dinâmica cultural que os circundava na aproximação com os meios e as relações que iam além do contato mais imediato com as mensagens.

Ele ainda assegura, em suas colocações acerca dos processos comunicacionais, que há de se designar certo fôlego para destinar outras nuances de entendimento, modos de ver e de compreender o sentido dos sistemas comunicacionais e seus reflexos na vida das pessoas.

Naquela época, Dulce Rocha preferia assistir à programação de jogos de futebol, pois era “*doida*” por futebol. Ela também acompanhou algumas novelas, da qual se recordou de “Irmãos Coragem”. Ela nos conta que seu pai e sua mãe (uma grande incentivadora dos jogos de futebol na cidade) sempre iam assistir aos jogos de futebol na casa da família Fernandes.

Segundo suas narrativas, nos campeonatos de futebol na cidade, sua mãe ia aos jogos para estimular tanto os jogadores quanto a torcida.

Mamãe ia para o jogo de Futebol daqui para incentivar. Ela levava uma meninada tão grande, na época era Poli, tipo picolé, uns quadradinhos pequeninhos. Então ela levava dinheiro no bolso, aí, quando o menino chegava vendendo Poli, ela dava pra meninada todinha. Um pra cada um, pra gritar, pra torcer. Ela também ia pra Florânia (RN), para Cruzeta (RN). O Time daqui era bom demais (Dulce Rocha, entrevista 2011).

É ainda importante considerar que a cooptação entre imagem e linguagem, usada pela televisão para a construção de suas narrativas e discursos midiáticos por meio da “alocução esportiva”, e o próprio *tele-espetáculo* (BETTI, 1998), favoreceu o aparecimento de novas maneiras de percepção a respeito do esporte, especialmente sobre o futebol que, de certa forma, leva-nos a admitir seu poder de influência no processo de formação das representações sociais acerca do esporte em São Vicente (RN). Foi o período da TV. No tocante, é possível perceber um processo de espetacularização dos ambientes sociais em que as relações interpessoais são mediadas por imagens espetacularizadas (DEBORD, 1997).

O esporte tele-espetáculo, segundo Betti (1998), seria a realidade textual relativamente autônoma face à prática “real” do esporte, construída pela codificação e mediação dos eventos

esportivos efetuados pelo ajuste das câmaras televisivas, edição das imagens e os comentários que se acrescentam a elas, interpretando ao espectador o que ele está vendo.

As transmissões televisivas na residência de Osvaldo, e logo após em outras casas, impulsionaram ainda mais a popularização do futebol na cidade. Os campeonatos se tornavam cada vez mais celebrados pela população que, influenciadas pelos jogos passados pela telinha da TV, incorporavam novas práticas e representações. Tanto o time do América quanto o da Portuguesa organizavam esses torneios, virando grande atração na cidade.

Para Elias e Dunning (1992), o esporte faz parte do processo civilizador, podendo a partir dele, termos um conhecimento das mudanças nos hábitos das pessoas e das sociedades que elas constituem. A entrada do esporte nos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão, favoreceu uma maior apreciação do fenômeno esportivo por todos.

A ampliação do futebol e sua espetacularização sempre estiveram muito vinculadas aos meios de comunicação. A popularização desse esporte não teria existido se não fosse pela aliança com o espetáculo: no estádio, no rádio, no noticiário e mais, especialmente, na televisão (LOVISOLO, 2001).

O modo de ver o futebol modificou-se consideravelmente com o advento posterior das transmissões televisivas<sup>20</sup>. A sua imagem tornou-se mais perto. Os ídolos ficaram mais próximos, a um “clique” de distância dos telespectadores. O imaginário dos torcedores modificou-se.

Acostumados a acompanhar o futebol pelas notícias do jornal ou pelas locuções no rádio, ou então a terem de ir aos estádios para ver seus ídolos, a televisão transforma o modo de acompanhar o futebol. (ESCHER, 2007 p. 41-42).

Essa popularidade do futebol na cidade, que se intensificou com as transmissões esportivas da TV, sanciona-se ainda mais no depoimento do ex-prefeito Cícero Gundim, atualmente com 72 anos de idade, que também compartilhou dessas transmissões na casa de Osvaldo Fernandes. Igualmente a Raimundo Medeiros, ele nos confessou que pagou certa importância para assistir aos jogos de futebol.

Era uma pequena importância, mas ele cobrava, não sei se era 50 centavos, só sei que ele cobrava essa importância, e a única televisão que existia era a dele, aqui em São Vicente, preto e branco. A gente via só aqueles bonequinhos na televisão. Mas quem era viciado ao Futebol ou que jogasse futebol ia. Sempre futebol foi uma paixão dos brasileiros de toda a época. Desde a minha existência, e hoje eu tenho 72

---

<sup>20</sup>A primeira transmissão televisiva no Brasil ocorreu em 1950 pela TV Tupi. A primeira Copa do Mundo televisionada para o Brasil aconteceu em 1954. Mas é somente após a Copa de 1970, realizada no México e transmitida ao vivo para o Brasil, que as televisões começam a se disseminar nas casas dos brasileiros.

anos, sempre gostei de Futebol. [...] A gente tinha um time em São Vicente com uma rapaziada nova. E era um time bom. Jogávamos com Currais Novos (RN), Jardim do Seridó (RN), jogava-se até com Caicó (RN). Osvaldo era o goleiro. Todos eles iam para casa de Osvaldo assistir. Era São Vicente em peso que ia para a casa de Osvaldo. [...] Logo cedo ele colocava o televisor na calçada. Para acumular o pessoal, ficar bem à vontade. (Cícero Gundim, entrevista 2011).

Em sua versão, os moços que jogavam bola na cidade iam para casa de Osvaldo semanalmente assistir aos jogos. E eram os homens que pagavam essa certa quantia em dinheiro como liberação para assistir. E esse “famoso” pagamento era cobrado apenas em dias de jogos de futebol, principalmente os da seleção brasileira.

A partir dessas memórias, percebemos que o espaço da TV ganhou notoriedade bem mais da ala masculina do que da feminina, devido aos horários mais frequentados serem os das exibições do futebol. Tradicionalmente, a participação em jogos é um traço característico do papel de gênero masculino nas mais diversas culturas. Apesar de que as mulheres também acompanhavam esse tipo de programação como vimos nos relatos de Dulce Rocha.

É evidente que nos horários das telenovelas se concentrava um grande público. Por essa época, o lugar da TV foi reorganizando a convivência social entre alguns vicentinos, o que permitiu o contato com os jogos de futebol mediados pela TV e os discursos por eles produzidos determinaram influências inegáveis nos processos de apreensão e aprendizagem, por parte dos receptores, a respeito do conceito de esporte e sua prática suscitando, por decorrência, novas reproduções no imaginário social.

Após os jogos de futebol televisionados, eram comuns entre alguns vicentinos, as “discussões” televisivas em torno dessa prática esportiva, visto que a televisão supervaloriza o aspecto simbólico do futebol.

A grande questão, como nos recorda Betti (1998), é que ela fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato direto com a realidade, como se estivesse olhando por meio de uma “janela de vidro”. Entretanto antes, na fase de produção, o programa envolve considerável construção seletiva e interpretativa, havendo para Betti (1998) uma fragmentação e uma distorção do fenômeno esportivo com análises das imagens e suas interpretações já feitas, o que nos propõe ser um modelo de esporte e do que é ser esportista. Modelo que não necessariamente corresponde à realidade.

As relações de convivência entre jogadores de futebol, donas de casa, jovens, crianças, ganhavam força a partir da TV, motivando um circuito de sociabilidade cotidiana, marcada por um forte viés midiático. Por essas e outras perspectivas, os moradores da cidade passavam a frequentar diariamente esse espaço “semipúblico” da TV.

Dentro da perspectiva de Simmel (1983, p. 168), a sociabilidade se constitui em forma de interação na qual os participantes mostram-se a um só tempo interessados e descomprometidos. Neste sentido, pode-se relacionar a noção de sociabilidade de Simmel à significação de “jogo” apresentada por Huizinga, que afirma:

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias dotadas de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (1971, p. 33).

Evidentemente que as duas noções não se equivalem em todos os detalhes, mas um paralelo entre elas nos permite pensar a sociabilidade como um tipo de “jogo da vida social”. Em São Vicente, notadamente as práticas de convívio ao redor da TV não circunscreveram e nem sempre foram inteiramente condicionadas aos parâmetros familiares. Nesse espaço, Osvaldo e seus familiares compartilhavam de um mesmo evento televisivo com outros vicentinos, transformando o ato de assistir à TV num fenômeno coletivo. Era um verdadeiro “espetáculo” para ser “assistido” por muitos. Espaço de convivência social e de “*entrecruzamento de quase todos os interconhecidos*”. (TRIGUEIRO, 2004).

A junção de vicentinos em torno da TV nos dias dos jogos de futebol não se constituiu numa sociabilidade marcadamente masculina com o que Carmen Rial (2003) denominou “homossociabilidade”, forma lúdica de interação entre participantes de um mesmo sexo, no caso, de homens. A sociabilidade centrada em torno da TV se constitui numa sociabilidade heterogênea tanto no gênero quanto nas idades cronológicas, embora, em alguns horários e programas específicos, prevalecesse a presença maior de homens ou mulheres.

Frente às relações entre os vicentinos e as práticas lúdicas no espaço da TV, surgem questões sociológicas como a influência das novas formas de entretenimento no imaginário coletivo dos receptores vicentinos, diante a realidade, da cultura, do lazer e até da política.

Em Maffesoli (2008, p.80), o imaginário coletivo se estabelece pela ideia de fazer parte de algo, de partilhar uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional. Entre muitas considerações, o autor vê o imaginário como uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua.

O espaço da TV, enquanto prática de lazer e entretenimento se transforma em espaço de sociabilidade, talvez de mais liberdade ou regulado por outras normas, que segundo estudiosos do lazer (DUMAZEDIER, 2008; GAELZER, 1979), no tempo livre, os sujeitos

podem desenvolver ocupações, laços de sociabilidade, adquirir comportamentos produzidos por normas e códigos distintos dos ampliados em outros espaços institucionais ou familiares. O tempo de lazer propicia implicitamente, no processo de socialização e inserção dos indivíduos nos jogos, regras e rituais sociais. Ainda a fruição pelo lazer e pelo entretenimento influenciaria as vivências e representações coletivas e particulares.

Na década de 1970, durante a semana, cotidianamente, sobretudo no horário noturno, podia ser visto uma aglomeração de pessoas nas residências de quem possuía televisão. Por essa prática, também de entretenimento, os vicentinos conversavam sobre assuntos familiares, experiências pessoais, além dos assuntos da TV.

A partir da interação em torno de uma forma precisa de sociabilidade é que se podem desenvolver determinados conteúdos e modos de vida (SIMMEL, 1983).

Na condição de recinto de lazer, o espaço da TV deve ser pensado como um espaço de mediação de condutas e comportamento. De certa forma, nesse espaços de sociabilidade se estabelecem regras. Desse modo, os “televizinhos” tentavam se adequar as condições impostas pelo dono da TV. Pelo que tudo indica, para os vicentinos peregrinos, ou seja, os que não possuíam tevê, e saíam de suas residências para as que possuíam o aparelho, precisavam agir de maneira conveniente ao lugar. Apesar de que, devem ter ocorrido, em algum momento, comportamentos insólitos. Recordamos da atitude de Dulce Rocha e Osmildo na sala da TV de Osvaldo Fernandes.

Retornando às memórias do Cícero Gundim, durante a entrevista, perguntamos-lhe se era convidado para participar da programação televisiva ou ia por conta própria. Ele nos relatou que, como eles jogavam futebol e sempre se encontravam nos treinos semanais, Osvaldo comunicava a todos que iria ser transmitido jogo de futebol, avisando os dias, horários e os times que iriam jogar.

#### **4.2.2 Outros aparelhos de São Vicente (RN)**

Conforme os relatos de Osvaldo Fernandes, depois dele, quem adquiriu outro aparelho de TV foi Belízio Alves dos Santos. No entanto, segundo outros vicentinos, quem obteve o segundo aparelho de TV, foi o comerciante Heleno Barbosa, e logo após a família Alves comprou. Porém, no decorrer das entrevistas, houve discordância de uma entrevistada, alegando que foi a segunda residência de São Vicente (RN) a que pertencia televisão.

Heleno Barbosa de Medeiros nasceu no município de São Vicente, no dia 31 de dezembro de 1931. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalhava no transporte de feiras em seu próprio caminhão. A partir de 1969, ele se tornou comprador de algodão em São Vicente (RN), comercializando com outros municípios (COSTA, 2008).

É bom ressaltar que entre as décadas de 1960 e 1970, a atividade agrícola do algodão ganhou impulso e dinamismo no município, gerando lucro àqueles que comercializavam o produto. As condições climáticas da região Nordeste, que apresentam temperaturas elevadas, favoreceram a expansão da cultura algodoeira, especialmente o cultivo do algodão Mocó e Seridó, bem mais utilizado industrialmente, por isso conferia altos preços no mercado.

Ao procurarmos a família Medeiros para a entrevistarmos, não houve interesse deles com a pesquisa, mas alguns familiares confirmaram a presença da TV em sua residência nos primeiros tempos da década de 1970. Isso nos legitima ainda mais que a TV, como objeto de grande valor, era privilégio no lar daqueles que provinham de boas condições financeiras.

No ano de 2008, tive a oportunidade de entrevistar a viúva de Belízio Alves, Sinforosa Ferreira dos Santos, Dona Mimosa, como fonte oral para o trabalho de conclusão de curso da graduação de História pela UFRN, no qual também abordei a temática dos meios de comunicação em São Vicente (RN). Infelizmente, por problemas de saúde, a entrevistada não teve condições de se submeter à outra entrevista gravada, e sim a uma conversa informal e rápida. No entanto, na entrevista do ano de 2008, ela não se recorda em qual período (data) o seu esposo adquiriu a TV.

Conforme já mencionei em conversa informal com uma das filhas mais nova de Belízio Alves, ela relata que traz como lembrança que Heleno Barbosa adquiriu o aparelho de televisão e chegou à cidade com ares de altivez por possuir o objeto. Então, seu pai, no intuito de despontar que também tinha condições de comprar, logo providenciou a aquisição de um.

Todavia, falar de memória é falar de esquecimento. Trabalhar com relatos orais é ter a consciência que o esquecimento é inerente a essas memórias. Que é impossível lembrar tudo ou narrar tudo; ficam sempre algumas lacunas.

Explica Ribeiro:

A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado quando evocado. É a memória que nos dá a sensação de pertencimento e existência; daí a importância dos lugares de memória para as sociedades humanas e para os indivíduos (2007, p. 01).

Vale salientar que a pesquisa não tem como alvo maior saber a ordem dos primeiros vicentinos a possuir um aparelho de TV. Evidente que a investigação atribui uma atenção

maior ao primeiro proprietário desse aparelho técnico, pois foi a partir dele, ou melhor, da sua TV que as práticas sociais da cidade foram se reconfigurando, mesmo lentamente, além de constituir um “novo espaço” de socialização dos vicentinos. O importante é conseguirmos mapear, mesmo imprecisamente, os primeiros donos de TV da *urbe*.

Com a chegada da TV de Heleno Barbosa de Medeiros e de Belízio Alves dos Santos, amplia-se na cidade o número de telespectadores. Nos dias de jogos de futebol, segundo Dona Mimosa (2008), Belízio retirou algumas vezes a TV da sala, colocando-a no patamar da Igreja de São Vicente Férrer para que todos que desejassem assistir tivessem acesso. Ele era um homem de respeito de todos os vicentinos. Foi ex-combatente da Segunda Guerra Mundial e carcereiro da delegacia da cidade.

Nesse período (1970), em São Vicente (RN), ele era proprietário de um comércio de gêneros alimentícios e outras variedades. Ao entrevistarmos a vicentina Elita Alves dos Santos Silva, filha do Sr. Belízio, percebemos o seu apreço de relatar a chegada e a presença da TV na sua residência.

Antes de a televisão fazer parte da sua casa, Elita Alves também frequentava a residência de Osvaldo Fernandes. Sua casa era localizada em frente a Igreja de São Vicente Férrer, no centro da cidade. O lugar da TV também era na sala de visitas, em frente à porta de entrada. *Era uma TV preto e branco muito grande, e possuía quatro pernas como uma mesa.* (Elita Alves dos Santos Silva, 2011).

Ela nos relata que:

Só papai mexia para não dismantelar. Ele tinha o cuidado para não quebrar. Porque pra encontrar uma pessoa pra consertar era difícil. Naquele tempo, o homem era o que dava a ordem. O dono da casa. [...]. Durante o dia, a televisão ficava desligada e só o rádio funcionava. (Elita Alves dos Santos Silva, entrevista 2001).

Percebemos o zelo que o Sr. Belízio tinha com o manuseio da TV em sua casa. Todo esse cuidado se dava pelo receio do aparelho quebrar, pois nesse período era quase raro técnicos especializados em consertos de televisão na região. A TV era um aparelho caro e também, o dono da TV não queria ficar na frustração de ter sua recém-chegada TV quebrada, impossibilitando-o de ter acesso à sua programação preferida.

O televisor da família Alves foi comprada na cidade de Natal (RN), período em que o núcleo familiar era composto de oito filhos. Pela narrativa da depoente, cabia a seu pai a voz soberana, a função de impor os limites na casa, prevalecendo sobre os demais membros da família, que não devia poupar esforços no sentido de atendê-lo.

Naquela época, ainda em São Vicente (RN), a partir do casamento, o esposo passava a representar quase sempre o centro da família. Pelos relatos, dá também para discernir que essas vivências na casa eram definidoras nas relações da família com os programas de televisão, oscilando entre a permissão e a proibição.

Em suas memórias, Cícero Gundim (2011) nos relata que diversas vezes foi assistir televisão na casa de Belízio Alves, o qual convidava as pessoas que frequentavam a sua mercearia para assistir determinados programas na residência dele.

Nesse período, Cícero Gundim exercia o cargo de Secretário de Administração da Prefeitura do Município. Assumiu praticamente a administração do Prefeito Francisco Pereira Filho, que foi residir na capital do Estado, vindo à cidade algumas vezes no mês. Na oportunidade, perguntamos a seu Cícero o porquê de ele não ter também adquirido uma televisão, nessa época, visto que era um homem importante na cidade. Ele nos replicou: *“Eu não tinha condições financeiras. Na época era caro, e eu não tinha... O que eu ganhava era de um secretário. O vencimento de um secretário era o mínimo”* (GUNDIM, 2011).

Em São Vicente, era frequentes jovens saírem da cidade em busca de emprego e de melhoria na renda familiar. As remessas de dinheiro dos “filhos da cidade”, que moravam e trabalham temporária ou permanentemente nos centros urbanos foi outro fator que aqueceu a economia da cidade e o aumento de bens de consumo de algumas famílias. (TRIGUEIRO, 2004).

Maria Salete Gama, conhecida na cidade como Maria Benedito, sabe bem o que é isso.

Meu irmão trouxe a televisão como um presente para o dia das mães. Ele morava em Nata (RN), e comprou em Natal. O nome do meu irmão era Severino Benedito. Foi uma surpresa! Eu lembro assim, que foi num final de Semana. Não estou lembrada se foi bem no sábado que ele chegou, e o dia das mães era no domingo. E ele veio deixar essa televisão. [...] Meu irmão trabalhava em farmácia. Na farmácia de Agenor Alves. (Maria Salete Gama, entrevista 2011).

A televisão da família de Maria Benedito foi presenteada a sua mãe dona Diná Salu como lembrança especial do dia das mães do seu filho que residia na capital do Estado e possuía boas condições financeiras. Receber uma televisão, imigrada de outras regiões, como presente de algum familiar ou parente, era uma reafirmação dos laços de parentesco, uma demonstração de bem-estar social do parente ausente, do retirante que na cidade grande estava melhor de vida. (TRIGUEIRO, 2004, p. 219).

Pelos relatos da entrevistada, percebemos que essa televisão foi motivo de orgulho para toda a família. E acredito que muitos comentários foram cometidos na cidade, acerca

desse presente tão valioso e desejado por muitos. A televisão na casa de Dona Diná Salu também passou a ser uma fonte de referência de integração dos vizinhos com o mundo global.

Como narra Maria Salete Gama,

a gente convidava as pessoas pra assistirem televisão. A sala era cheia. Todo mundo vidrado na televisão. [...] Minhas amigas iam assistir. Toda a vizinhança ia. As amigas da minha mãe iam também. [...] Quem passava, ficava em pé na calçada olhando. Ficavam admirados. (Maria Salete Gama, entrevista 2011).

No domicílio de Dona Diná Salu, a televisão localizava-se na sala de visitas em cima de uma mesinha. Era uma televisão de tamanho grande, sendo da marca *Philips* de imagem preto e branco segundo nos relata Maria Benedito. Sua presença intensificou o relacionamento com os vizinhos que se apertavam na sala; muitos sentavam no chão ou ficavam em pé do lado de fora. A tevê passou a fazer parte da casa como um membro da família.

Na família de Diná Salú, o uso da tevê também se dava de forma coletiva. Os próprios membros da família convidavam as pessoas para compartilharem das imagens da TV.

Perguntamos a Maria Benedito se existiu algum incômodo por parte das pessoas que participavam diariamente dos encontros televisionados, fica por conta da entrevistada nos responder: *Lá em casa, nunca deu confusão. Só quando estavam conversando muito, é que a gente pedia pra fazer silêncio.*

A televisão era dispositivo gerador de conversas e assuntos entre os *constituintes de audiência* (TRIGUEIRO, 2004, p. 226). No entanto, essas conversas na hora da programação causavam certo incômodo entre alguns. As conversas eram mais apropriadas nos intervalos ou término de cada programa.

Segundo Maria Salete Gama, que na época de 1970 era professora na cidade, sempre se comentava com os conhecidos sobre o que se passava na TV. *Na rua, sempre a gente comentava os programas. Quando tinha alguma coisa que chamava atenção, eu gostava de conversar: “Olha! eu assisti isso na televisão” e dava opinião.* (GAMA, 2011).

A entrevistada nos confessou que na sua instituição de trabalho, ou seja, na Escola, ela também conversava com os professores, funcionário e alunos o que era transmitido no repórter, no Jornal nacional. *Comentava as notícias do Brasil e do mundo.*

Para ela, a televisão não a ausentou totalmente dos seus passeios noturnos na praça.

Eu não deixei de ir à praça por causa da televisão. Eu tinha o meu programa preferido, e depois de assistir, ia dá minhas andadas. Ela (TV) não me prendia quando eu assistia à uma novela que eu gostasse, porque eu queria ver o capítulo seguinte, o outro, o outro... Eu ficava ansiosa pra ver o seguinte capítulo. Aí me prendia (Maria Salete Gama, entrevista 2011).

O interessante é que a entrevistada conciliava o seu horário de lazer e encontros de sociabilidade na rua, com o horário de assistir aos seus programas preferidos. Porém, ela primeiramente optava a assistir ao programa televisual preferido para depois ir à praça. Embora, sua casa representava um intenso ponto de encontro entre os “interconhecidos” e pelas suas narrativas, percebe-se que essas reuniões diárias mediadas pela TV representavam satisfação e alegria por estarem juntos assistindo determinado evento televisual. Era o momento em que a família abria suas portas e as imagens de sua TV para os “televizinhos”, o que não era momento de incomodo às famílias, mais de contentamento e júbilo.

É importante lembrar, que a arquitetura espacial da cidade era desprovida de uma praça, sendo apenas construída em 1973. No entanto, em frente ao mercado público da cidade, existia uma quadra de esportes, já abordada antes, que representava naquele período a função de uma praça pública. Era nos arredores do mercado e dessa quadra que a população vicentina costumava se reunir nas tessituras sociais cotidianas, uma vez que os espaços geográficos são marcados por códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana, pelos indivíduos que ao constituírem sua vida em sociedade dão aos espaços um sentido específico.

Voltando as memórias, a aposentada Maria das Graças Nonato, atualmente com 60 anos, viveu dias de “televizinha” no primeiro ano de TV em São Vicente. Porém, o fato de ter que sair de casa para ter acesso ao novo veículo de comunicação, causava certo constrangimento ao seu pai o senhor João Alves dos Santos, que logo providenciou a aquisição do aparelho para sua família.

Segundo ela, seu pai era um homem popular na *urbe*, proprietário de uma padaria. Sua casa era localizada mesmo no centro da cidade e na mesma rua se encontrava o estabelecimento comercial de sua família. Como seu pai não gostava que ela e os dois filhos mais novos fossem incomodar a residência de quem possuía televisão (que ainda eram poucas), a pedido dela, o seu pai comprou a tão desejada “caixa de som e imagens”.

Veja a íntegra de seu relato:

Meu pai era uma pessoa muito boa pra família, uma pessoa maravilhosa. Já tinha eu e dois irmãos, e a gente começou a falar: “Ah, pai a televisão chegou, e já tem em algumas casas, (duas a três casas que a gente sabia que tinha)”. E ele não queria que a gente ficasse nas casas, pois achava que ficava incomodando. Quando a gente saía pra ir nas outras residências ele sempre falava: “Ah! vai incomodar minha filha”. Meu Pai era uma pessoa muito reservada. Aí a gente pediu: “pai, então, compre uma pra gente”. Aí ele comprou a TV, mas nunca se incomodou que alguém ficasse lá em casa assistindo. Ele se preocupava que a gente fosse incomodar nas outras casas, principalmente as crianças. (Maria das Graças Nonato, 2011).

E ela continua:

Meu pai me queria muito bem, exatamente por eu ser a única mulher, tinha os outros dois filhos homens. E eu pedi pra ele comprar a TV e graças a Deus ele comprou. E até porque eu o ajudava na Padaria. [...] Acredito que ele comprou a televisão em Currais Novos. (Maria das Graças Nonato, 2011).

Como percebemos, o Sr. João Alves dos Santos sofria pressão em casa para adquirir o aparelho. O desejo dos filhos de se integrar ao moderno sistema de audiência da televisão foi realizado. Eles não precisariam mais “incomodar” as residências de quem possuía TV, pois o seu domicílio também se transformou num espaço de encontro entre os “*interconhecidos*” mediados pela presença dessa “*engenhoca eletrônica*” (TRIGUEIRO, 2004, p. 248).

Como nas outras residências, a televisão, do mesmo modo, ficava na sala de visita, num lugar de fácil acesso em uma mesinha especial. O comerciante abria as portas e janelas de sua casa para que vizinhos e amigos compartilhassem das informações e entretenimento dos programas da TV, conforme relata sua filha, Maria das Graças Nonato.

A televisão ficava na sala, numa sala de estar, que a gente chamava na sala de fora. Na época, era sala de fora, que era a sala de visita. E meu pai colocava a televisão em uma mesinha, e muitas pessoas da nossa cidade vinham e sentavam ao redor dessa televisão. Em volta dessa televisão, ficava muita gente: crianças, adultos. E tinha as novelas e tudo mais, que as pessoas gostavam. E ficava em volta dessa televisão muita gente, até sentados no chão, porque era muita gente, bastante gente. (Maria das Graças Nonato, 2011).

O público presente nos encontros do espaço da casa da família Alves dos Santos era marcado pela preferência dos programas televisivos. Diferente de outras residências, o horário de assistir à televisão não era apenas no período noturno. Durante o dia, essa residência era ponto de encontro para um público infantil, devido os dois filhos mais novos, que traziam seus amigos e colegas para acompanhar os programas infantis.

Pela manhã, assistiam as crianças. Tinha uns programas infantis. Vinham bastante! Meus irmãos pequenos e os coleguinhas deles também vinham para assistir esses programas infantis. E a noite, o ponto forte mesmo era a noite, para assistir às novelas. Gostavam demais das novelas, e era o momento mesmo de maior audiência, de bastante gente. (Maria das Graças Nonato, 2011).

Conforme Graças Nonato (2011), como seu pai era comerciante, não estava sempre em casa, ela era autorizada a “mexer” na televisão, pedindo algumas vezes que seus irmãos que eram crianças, não “mexessem”, pois ele tinha medo de dar algum defeito, *pois era uma*

*coisa rara*. Por isso que sua mãe e ela se encarregavam de manusear a TV. Sendo assim, essa era mais uma família que temia que a sua TV quebrasse ou apresentasse algum defeito.

Às noites, a casa do comerciante ficava repleta de familiares, amigos, vizinhos e conhecidos para assistir aos programas. A casa era “lugar de audiência” para muitas pessoas.

[...] A gente aceitava com maior carinho, ninguém se aborrecia não. Meu pai era uma pessoa de muita popularidade na cidade; ele tinha boas amizades, era uma pessoa muito pacata e atendia muito bem as pessoas. Minha mãe seguia o mesmo jeito do meu pai, e a gente acolhia bem as pessoas, até porque a gente sabia que era uma novidade e as pessoas gostavam de ver aquilo, que ainda não tinham o direito de possuir. (Maria das Graças Nonato, 2011).

Ela nos descreve ainda que:

[...] A casa enchia de pessoas, em torno de umas vinte pessoas ou mais. Ficava bem cheinha a sala, o pessoal sentava ao redor da televisão. [...] Nos programas era um silêncio total. Era muito silêncio. Acho que era até pelo fato de ser uma novidade, as pessoas ficavam bastante concentradas. O silêncio era muito grande. Quando tinha intervalo, as pessoas começavam a falar. (Maria das Graças Nonato, 2011).

O espaço doméstico ganhou novos significados de entretenimento e de informação. Redes de relacionamento entre familiares, vizinhos e colegas iam se tecendo diariamente pelas práticas mediadas pelo televisionamento. Por essas relações sociais a partir da TV, veiculavam-se e atualizavam-se os conteúdos culturais dos vicentinos.

Entretanto, a casa prosseguia como recinto ativo de audiência da televisão, demarcado por valores de honra, vergonha, respeito e religiosidade motivados por sentimentos de fraternidade e solidariedade, pelas contradições e negociações – *interações mediadas* – entre parentes que se ampliavam com os compadres, vizinhos e amigos, no horário nobre da programação televisiva (DAMATTA, 1985).

É na rede de comunicação cotidiana que os vizinhos, amigos tomam conhecimento uns com os outros. É nesse processo de apropriação e conversão que os acontecimentos da televisão chegam pelas interações mediadas na rede de comunicação cotidiana, nos diferentes tempos e espaços da cidade. (TRIGUEIRO, 2004, p. 235).

Mediante isso, pode-se dizer que a cidade se realiza também por uma rede de sociabilidades tramadas pelos diversos andarilhos, sejam eles responsáveis por suas invenções textuais ou não, que trilhando caminhos, constroem as múltiplas formas do fazer e do acontecer na cidade. (ARAÚJO, 2008).

Os lares vicentinos constituintes de televisão materializavam a convivência rotineira de pessoas. Eram lugares de encontro onde as formas de relacionamento entre os sujeitos

variavam, dependendo muito do grau de afinidade e do momento (horário do programa, intervalo, término do programa, etc.).

Ainda assim, podemos afirmar que era graças às relações sociais que os sujeitos “viviam” o lugar da TV. Tais encontros lhes possibilitavam não somente o consumo da TV e sua programação, mas constituía-se em um espaço de diversão, descontração, de vivências com o outro; enfim, havia aspectos ligados também à dimensão da afetividade, das interações e da própria sociabilidade, seja na forma mais “pura”, devido à amizade ou na forma mais distanciada por meio de coleguismo.

Conforme os relatos de Graça Nonato, pessoas que não eram tão próximas da família vinham à sua residência no intuito de participar da audiência televisiva.

Às vezes, as pessoas ficavam meio que encabuladas; ficavam em pé na porta, talvez até com vergonha de entrar porque não tinha tanta afinidade com a gente, mas mesmo assim, a gente acolhia, e daí a gente ia começando aquele laço de amizade. E, com certeza, nossas amizades foram crescendo cada vez mais. Foi um momento bom da nossa vida, isso. (Maria das Graças Nonato, 2011).

Na sala de estar, com portas e janelas abertas, sempre cabia mais um, mesmo que em pé na porta, isso porque o local da TV era voltado para a rua, permitindo a pessoa que estivesse de fora da casa assistir à programação. Na casa, todas as noites, os encontros eram renovados, quase sempre com as mesmas pessoas ou com outras que apareciam de vez em quando para verem coletivamente os programas de TV.

Durante a entrevista, averiguamos com Graça Nonato se seus horários ou os da sua família sofreram alguma alteração com a chegada do televisor. A resposta foi a seguinte:

Com certeza. Mudou tudo! Por exemplo, quando ia iniciar os horários da novela, logo cedo 06 horas, a gente já sabia que de 07 horas tinha novela; a gente já se preparava antecipadamente, se arrumava mais cedo, tomava banho mais cedo, jantava mais cedo, e até evitava ir à praça, pois a televisão tomava o tempo da gente. Nesse período a praça se esvaziou um pouco. (Maria das Graças Nonato, 2011).

Pelo depoimento, percebe-se que o aparelho causou mudanças na temporalidade da família que reordenou suas vivências a partir do momento em que a programação entrava no ar. Os principais momentos ritualísticos da casa, como a “hora sagrada das refeições”, as cadeiras nas calçadas, os passeios na praça são, de certo modo, desregulados pela novidade.

Nessa discussão, ressaltamos que nessas residências que possuíam TVs, o aparelho permanecia ligado até as 21 horas.

Como abordamos, nos capítulos anteriores, a energia da cidade era gerada por um motor a óleo diesel, que permanecia ligado até as nove horas da noite. Segundo os relatos, antes de desligar, as luzes davam sinal que ia se apagar. *Dava três sinais, o primeiro, o segundo o terceiro. Aí ele apagava* (GUNDIM, 2011).

Nos sábados e domingos, prolongava-se mais uma hora, ou seja, até as 22 horas.

Retornando aos relatos de Elita Alves, a televisão do seu pai, muitas vezes, era carregada por uma bateria no intuito de ficar ligada após o desligamento da energia.

A gente usava uma bateria para assistir. Só tinha energia até nove horas da noite, passou desse horário, não tinha mais como assistir televisão. Então, carregava a bateria quando tinha energia e quando se apagava, ligava a TV na bateria. A televisão do meu pai se colocava nessa bateria. Depois de 09 horas, continuava assistir mais quando a bateria arriava, aí pronto. (Elita Alves dos Santos Silva, entrevista 2011).

A chegada da energia elétrica em 05 de abril de 1972<sup>21</sup>, na cidade, gerou mudanças significativas de sociabilidade e de economia. Naquela época, a iluminação pública era insuficiente. Com a presença do sistema de fornecimento de energia da hidrelétrica de Paulo Afonso (BA), de fluxo contínuo de 24 horas, o município foi “invadido” por novos símbolos. O consumo de eletrodomésticos e eletrônicos foi fazendo parte da vida de outros vicentinos. Amplia-se assim, o horário de uso da TV em muitas residências.

Por essa razão, acredito que diante da realidade econômica da cidade, a energia elétrica, de início, serviu mais para uso da iluminação dos espaços das casas do que para o uso de novos objetos na vida cotidiana.

Contudo, a inserção da TV nas casas dos moradores talvez tenha sido o mais expressivo meio de entretenimento e informação, um enorme acontecimento político e social, que reorganizou as atividades das práticas da vida cotidiana, das formas de sociabilidade. Ela é um dispositivo motivador de investimento em bens de consumo moderno. (TRIGUEIRO, 2004 p. 218).

### **4.3 O uso e consumo da telenovela na cidade**

Foi na casa de Osvaldo Fernandes que um privilegiado público pôde acompanhar a novela *Irmãos Coragem*, o primeiro grande sucesso da Rede Globo, que entrava no ar no mês de junho de 1970, às 20 horas. Todos os dias, a residência do proprietário estava

<sup>21</sup> GUNDIN, Cícero. Entrevista 2011.

completamente amontoada de pessoas que queriam visualizar e acompanhar, pela primeira vez, uma telenovela, que antes só era ouvida pelos programas radiofônicos.

Segundo relatos dos moradores, quando anoitecia e chegava o horário dessa novela uma “procissão” de pessoas caminhava com seus “bancos” até a casa dos Fernandes, congestionando toda a rua.

Além disso, novos comportamentos foram surgindo nessa trama, um pouco diferentes dos valores católicos difundidos e praticados pela população. Nessa novela é retratada a união sexual antes do casamento. O par romântico, João Coragem e a filha do fazendeiro (Lara, Diana e Márcia), apaixonados, mantiveram relações íntimas antes de se casarem. Mesmo depois, tendo oficializado o relacionamento, esse fato era de tamanha afronta aos costumes morais vigentes da população na época. Educados pela fé católica, era incabível à sociedade casais chegarem a tal ponto antes de passarem pelo rito sacramental do casamento religioso.

Naquele tempo, o casamento formal era o espaço reservado nos padrões sociais e divinos para encontros de tamanha intimidade, uma postura religiosa que fazia parte das construções culturais presentes no universo de São Vicente (RN).

Nesse contexto, as jovens vicentinas eram educadas para o casamento. Isso é tão marcante que as vicentinas que atingissem a idade de vinte e poucos anos sem ter “conseguido” um marido ou pretendente, eram consideradas “solteironas” e “titias” e, certamente, sentiam-se constrangidas diante das cobranças sociais e das gozações gerais, que as consideravam “encalhadas”.

Ainda é válido ressaltar que as novelas lançavam e mostravam modelos de comportamento fabricados em São Paulo e Rio de Janeiro para todo o território brasileiro. E foram nessas grandes regiões que o movimento feminista, ocorrido em vários países a partir da década de 1960, contribuiu para mudanças culturais significativas. A população das regiões, paulatinamente ia incorporando as mudanças, os novos comportamentos e vivências. Nessas cidades, os conceitos e estilo de vida se modificavam, sendo disseminados pelos programas da mídia, chegando assim nas pequenas cidades do país, como em São Vicente, que ainda estava atrelada aos “bons” e tradicionais costumes religiosos.

Segundo Hamburger (1998, p. 443), as novelas divulgavam modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, estabelecendo padrões com os quais os telespectadores não necessariamente concordavam, mas que serviam como referência legítima a quem eles se posicionassem. É tanto que, nesse período, as famílias vicentinas mostravam claramente diferenças nos valores e representações dos gêneros masculinos, e nomeadamente femininos, na apropriação que faziam da telenovela.

Não se pode negar, no entanto, que a apropriação que os adultos e idosos faziam das tramas era mesmo que indiretamente distinta das dos jovens da época que, quem sabe, gostariam de viver e seguir segundo alguns padrões difundidos por essas narrativas.

Os folhetins eletrônicos se tornavam cada vez mais um vício diário entre a população, alcançando um alto patamar de entretenimento na cidade, mesmo ainda, sendo raras as residências que possuíam a maravilhosa “caixa de som e imagens”, a qual privilegiava uma pequena parcela populacional. No horário dessas novelas, as casas fervilhavam de gente, segundo nos relatou Sinforosa Ferreira dos Santos (Dona Mimosa) ao afirmar:

Antes de a novela começar, a casa já ficava cheia. Enchia-se a sala de gente, que, quando eu precisava passar para comprar alguma coisa na rua, saltava uma janela que tinha de lado, porque não dava pra sair de jeito nenhum. E muitas vezes, a televisão ficava ligada até mais tarde da noite. Tinha dias que eu ia dormir, e o povo ainda ficava assistindo (2008).

Na residência da família de Graça Nonato, a novela também era o programa de grande audiência entre o público vicentino que compartilhava com eles as transmissões televisivas. Como já mencionamos, à noite era o momento de maior audiência nesse domicílio para acompanhar os capítulos das novelas.

Outra novela de grande audiência na cidade foi *Mulheres de Areia*, exibida pela Tupi em 1972/73. Conforme as memórias de alguns entrevistados, ela movimentou a cidade e praticamente “todos” a assistiam. Quando chegava o horário de começar, as casas ficavam completamente lotadas.

Essa história caiu no “gosto da população” fazendo parte das conversas cotidianas. Naquela época, a jovem Graça Nonato foi uma das que mais “acompanhou” a história, tanto nas telinhas quanto fora dela. Apaixonada pela novela, ela teve a oportunidade de se deslocar à casa de uma tia em Natal (RN), com o propósito de participar de um espetáculo no qual os atores principais da novela *Mulheres de Areia* eram Eva Vilma, interpretando as gêmeas, e Carlos Zara, interpretando Marcos Assunção. Ambos iriam contracenar na capital.

Nos primeiros dias de volta a cidade, a jovem ficou cercada por um bom número de curiosos e fãs da novela querendo saber detalhes desse espetáculo, como eram os atores, entre outras curiosidades.

Para uma cidade pequena como São Vicente, esse acontecimento foi alvo de conversas de muitas famílias nos espaços públicos. Para alguns, um grande orgulho de uma jovem vicentina poder conhecer pessoas que “passavam” na televisão, no caso os atores da novela

mais assistida da cidade; para outros, o desejo de poder ter realizado tal feito, não deixando de lado também aqueles que por “inveja” achavam isso uma grande bobagem.

Tal trama me lembra Eric Hobsbawn, quando ele faz o cruzamento entre o evento público e a pequena história individual. Conforme o autor, os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas, ou seja, não são apenas marcos em nossas vidas privadas, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas como públicas. (1995, p.14).

As novelas eram um verdadeiro espetáculo porque mostravam aquilo que muitos sonhavam viver, ter e ser. As imagens da tela transmitiam variados desejos escondidos no interior de vicentinos que viam os personagens realizando seus “próprios sonhos”, o que para eles não poderia se tornar real naquele momento, devido às inúmeras convenções existentes. É certo que, depois, vários desses jovens incorporaram mesmo disfarçadamente, alguns modelos de comportamento divulgados pela telinha da TV.

Esses folhetins eletrônicos propunham modelos de relações familiares e relações entre homem e mulher, que deferiam do padrão tradicional vivido bem mais nas cidades do interior do país, o que promoveu um processo de reflexão e revisão dessas representações. A novela familiarizava o espectador vicentino com mundos diversos, vários estilos de vida e com uma gama variada de bens e serviços expostos na própria construção dos personagens e dos contextos da narrativa (ALMEIDA, 2003 p. 41-42). Ao construírem universos "modernos", que se opunham a universos "tradicionais", essas novelas aludiram a um paradigma persistente de representação do Brasil como um país modernizante.

Pelos relatos orais de Maria Benedito (2011), percebemos que a telenovela era o programa preferido de sua mãe Diná Salu e, certamente, dos vizinhos que todas as noites estavam presentes em sua residência. Conforme ela relata, todos os dias logo que determinada novela estava perto de começar, sua mãe saía para calçada chamando os vizinhos, avisando que a novela já iria iniciar.

Ao desligar a televisão, o telespectador não concluía a interação com o programa acompanhado por ele: a novela. O assunto não era compartilhado apenas no momento da exibição do capítulo. A riqueza de temas explorados nas histórias virava discussões entre familiares e amigos, que passavam a conversar sobre os atores e seus personagens, as cenas, o desenrolar da trama, apontando o que de que mais gostaram. Ocorria uma apropriação familiar com as telenovelas.

De alguma maneira, ao assistir e comentar as tramas, as pessoas realizavam mediações entre suas experiências da vida pública e privada (TRIGUEIRO, 2004).

Percebemos nas memórias de Maria das Graças Nonato, Maria Salete Gama e Elita Alves o quanto as telenovelas eram comentadas em seus ciclos de conversas e provocavam desejos de bens de consumo.

A partir do entrelaçamento de memórias pode-se dizer que as telenovelas tiveram uma função importante como motivadora de hábitos e impulsionadora de diálogos, contribuindo para a aproximação das pessoas e dos vizinhos dessas casas, o que impulsionou uma interação social a partir das mensagens televisivas.

Além das polêmicas e melosas histórias de amor, as telenovelas despertavam desejos e ilusões difundindo e criando moda, agindo na maneira de falar, agir e vestir da sociedade. Representavam os estilos de vida das grandes regiões do país, onde tudo era mais moderno. E isso permitiu que São Vicente também tivesse acesso, mesmo que indiretamente, dessa modernidade por meio das roupas da moda e dos diversos bens de consumo. No entanto, apenas uma pequena parcela da população possuía um potencial de consumo compatível com a possibilidade de comprar algumas das novas tendências lançadas pela mídia.

Essa entrevistada ainda nos relatou que gostava de se vestir bem e tinha vontade de fazer as roupas iguais as das que usavam nas novelas. Ela mesma costurava suas roupas e, por vezes, mandava alguma costureira fazer.

Por isso, a televisão enriquece e anima as experiências locais de consumo dos produtos midiáticos (TRIGUEIRO, 2004, p. 276).

Graça Nonato nos confessou que em Natal participou de um Festival de *Chopp*, no qual foi com uma vestimenta que imitava uma roupa da atriz Eva Vilma na novela *Mulheres de Areia*. Era uma calça de tom lilás, boca de sino e uma blusinha preta curta com umas pontinhas do jeito que a atriz usava na novela. *O uso de artefatos da moda da visibilidade de prestígio a seu usuário, projeta-o para o lado de fora do espaço de convivência cultural, de vizinhança e do grupo social, mesmo que temporariamente* (TRIGUEIRO, 2004, p.304).

Os vicentinos faziam festas para celebrar quase todos os acontecimentos, eventos familiares, interações sociais, eventos cívicos, desportivos e religiosos (natal, carnaval, festas juninas e de padroeiros). Era recorrente na festa do padroeiro da cidade, que ocorria no mês de setembro, como em outras festividades populares da cidade, mas, por parte do público feminino, o uso de roupas que estavam de acordo com a moda usada pelos personagens das telenovelas, bem como os estilos veiculados nos diferentes programas de TV. Isso é visível até hoje, sobretudo quando se trata da reorganização do aspecto social, da economia local e da sua relação com o mundo global, um processo de apropriação e conversão da televisão para a vida cotidiana. (SILVERSTONE, 1994).

A novela efetuava, assim, o papel de uma vitrine, familiarizando o espectador com vários estilos e modas. (ALMEIDA, 2003, p. 168). Por meio de seus personagens e de toda a sua narrativa, os estilos, incluindo roupas, entre outros produtos e serviços utilizados em cada personagem iam pouco a pouco sendo compreendidos e aderidos pelo público.

Observemos o relato de Dulce Rocha:

Nessa época, uma coisa que marcou muito, não para o bem, mas naquela época ninguém tinha consciência que o fumo era prejudicial e prejudicava tanto a saúde. Aí, todo mundo naquela época, quis aprender a fumar. Homens e mulheres. Você chegava na festa, cruzava uma perna, ficava em uma mesa. Era uma loucura. Todo mundo fumava naquela época. Acho que os programas incentivaram porque tinham artistas naquelas noites do Rio de Janeiro, nos suarês (festas). E depois começou as críticas para que as mulheres deixassem de fumar, pois prejudicava a saúde. A gente também imitava as roupas da televisão. As mulheres usavam maquiagem e também sapato alto.

É, sem dúvida, a telenovela o programa de televisão que mais vende produtos industrializados, que oferta mais mudanças de atitudes e de comportamento. Assim sendo, a telenovela é o programa que mais abastece a sociedade urbana, suburbana, rural e rurbana brasileira de valores culturais do mundo globalizado. (TRIGUEIRO, 2004).

Essas telenovelas começavam a interferir ou atuar no imaginário popular, tornando-se, posteriormente, um dos principais elementos referenciais daquela população, que reproduzia anseios, tendências, costumes ou apenas atuando como uma aglutinadora de atenções. Mesmo com suas abordagens distintas da realidade da cidade, indubitavelmente a telenovela se tornou um programa referencial no estabelecimento de parâmetros de comportamento, inserindo-se ainda mais nesse espaço público-privado.

Em São Vicente, havia pessoas mais receptivas a certas inovações. Os estilos diferenciados de agir refletem a variedade de comportamentos, mesmo em uma sociedade mais conservadora, na qual as normas de controle eram agudas. Não há uma só lógica que abarque todas as *artes do fazer* como nos fala (Certeau, 2004). Além do mais, as contradições nas formas de recepção da TV indicavam os sentidos das mudanças de costumes operadas na cidade, *das quais as influências do novo veículo são vias de mão dupla, isto é, tanto refletiam quanto nos geravam outros modos de vida na cidade*. (QUEZADO, 2007, p.121).

As próprias residências da cidade iam ganhando novas vestes depois da televisão. As pessoas de um poder aquisitivo maior transformavam seus cômodos imitando os que viam na TV. Muitos desejavam móveis, objetos de decoração, eletroeletrônicos, além de uma gama de utensílios figurados pela mídia. Buscavam modelos para melhorar suas casas. Os domicílios dos personagens serviam de referências importantes, mas certamente ainda inatingíveis do

nível de luxo e da ilusão para grande parte da população. Apesar disso, os lares vicentinos vestiam-se de novas roupas.

Os estímulos para o desejo de determinados objetos foram impulsionados pela própria televisão, contribuindo para atirar a comunidade ao consumo. Esse desejo se reproduz segundo a estruturação social.

Canclíni (1999) considerou o consumo como uma das dimensões do processo comunicacional, relacionando-o com práticas e apropriações culturais dos diversos sujeitos envolvidos neste sistema. Garantiu que por meio dele, os indivíduos transmitem mensagens aos grupos sócio-culturais dos quais participam. Segundo ele, o consumo não necessitaria ser visto somente como uma posse de objetos isolados, mas também como “apropriação coletiva” destes. Este processo consideraria relações de solidariedade e, sobretudo, de distinção, através de bens e mercadorias que satisfazem no plano biológico e no simbólico, servindo, ao mesmo tempo, para enviar e receber mensagens (CANCLINI, 2002, p. 88).

Outro elemento que deve ter “mexido” com o público vicentino foi a trilha sonora exibida nas telenovelas e em outros programas da TV. As músicas marcavam a aparição de certos personagens ajudando a compor o clima que os cercava, seja de romance, violência ou humor, aliando a personalidade e o estilo de vida de cada um. A partir daí, diversos gêneros musicais eram disseminados no cotidiano dos vicentinos, o que os possibilitou conhecerem músicas e cantores de outras regiões do país. Essas trilhas musicais eram responsáveis por lançar artistas, canções e ritmos de todos os tipos. Vários artistas entraram no gosto dos vicentinos, sobretudo aqueles que suas músicas faziam parte de alguma novela.

E assim, a televisão está inserida nessa esfera do consumo e que, portanto, preocupa-se não apenas em ordenar a sociedade por meio da veiculação de representações sociais que a sustentem, mas em vender valores e bens simbólicos (KOHLSDORF, 2002, p. 45).

Por isso mesmo, em São Vicente, na década de 1970, iniciou-se um profundo consumo de gêneros musicais, o que tornou a TV uma produtora e transmissora de bens simbólicos, especialista na produção e disseminação simbólica, sobretudo, na classe média, deselitizando e democratizando a arte, isso porque estes novos intermediários culturais ajudam a transmitir os bens culturais e o estilo de vida dos intelectuais a um público mais amplo, o que resulta em um aumento do poder dos produtores de símbolos. (KOHLSDORF, 2002, p.46).

É curioso observar que a relação dos homens com a novela não era tão direta quanto a das mulheres. Por parte dos entrevistados desse gênero, há certa hesitação em revelar que assistia a esse tipo de gênero televisivo. É como se houvesse uma convenção de gênero para o conteúdo televisual, tipo “novela é coisa de mulher” e “noticiário” é coisa de homem.

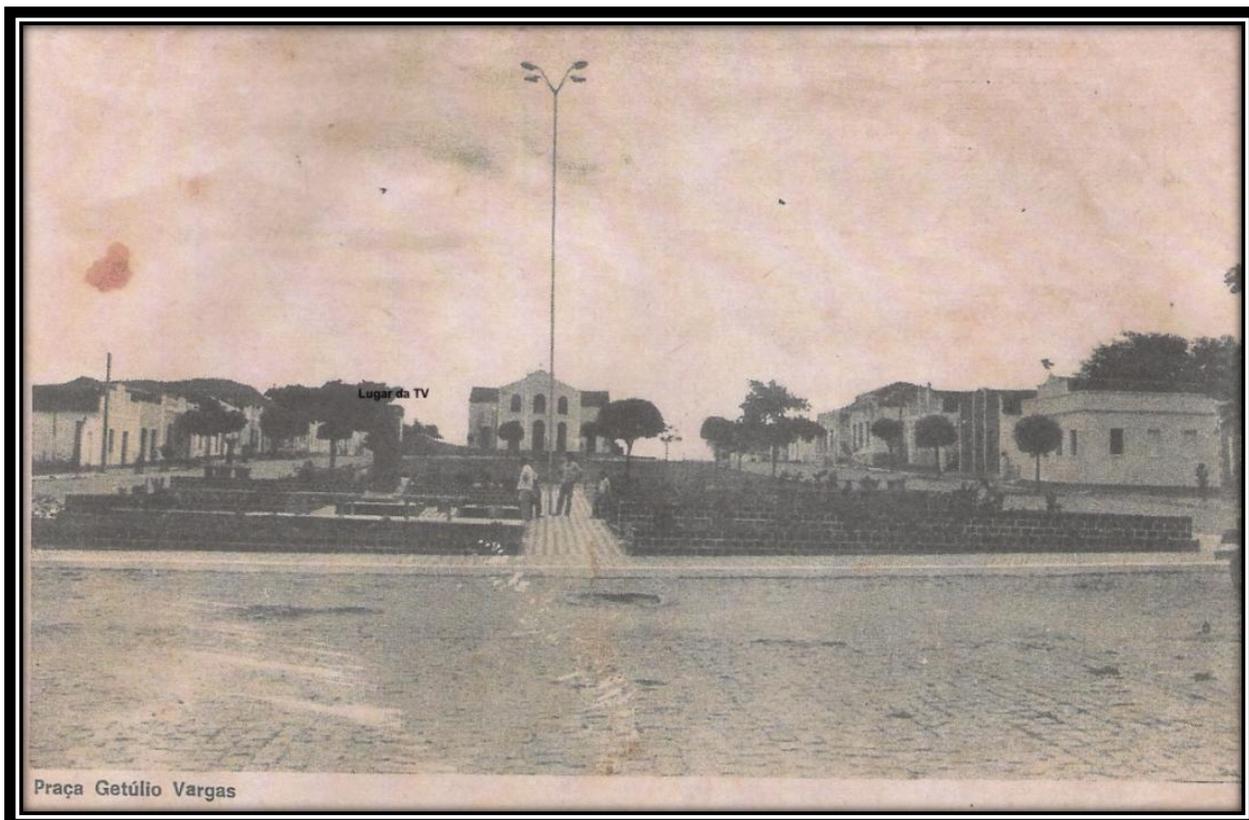
#### 4.4 Da praça pública ao mundo televisional

Paulatinamente, a televisão ganhava grande importância no cotidiano da *urbe*. Embora o número de televisores tivesse aumentado no decorrer dos meados dos anos setenta (1970), boa parte da população, por não possuir condições financeiras para adquirirem um televisor, ainda estava longe de possuí-lo. Como vimos, as pessoas que não possuíam TV em casa, deslocavam-se de suas residências para os lares de quem a possuía. Por muitos anos, os donos de televisão viam suas casas “invadidas” por colegas e vizinhos.

Em muitas cidades do interior do Nordeste, boa parte da população ainda estava privada de usufruir desse objeto técnico de comunicação, como era o caso de São Vicente (RN). A solução encontrada pelos poderes públicos municipais foi colocar televisores nas praças públicas. Instalar aparelhos em locais de fácil acesso para a população passou a ser estratégia política dos prefeitos dessas cidades rurbanas. (TRIGUEIRO, 2004, p. 187).

Entre os anos de 1973/74, em que a televisão era “peça rara”, na casa de poucos privilegiados, iniciava-se a construção de uma praça de encontro, lazer e sociabilidade na cidade. A Praça Getúlio Vargas substituiria a quadra de esportes que foi demolida para sua edificação. Vale salientar que era nessa quadra de esportes que acontecia os encontros diários da população. Esse espaço tornou-se um ambiente bastante frequentado pelos vicentinos, principalmente pela juventude. Essa praça foi construída com um “monumento”, ou seja, um lugar reservado para se colocar uma televisão.

Após o término da praça, o prefeito Osmildo Fernandes e o vice-prefeito Cícero Gundim recebem de doação do Governador do Estado um televisor público, que foi instalado nesse espaço. Esse fato foi reportagem no Jornal Diário de Natal no ano de 1974, como mostra a figura abaixo.



Praça Getúlio Vargas

Figura 06- Fonte: Jornal Diário de Natal, Sábado 30/03/1974 (Osmildo Fernandes)

Reunia-se a cidade inteira ali à noite para assistir à televisão, que era ligada às 18 horas desligada às 22 horas. Nessa época, um funcionário público exercia a função de ligar e desligar a televisão nos horários designados pelo poder político municipal. Nesse espaço era o poder público que decidia o tempo de uso da TV. Era grande o número de pessoas felizes por terem um espaço público reservado para consumir seus tele-programas, deixando de “incomodar” os seus “televizinhos”. O interessante é que até aqueles que possuíam o aparelho, iam também à praça juntar-se à população beneficiada.

As memórias de Cícero Gundim sobre a praça da televisão vão de encontro exatamente com outras narrativas orais dessa pesquisa. Segundo ele, a praça passou a ser frequentada assiduamente por pessoas de diversas categorias sociais. Era o lugar escolhido pelos vicentinos de colocar a conversa em dia e também de acompanhar a programação da TV. Os próprios donos de TV deslocavam-se à noite de suas residências para a Praça Getúlio Vargas no intuito de fazer parte dos acontecimentos midiáticos.

Em São Vicente (RN) assistir televisão na praça passou a ser preferência de muitos. A praça adveio a ser um “espaço de confluência” de quase toda a comunidade para acompanhar os programas televisivos (TRIGUEIRO, 2004). Para muitos vicentinos passou a existir novos motivos para encontros, diálogos, lazer e entretenimento na praça.

È na telepraça onde são estabelecidas as relações sociais e culturais midiáticas; a gramática corriqueira, a gramática do lugar, ganha uma nova gramática de temporalidade e especialidade definida pelo entrelaçamento das agendas tradicionais com as agendas ofertadas por dispositivos motivadores de novidades vinculadas por vidas reais do local e virtual do global (TRIGUEIRO, 2004, p. 195).

A televisão, no monumento especialmente construído para recebê-la, ganhou notoriedade da cidade. Constitua-se num espaço de domínio público de convivência social, *de entrecruzamento de quase todos os interconhecidos* (TRIGUEIRO, 2004, p. 199).

Com a presença desse aparelho em praça pública, outro contorno de vida se introduziu na *urbe*; os horários de comer e dormir se alteraram; os costumes também mudaram, passando a existir novos motivos aos encontros na praça. A TV é mais um dispositivo transformador de valores simbólicos e princípios da ordem social,

A televisão na praça contribuiu para a forte diminuição da população das casas que possuíam TVs, transformando a *telepraça* num tradicional *espaço público midiático* (TRIGUEIRO, 2004, p.204), como ponto de encontro e de efervescência dos vicentinos, um *lugar de convergência e de hibridização cultural* (*Op.cit. p.204*). Ou seja, um verdadeiro lugar de convivências dos diversos símbolos culturais e de liberdade de comportamentos.

Com a televisão na “praça de cima”, a população da Rua Velha (centro histórico da cidade), deslocava-se todas as noites para a parte alta da cidade, visto que esses habitantes estavam privados de tal mídia.

Segundo relatos, após algum tempo, o poder público instalou durante a noite uma televisão usada no patamar da Igreja de São Francisco, localizada na parte baixa da cidade, para que essa população tivesse acesso. Após alguns anos, foi construída uma praça e colocado outro aparelho.

A telepraça era um local que abrigava diferentes pontos de vista, diferentes argumentações e as múltiplas interpretações dos acontecimentos midiáticos. O constituinte de audiência da telepraça é mais ousado, mais astuto, mais solto das amarras dos códigos ético e morais das casas, sendo mais livre para argumentar de assuntos mais polêmicos (TRIGUEIRO, 2004, p. 224).

A TV na praça era uma sala de visita aberta ao público como um espaço mais liberal do que o espaço da casa. (TRIGUEIRO, 2004, p. 227). Muitos assistiam à programação sem medo da represália dos pais e dos mais velhos e com a liberdade de darem opiniões e críticas.

De acordo com Da Matta (1991), o espaço da casa exige interpretações e argumentos das narrativas da televisão, diferentes daquelas solicitadas no ambiente da praça. Diante da presença da TV nesse espaço público, os encontros de sociabilidade vinculados em torno

desse meio de comunicação em algumas residências da cidade são transferidos para esse espaço, uma vez que algumas pessoas ainda privadas de possuir a TV continuavam a frequentar as residências dos vizinhos.

Não há como negar a importância da televisão, os modelos como ela oferece o conhecimento que produz e a atualização sobre os acontecimentos do mundo que ela promove. Não se pode deixar de perceber que ela representa um dos mais importantes traços constitutivos da cultura, da sociedade, do indivíduo, de suas respectivas histórias e memórias.

Gramsci (1966) afirma que a cultura se transforma devido à interação entre a visão científica (artístico-erudita) com a do senso comum.

Pelas imagens da TV, os vicentinos captavam as transformações do homem, de sua história, de seu cotidiano e da própria visão que construía sobre si mesmos.

Segundo Noya Pinto:

Os períodos históricos têm mostrado que o homem vai refazendo a sua própria maneira de olhar-se. Quando sua imagem se desgasta, temos um surto de novas ideias, um surto de novas posições, que refazem a imagem que ele faz de si próprio. (1997, p. 13).

Os discursos midiáticos circulavam na sociedade sugerindo alterações na vida, na linguagem e na alteração no tempo, criando efeitos de sentido que influenciam os aspectos do cotidiano. A TV mudou as práticas cotidianas da cidade por meio de novas representações que geraram outras ao longo da história. As conversas nas calçadas já não eram tão atrativas e o espaço da sala de visita dos lares transformava-se em um novo ambiente de sociabilidade. As conversas nas ruas, no trabalho, no espaço familiar já não se limitavam aos problemas cotidianos ou comentários da vida alheia. Os programas televisivos, sobretudo, as telenovelas e os esportivos, eram motivos de comentários. Os espaços de lazer e entretenimento da *urbe* se modificaram em palco dos modismos exibidos pela TV. Querendo ou não, esse poderoso aparelho está incluído na história da vida midiática da cidade para a qual alterou valores, costumes e hábitos dos vicentinos que compartilhavam dessa mídia nas tessituras sociais das reuniões de sociabilidade de alguns lares vicentinos e, posteriormente, na praça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O embrião que deu vida a essa pesquisa começou a ser gestado numa análise anterior, no projeto monográfico da graduação, que me fez acreditar que em uma próxima investigação deveria investir a fundo na narrativa da presença das primeiras televisões e das principais mudanças geradas no cotidiano da cidade. Foi então que cheguei ao mestrado na proposta de compreender as tramas tecidas nas ou pelas memórias de quem vivenciou esse acontecimento, relacionando-os com os processos de sociabilidade da época.

Ao longo dessa dissertação, podemos perceber como os espaços da TV em alguns lares vicentinos, em especial, as residências dos depoentes, vieram conquistando o uso coletivo e se constituindo como novo espaço de sociabilidade da cidade, de tal forma que essas reconfigurações vêm atreladas pela presença da TV a partir de 1970.

Conforme Trigueiro (2004), no Brasil atual, é quase impossível investigar-se o cotidiano de uma comunidade ou de uma cidade, sem incluir a televisão que é, sem dúvida, uma instituição importante no sistema de organização de significado e de sentido da sociedade contemporânea, que atua na multiplicidade de tantas outras interações da vida cotidiana de pessoas e da coletividade.

A vida brasileira não é só habitada nas grandes cidades, nas cidades globais onde os espaços públicos dos encontros familiares, de vizinhos e de grupos de amigos são cada vez mais degradados, e quando muito, são territórios onde se travam batalhas cotidianas de sobrevivência urbana. (TRIGUEIRO, 2004, p. 342).

Nessa conjuntura, as mudanças que trilhavam a pequena cidade, “aumentaram” com a chegada do primeiro aparelho de televisão, trazido por Osvaldo Fernandes da Costa em maio de 1970. O futebol foi o maior incentivador para que ele a adquirisse. Com isso, a transmissão dos jogos, já bem presentes na *urbe*, ganhou notoriedade na sociedade, constituindo espaço de sociabilidade por todas as camadas sociais. A cidade formava uma mesma torcida e colocava-se em frente ao aparelho para consumir o futebol.

Pode-se dizer que as práticas de lazer e sociabilidade dos vicentinos entre a década de 1960 até inícios da década de 1970 se limitavam ao rádio, à exibição do cinema uma vez por semana, aos encontros na quadra de esportes e ao redor do mercado público, aos passeios na praça e as frequentes comemorações religiosas. A cidade apresentava basicamente atividades ligadas a formas de sociabilidade e ao lazer clássicos.

Em 1970, com a TV, o hábito de sentar na calçada com familiares e vizinhos não tinha a mesma força de antes. A TV atraía as pessoas para o interior do lar e não mais para o exterior. O novo “espaço de diálogo” desses habitantes era especificamente na sala-de-estar, ao redor do aparelho de TV, nos espaços privados de algumas residências. Essa foi uma mudança consideravelmente marcante na vida dos vicentinos, pois como vimos no desenvolvimento dessa pesquisa, pessoas antes distantes das famílias que possuíam a TV se aproximavam criando novos laços de amizade e novas relações de sociabilidade com inúmeros outros vicentinos. Era dentro dessas casas, diante da televisão, que esses habitantes experimentavam as novidades do mundo e novos círculos de amizade.

Os lares que possuíam televisão na *urbe* eram recintos de confluência de familiares, amigos, vizinhos e conhecidos. Nessas sociabilidades, os vicentinos, constituintes de audiência apropriavam-se simultaneamente dos espaços da TVs, imprimindo usos e significados. Os espaços, eram aqueles em que os sujeitos, como parte e parcela deles, construíam uma relação “mútua” e dialógica, para suas múltiplas experiências sociais.

O televisor era o próprio objeto de consumo e de desejo de grande parte da população e mediador de um novo *status* social para quem o possuía. A presença dos vicentinos nos domicílios dos primeiros proprietários de TV era pautada pelos rituais de cortesia e acolhimento. Os donos de TVs se sentiam “orgulhosos” de terem seus lares preenchidos de pessoas “sedentas” do consumo das imagens. Nesses espaços, existia uma notável rede de comunicação operada pelos constituintes da audiência. A televisão se insere no contexto das discussões diárias e o cenário da sala se modifica no entrar e sair das pessoas em busca de um lugar ao redor desse aparelho.

E a partir desse espaço de recepção, tendo interiorizado o produto e estabelecido relações possíveis entre esse conteúdo midiático e suas experiências pessoais, de maneira a incorporá-los em seu repertório, o sujeito passa a interagir nos demais espaços de socialização pelos quais circula. (BRAGA, 2001).

O lugar da TV foi mais uma alternativa às práticas de sociabilidade tecidas pelos habitantes da cidade. A sociabilidade via a TV recriava e reproduzia um ambiente social farto, enquanto possibilitador de interações sociais, tanto nas residências quanto, logo depois, em praça pública. As sociabilidades são tramadas no âmbito indissociável dos espaços públicos e privadas da cidade por meio de relações entre indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços sociais com outros personagens. (ARAÚJO, 2008).

A temática televisiva ganhava notoriedade nas conversas da casa e da rua. Seu espaço na casa representava um espaço de relações estreitas e de proximidades. Era o surgimento de

uma nova forma de sociabilidade concebida pelas reuniões diária da família e vizinhos para assistirem a programação. A essa família, unia-se vizinhos, amigos, parentes e conhecidos, muitas vezes, nem sempre convidados, para durante algum tempo desfrutar da novidade, mesmo que fosse fora de casa, pela porta ou janela. O que se perdia em sossego, ganhava-se em prestígio social.

Os espaços domésticos também se reorganizaram com o surgimento da televisão, a começar pelo mobiliário. O recinto da TV eram as salas de visitas que ampliaram suas funções: de estar, de lazer, de convivência, de informação e de serviço. Reunir-se em frente à televisão após o jantar para assistir à telenovela, mais que um hábito, tornou-se um ritual nos lares vicentinos. Aos poucos, o público se habituava a fixar os horários, organizados e administrados pela televisão.

Sem dúvida, essas mudanças foram aceleradas pela mídia, sobretudo pela televisão como motivadora dos hábitos sociais da cidade grande. Assim, os vicentinos foram se apropriando de seus conteúdos, que começaram a aflorar nas práticas cotidianas da vida da cidade. A televisão proporciona prazeres, revoltas, tensões e afrouxamentos morais, éticos, estéticos, religiosos, políticos que se multiplicam nas redes da comunicação cotidiana. E, nesse jogo de construção de novos sentidos ofertados por ela, são constituídos os sentidos no local onde se mesclam hábitos da sociedade midiática com os da sociedade tradicional rural sertaneja, ou seja, o *neoethos*-sertanejo (TRIGUEIRO, 2004, p. 170).

Esse ciclo de sociabilidade que se formava diariamente via televisão, especialmente no período da noite, gestava uma nova maneira de estar com o outro. A aglomeração na frente ou dentro das residências só desapareceu à medida que as famílias foram comprando os seus aparelhos de TV e com a instalação do televisor em praça pública.

Com a TV, o tempo na *urbe* ganhou uma nova dimensão que passou a interferir não só nos processos de trabalho, mas no próprio modo de vida, conferindo-lhe maior intensidade.

No entanto, não podemos negar que atos e ações do cotidiano, próprias de um passado “distante”, permaneceram ainda na cidade, onde ganhavam um novo significado. Ocorre uma mudança qualitativa, porém não substantiva em tais atos.

Embora a TV não traga a anulação completa das formas de sociabilidade tradicional, ela atualiza e reconfigura certas práticas e vivências. Reclusos em suas residências, assistindo à programação, os vicentinos se extasiavam com a gama de informações e os variados estilos de vida, propagados pelas telenovelas de maior audiência entre eles, especialmente para o público feminino. Assim, não resta dúvida de que as telenovelas conseguiram “dominar” os

espaços domésticos, organizando o tempo do lazer e, de certa forma, negando o espaço da rua, reconfigurando uma nova espacialidade, implicando várias alterações na sociabilidade.

Com o passar do tempo, a televisão firma-se cada vez como um respeitável meio de informação, entretenimento e de influência cultural. Isso ocorre com a instalação do aparelho na Praça Pública Getúlio Vargas. Criou-se na *urbe* o hábito de assistir TV coletivamente nos bancos da praça, esvaziando-se as casas, o que configurou um amplo espaço de sociabilidade. Uma relação sujeito-televisão-recepção (TRIGUEIRO, 2004), que acontecia de maneira interativa.

Com isso, podemos perceber que a vida cotidiana se organiza também graças aos elementos culturais instituídos e vividos pelos indivíduos diariamente. Indiscutivelmente, a caixa de som e imagens, não atuou apenas como uma aglutinadora de atenção na cidade, mas tornou-se para essa população um dos elementos referenciais, reproduzindo aspirações, tendências e novas práticas sociais. Enfim, essa caixa de comunicação que impulsionou transformações na *urbe*, conquistou lugar de excelência na sociedade vicentina.

Reconheço que a construção dessa pesquisa só foi possível devido aos diálogos trazidos no desenvolvimento do trabalho com as diversas fontes. Neste universo, a memória oral foi uma possibilidade essencial na reflexão e compreensão da cidade de São Vicente (RN) nos primeiros tempos da TV. Essa trama, tecida no cotidiano e nas experiências sociais, contribuiu para o resguardo da memória coletiva.

Trabalhar com narrativas de memória é buscar o seu fazer e refazer na vida cotidiana dos sujeitos. As memórias são recriadas e acrescentadas de novas experiências. Halbwachs (2004, p. 31-40) analisa que a memória possui um componente afetivo muito importante e que tendemos a guardar as lembranças daquilo que nos interessa de algum modo afetivamente.

A memória não é a totalidade mimética do passado, mas uma síntese fragmentária, uma colagem de cacos do ocorrido, recolocados no seu lugar – no meio de lacunas, vazios, acréscimos – que exige uma arte, a arte da memória – [...] para colocar-se em seu tenso diálogo com o esquecimento (VECCHI, 2001, p. 86).

No caso específico dessa pesquisa, as entrevistas semi-estruturadas nos possibilitaram adentrar na vivência do entrevistado, na medida em que vinculávamos o assunto em estudo. Foi muito gratificante participar dessas narrativas orais, no processamento dessas fontes de memória, que constituiu como conteúdo fundamental para a riqueza e singularidade da investigação. Embora foi um grande desafio selecionar e articular as expressões das memórias dos diversos vicentinos com quem dialogamos.

As memórias dos vicentinos tiveram grande relevância social na pesquisa. Nossos entrevistados puderam descrever em suas narrativas, pela memória, com base em suas experiências de vida, relatos que possibilitaram novas leituras e novos olhares sobre a presença da TV na *urbe*.

São Vicente (RN), na atualidade, ainda constitui ares de uma cidade rurbana, mesmo sendo composta de elementos globais, como agência bancária, lotérica, caixas eletrônicas, provedores de *internet*, emissora de rádio, academia de ginástica, lojas de roupas populares e de marcas, de eletrodomésticos, calçados e outras variedades. Ela possui seus espaços próprios para festas, centros culturais que possibilitam as invenções da quebra da rotina típica cotidiana das cidades pequenas. E são nesses lugares que se estabelecessem novas vivências, relações sociáveis agregadoras de significados e de significados da televisão, que não possui o mesmo sentido de antes: de unir coletivamente os vicentinos ao seu redor.

No Brasil atual, a televisão continua sendo o aparelho comunicacional mais acessível, econômica e culturalmente para grande parte da população. Sua presença passou a ser importante na construção da modernidade latino-americana com todas as suas contradições.

Comparada há décadas passada, ela é um artefato de baixo custo de compra e de manutenção. É imprescindível em nossas casas como utensílio de uso da família. Sua programação é assistida por bilhões de pessoas, independentemente de etnias, religiões, ideologias, classes sociais e econômicas, todos os dias, em vários lugares do mundo. (TRIGUEIRO, 2004).

Diariamente, grande parte da população brasileira faz uso da tevê para se informar ou para seu entretenimento.

Para Trigueiro (2004), é a mídia que mais proporciona as novas visões do mundo de fora, dos outros lugares, os quais aproximam as distâncias dos centros grandes urbanos das pequenas cidades, vilas e comunidades rurais, espalhadas pelo imenso território brasileiro.

Em São Vicente (RN), a TV exercia o papel de aglutinar e unir as pessoas. O seu sucesso era estrondoso. Óbvio que as pessoas continuavam a sentarem nas calçadas, a passearem nos espaços públicos da cidade, mas logo que chegava o horário dos programas preferidos: novelas, auditório, jogos de futebol e noticiários, elas largavam literalmente o batente e entravam em seus lares ou saíam para as residências que possuíam TV no intuito de acompanhar esses programas audiovisuais.

Essa popularidade da TV era mensurada pelos mutirões de pessoas que se deslocavam de suas casas para os lares que possuíam tal aparelho, o qual se tornava uma forma de as pessoas se sociabilizarem pelo prazer de se reunir.

Para finalizar, reconheço que algumas questões ficaram em aberto, prontas para aguçar a curiosidade de outros pesquisadores. Diante das lacunas, brechas e rastros deixados, inevitavelmente, ao longo de um trabalho científico, outras coisas poderiam ter sido ditas, narradas e contadas nessa cartografia textual que, quem sabe, podem ser refletidas, construídas e reconstruídas em outro momento da vida acadêmica.

É fato que a televisão foi fundamental à história das práticas cidadinas em São Vicente e, de algum modo, quando surgiu, mudou o destino de muitos e, talvez, da própria cidade.

Contar um pouco dessa história não foi tarefa fácil, mas muito prazerosa. Descobrimos mais do que nos foi dito. Montando essas peças, conhecemos fatos e pessoas que fizeram parte desse contexto. Almejamos que esse trabalho tenha contribuído significativamente à história do cotidiano e dos meios de comunicação da cidade de São Vicente (RN).

## Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero: “muito mais coisas”*. Bauru: EDUSC, 2003

ALCANTARA JUNIOR, José O. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista (UFMA)*, São Luís, v.03, p. 31-40, 2005.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Dossiê História Oral: Uma breve apresentação. *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 2, Ano II, nº 2, Universidade Federal de Uberlândia. 2005.

AMARAL, L. A. *Conhecendo a Deficiência: em companhia de Hércules*. São Paulo: Robe Editorial. 1995.

ANDRADE, Arnon A. Mascarenhas de. Política e afeto na produção de identidades e instituições: a experiência potiguar. *Revista Brasileira de Educação*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso, em 15 de mai de 2011.

ANDRADE, R. M. B.; SILVA, E. H. *O rádio nos anos cinqüenta no Nordeste do Brasil: produtores e ouvintes em perspectiva*. In: IV Encontro Nacional de História da Mídia. São Luiz, 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga, (org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARAÚJO, Douglas. *A morte do Sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-90)*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2003.

ARAÚJO, Francisca das Chagas da Silva Oliveira; ALVES, Francivalda Vicente da Silva. *Evolução Urbana de São Vicente*. Monografia. Curso de História. UFRN – CERES, Campus de Caicó, 2000.

ARAÚJO, Iaperi. et al. *Cidade de São Vicente: Vida e Memória*. Natal: Editora Universitária, UFRN, p. 32, 1997.

ARAÚJO, Valéria Maria Vilas Boas. TV Pública no Brasil: história, regulamentação e a criação da TV no Brasil. Colóquio Internacional: Televisão e Realidade, 2008. Disponível em: <http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Valeria%20Vilas%20Boas.pdf>. Acesso em 10 de jun de 2011.

ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de Araújo. *Sobre Pedras Entre Rios: Modernização do Espaço Urbano de Caicó (1950/1960)*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008b.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely. *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. “A lógica social do consumo”, pp. 49-77. In *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, p. 241. 1998.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão brasileira: Uma (re)visão. *Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia-MG, vol. 04, n.02, 2007a, p.12.

BARACHO, Maria Luiza Gonzalves. *Modernidade me Preto e Branco: A televisão em Curitiba*. Tese. Doutorado em História. PPDH/UFPR, Curitiba, 2007b.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. São Paulo: Papirus, 1998.

BONIN, J. A. Mídia e memórias sociais: Recepção midiática e configuração de memória italiana (RS). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – CONTRACAMPO*, Universidade Federal Fluminense, n.20, Niterói, 2009. p. 79-93.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*, Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. Decreto-Lei no 236, de 28 fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del0236.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0236.htm)>. Acesso em: 21 de fev. de 2011.

BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 3vol. 1995

BRETON, Philippe, PROULX, Serge. “O Renascimento, ou a renovação da comunicação”, pp. 39-50. In: *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CANCLINI, Néstor. *La globalización: imaginada*. Buenos Ayres: Paidós, 1999, p. 166.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998.

CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006, p.19.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COSTA, John Lennon da Silva. *A Cotonicultura em São Vicente: uma história produtiva*. Caicó/RN: UFRN-CERES, Monografia de Graduação do Curso de História. 2008.

COSTA, M. Soutelinho da. *A proteção do centro histórico de Petrópolis*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAU, 2002.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar. 1981.

\_\_\_\_\_. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 1991.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da Imagem: uma história da imagem no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEL PRIORY, Mary. *História do Cotidiano e da Vida Privada*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DYMETMAN, Annie. *Sociologia para não-sociólogos*. São Paulo: USTJ, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUPAS, Gilberto. *Economia Global e Exclusão Social: Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo*. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erich. *Memória e Sociedade a Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESCHER, Thiago de Aragão. *Futebol (Tel) Espetáculo como lazer: um exame sobre as manifestações do futebol brasileiro*. Dissertação de Mestrado a Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução In: T. T., SILVA (org.), *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, Belo Horizonte, Autentica, 2004.

FANUCCHI, Mario. *Nossa próxima atração – o interprograma no Canal 3*. São Paulo: Edusp, 1996.

FERREIRA, Rosila Arruda. *A pesquisa científica nas Ciências Sociais: caracterização e procedimentos*. Recife: UFPE, 1998.

FIGARO PAULINO, Roseli A. *Comunicação trabalho*. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco. 1982.

GAELZER, Lenea. *Lazer: benção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina, 1979.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Edson Fábio Pereira; GOMES, Suêrda Matias da Silva. *Para se ver e se encantar a televisão está no ar: a chegada da televisão no cotidiano caicoense*. Monografia (Graduação). Curso de História. UFRN-CERES, Campus de Caicó, 2005.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GUERRA, Marco Antônio; MATTOS, Paula de Vincenzo Fidelis Belfort. *Indústria Cultural*. São Paulo: USJT, 2008.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidade da mineração: memória e práticas culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006, p. 21.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. “A identidade em questão” e “O global, o local e o retorno da etnia”. In: *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, 2003.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); SCHARCZ, Lilia Mortiz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.439-558.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HUHTAMO, E. Do caleidoscópio maníaco ao cibernerd. *Revista Famecos*. N.19, Dezembro, p. 101-109, 2002.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens - O Jogo Como Elemento da Cultura*. São Paulo: Perspectiva. 1971

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

IBGE. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/> acesso em 20 de mai de 2011.

JÚNIOR, Gonçalo. *O maestro da TV*. *Gazeta Mercantil*, 30 dez., suplemento Fim de Semana, 1998. p.1.

JÚNIOR, José Alcântara. O Conceito de Sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*. São Luiz, v3. n.2. 2005. Disponível em: [http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005\\_2/jose\\_alcantara\\_v3\\_n2.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf). Acesso em 14 de junho de 2011.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. *Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

KELLNER, Douglas. *Cultura da Mídia*. Bauru, EDUSC, 2001, p. 12.

KLAGSBRUNN, Marta Maria. A telenovela ao vivo. In: SOUZA, Mauro Wilton de; (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo. Brasiliense, 2002.

KOHLSDORF, Nara. *Televisão: a socialização na sociedade de consumo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Técnicas de pesquisa*. 3 edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEITE, Sidney Ferreira. Reflexões sobre comunicação e sociedade: as contribuições de Douglas Kellner. Artigo. *Revista eletrônica e-compos*, 2004. Disponível em: [htt://www.compos.org.br/e-compos](http://www.compos.org.br/e-compos). Acesso em 25 de mar de 2011.

LEVFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. *Revista Movimento*. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

LORÊDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro. 2000

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, no. 4, December 1979a, pp. 520-526. \_\_\_\_\_. The fact of fiction in organizational ethnography. *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, no. 4, December 1979, pp. 539-550.

MACEDO, Adeilton Dantas. *Mapeando a urbe: a cidade de São Vicente entre as décadas de 1950 e 1980*. Monografia (Graduação). Curso de História. UFRN – CERES, Campus de Caicó, 2006.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões humanas*. São Paulo: ed. Cultrix 1974.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O lazer na cidade*. São Paulo, 1994. Disponível on-line em: <http://www.n-a-u.org>. Acessado em: 10 set. 2011.

\_\_\_\_\_. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. 2 ed. São Paulo, Editora Hucitec. 1998.

MANCEBO, Deise. *Globalização e efeitos de subjetivação*. Logos,7, 2000.

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo, Nova Cultural, 1985.

MATTELART, Armand. *História da Sociedade da Informação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MATTA, Maria Cristina. *Radio: memórias de la recepcion – aproximaciones a la identidad de los setores populares*. In. *Dialogos de la Comunicación*, nº 30. Lima, 1991. Disponível em: [www.aler.org/index.php?...radio-memor](http://www.aler.org/index.php?...radio-memor). Acesso em: 20 de mai de 2010.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira - Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 4ª Ed., 2009.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, opinião, desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes. 1975.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. 2ed., São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução: Fidelina Gonzáles. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4, p. 574

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: N° 34, 1992, p. 9-23.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al.(Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MOTTA, Adauto Gouveia. Descrição do Projeto Saci na Área de Operação TV Universitária. INPE-502-R1/213. 1974. Disponível em: [ag.motta.sites.uol.com.br/ProjetoSACI.pdf](http://ag.motta.sites.uol.com.br/ProjetoSACI.pdf). Acesso em: 03 de junho de 2011.

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos. *Olinda uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal da Bahia, Bahia –BA, 2008.

NOYA PINTO, Virgílio. *Comunicação e Cultura Brasileira*. 3ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 20-30.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a Família a Nossa Imagem: A construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (de 20 a 30)*. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. UFPE-CFCH, Recife, 2002.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de Metodologia Científica*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

OTONDO, Teresa Montero. Experiência - TV Cultura: a diferença que importa. In: RINCÓN, Omar (Org.). *Televisão Pública: do consumidor ao cidadão*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002, p. 267 - 200.

PERES, Fabio de Faria et all. A ‘sensibilidade’ de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 2011. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/FabioArt.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n 53, jan./jun. 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos. Vol. 02. nº 03, 1989.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. “Globalização: notas sobre um conceito controverso”. In: *Seminário Desenvolvimento no Século XXI*. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2001. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/prebisch/pdfs/17.pdf>. Acesso em maio de 2011.

PRYSTHON, Ângela. Interseções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação. *Revista Eletrônica e-compós*. Edição 1, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em: 06 jun. 2011.

QUEZADO, Ana Carolina Macedo. *Fortaleza nos primeiros tempos da TV*. Dissertação (Mestrado em História ). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

REZENDE, Cláudia Barcellos. *Os Limites da Sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 28, 2008.

RIAL, Carmen. “Futebol e Mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa”. in: *Antropolítica: revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política* (14/1) Niterói: UFF. 2003

RIBEIRO, Ana Paula de Araújo. *Pela Tela, Pela Janela: a televisão e as práticas em São Vicente (RN)*. Monografia. Curso de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, CERES, Campus de Caicó (RN), 2008.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. *Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>. Acesso em: 08/08/2011

SANTOS, Nadson Gutemberg G. Santos. *TV Universitária: do Saci ao novo milênio*. Projeto experimental em jornalismo. UFRN: Natal, 2002.

SANTOS, R; SANTOS, R. N. Rurbanização como estilo de desenvolvimento em Gilberto Freyre. In: AMODEO, ALIMONDA. (Org.). *Ruralidades, capacitação e desenvolvimento*. 1 ed. Viçosa: UFV/CPDA, 2006, v. 1, p. 27-43.

SANTOS, Myrian S. dos. Teoria da memória, teoria da modernidade. In: Avritez, L. & Domingues, J. M (orgs.). *Teoria social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

SELLTIZ, C. JAHODA, M., DEUTSCH, M., COOK, S. M. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. Herder/ EDUSP, São Paulo, 1965.

SILVA, Charlei Aparecido da; FILHO, Archimedes Perez. As possibilidades de sustentabilidade do sistema turístico do município de Brotas (SP). *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/23.pdf>. Acesso em 08 de jun de 2011.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. Let us return to the murmuring of everyday practices: a note on Michel de Certeau, television and everyday life. *Theory, Culture and Society*, vol. 06, p. 77-94, 1989.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática: as consequências da segunda revolução industrial*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHUTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 123-193.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_(Org). *História da vida privada no Brasil: v.3. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998

\_\_\_\_\_. *A corrida para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução Pedro Caldas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 59-82;

\_\_\_\_\_. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1996. p. 165-181.

\_\_\_\_\_. et al. *Sociologia*. (Org). Evaristo de Moraes Filho; tradução de Carlos Alberto. São Paulo, Ática 1983.

SIMMEL, Georg. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002:

SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In:\_\_\_\_. COSTA, Alcir Henrique da.; et. al. (Coord.). *Um país no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p-11-121.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

\_\_\_\_\_. Let us return to the murmuring of everyday practices: a note on Michel de Certeau, television and everyday life. *Theory, Culture and Society*, vol.6, p. 77-94, 1989.

SOARES, Iaponan. *Notas á margem da História de São Vicente*. In: ARAÚJO, Iaperi et al. *Cidade de São Vicente: Vida e Memória*. Natal: Editora Universitária, UFRN, 1997

SODRE, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. In: *Revista Matrizes – revista do Programa de Pós-Graduação em ciências da comunicação*, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007, p. 15-26.

\_\_\_\_\_. *A máquina de Narciso*. Rio de Janeiro: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. *O monopólio da fala* (Função e Linguagem da Televisão no Brasil). Petrópolis: Vozes, 1981.

SOUZA, Marcos André Vinhas. *Bios Midiático: o corpo como limite da comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande — 1920-1945*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Mídia e a Modernidade*. Uma teoria social da mídia. Petrópolis, Vozes, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRIGUEIRO, Osvaldo. *Quando a televisão vira outra coisa: As estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José de Espinharas-PB*. Tese (Doutorado em ciências da comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo (RS), Universidade do Vale dos Sinos (RS). 2004.

TUFTE, Thomas. Televisão, modernidade e vida cotidiana. In: *Comunicação e Sociedade*. N. 29, São Bernardo do Campo: UMESP, 1998, p. 133-163.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

WOLTON, Dominique. *Elogio do Grande Público. Uma Teoria Crítica da TV*. São Paulo: Ática, 1996.

VECCHI, Roberto. Barbárie e Representação: o silêncio da testemunha. In: PESAVENTO, Sandra (Org.) *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 71-94.

VEIGA, José Eli de. *Cidades imaginárias: o Brasil é menor urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, p. 304, 2002.

VERON, Eliseo. As mídias na recepção: os desafios da complexidade. In: *Fragments de um Tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, p. 273 -284, 2004.

XAVIER, Nilson. *Almanaque da Telenovela Brasileira*. São Paulo: Panda Books, 1º ed. 2007.

**FONTES ORAIS**

COSTA, Osvaldo Fernandes da. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 23 mai. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

FERNANDES, Josefa Salete da Rocha. (Dulce). **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 13 de jul. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

GAMA, Maria Salete. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 05 jul. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

GUNDIM, Cícero. **Pela Tela, Pela Janela**, São Vicente, RN, 04 abr. 2008. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

\_\_\_\_\_. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 15 jul. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

NONATO, Maria das Graças. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 12 jul. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

MEDEIROS, Raimundo. **Pela Tela, Pela Janela** São Vicente, RN, 13 mar. 2008. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

\_\_\_\_\_. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN, 11 jul. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro

SANTOS, Sinforosa Ferreira dos. **A Televisão em São Vicente**, São Vicente. RN. 12 abr. 2008. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

\_\_\_\_\_. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente. RN. 15 set. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro (anotações).

SANTOS, Eneide Alves dos. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, RN. 15 de set. 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

SILVA, Elita Alves do Santos. **São Vicente nos primeiros anos da TV**, São Vicente, 18 de jul. de 2011. Entrevista concedida a Ana Paula de Araújo Ribeiro.

**PPgEM**

